A CI
GAR
RA
ANNO XVIII
Nº 405
PREÇO 1$

HUMORISMO ESTRANGEIRO

O marido. — Diz esta revista que as mulheres feias são as que dão boas esposas...

A mulher. — Dizes isso para me chamar de feia?

O marido. — Não. Pelo contrario...

— Creio que elle nunca será um bom medico. E' um beberrão!

— Claro! Como pode ser bom medico um homem que vive bebendo á saude de todo o mundo?

Um dos athletas. (durante a inundação). — Oh! diabo! Estamos desmoralizados! Todos estão vendo os nossos pesos boiarem...

— Agora é preciso trocar os nomes das cidades.

— Porque?

— Porque eu puz a indicação ao contrario...

O medico moço. — O doente acaba de dizer que tem céga confiança em mim.

O medico velho. — Ha quanto tempo está elle delirando?

— Ninguem pode confiar nos maridos! Chegam tarde em casa e inventam que ficaram até tarde no escriptorio...

— Quanto a isso, estou descansada... Meu marido é speaker *da radio...*

Enlace Dr. Ubirajara Martins — Ribeiro Branco, realizado a 6 de Outubro corrente.

(Photo Max Rosenfeld)

O louco e as estrellas

(Inedito, para "A Cigarra")

Luziam, vagamente, as ultimas estrellas...
Um louco errante que passava, ao ve-las,
resmungando, feroz, qualquer coisa comsigo,
lhes arremessa uma pedrada.
O ceo, alto, nem viu esse ingenuo inimigo.
Quasi lhe vem de encontro a pedra arremessada...
Furioso, a gaguejar umas phrases impuras,
elle atira, a seguir, novo insulto ás alturas.
Nisso, corre no espaço uma estrella cadente,
e outra, logo depois, velocissimamente...
Emociona-se todo, ao longo do caminho,
como um menino que matasse um passarinho.
— «Chega! — por fim exclama em tom profundo —
Chega! Senão derribo o ceo daqui a pouco...»
Ouvindo-te falar, lembrei-me, ingenuo louco,
dos milhões e milhões de criticos do mundo...

CLEÓMENES CAMPOS

Festa literaria

Na residencia de d. Yde Blumenschein (Colombina), reuniu-se no dia 6 do corrente um grupo de intellectuaes, dos mais representativos do nosso meio, para ouvir a leitura de um punhado de versos de Julio Cesar da Silva, o autor consagrado da «Arte de amar». E' um livro de amor que esse poeta tem em elaboração, ainda todo inédito e que, provavelmente, virá a publico no decorrer deste anno.

Julio Cesar, com sua dicção impeccavel, dizendo versos de feitura original e de inesperados effeitos, entreteve, durante alguns minutos, a attenção daquella assistencia, ávida de emoções.

Disseram versos tambem d. Marilia Escobar Pires, Maria da Gloria Nogueira, Lys Dorison e mais os poetas Cleómenes Campos, Judas Esgorogota, Siqueira Nobrega, Lima Netto, Rocha Ferreira e Annibal Andrade.

Enlace do sr. Luiz Amadeu e srta. Assumpta Basile, realizado em 5 de Setembro.

No proximo numero "A Cigarra" dará a reportagem das festas ao Christo Redemptor, pelo seu enviado especial ao Rio de Janeiro.

ADOLPHO PINTO FILHO

Numa tranquila cidadezinha da Suissa, entre os gelos eternos, aonde se fôra abrigar das rudes inclemencias do clima tropical, falleceu, ha pouco, inesperadamente, Adolpho Pinto Filho. Para quem só attenta nas celebridades do dia, cujos feitos e opiniões enchem de estridor as columnas dos jornaes, pouca coisa dirá, talvez, este nome inesquecivel; para os que acompanham, porém, as revelações do talento, elle recordará alguem que fôra talhado para grandes destinos e que bem cedo soube accudir ao appello da sua illustre vocação.

Com effeito, Adolpho Pinto Filho, como se presentisse a brevidade de uma vida que se extinguiria muito antes do termo natural, não aguardou que a experiencia dos annos, com os desencantos que lhe são peculiares, viesse prescrever-lhe o afastamento do mundo e a clausura do estudo. Ainda no alvoroço da adolescencia, nesse supremo instante da bifurcação, como lhe chama Anatole France, quando outros se quedam indecisos e incertos sobre o rumo a seguir, — elle já escolhera a sua directriz e por ella se embrenhara, procurando galgar aquelles cimos luzentes do saber, que tão raros attingem.

Adolpho Pinto Filho.

Para isso muito contribuiram, de certo, os exemplos e conselhos da solicitude paterna. Ninguem escapa ás suggestões do ambiente. E quem poderia resistir ao prestigio daquelle varão austero, cuja vida se desdobrava através dos annos como perenne lição de dignidade e labor? Qualquer se deixaria vencer pela natural ascendencia de tão nobre alma, e muito mais o filho, que, recebendo a cada instante os seus altos ensinamentos, via de que prodigios é capaz o trabalho e de que bençams consoladoras, de que ricas e abundantes recompensas se corôa uma existencia toda votada ao exercicio do bem.

Quando, pois, concluidas precocemente, e com distinctas notas, as suas humanidades, ingressa Adolpho Pinto Filho na Faculdade de Direito, já não é o bisonho e assustadiço mancebo que ensaia com timidez, na carreira da vida, os passos vacillantes. O seu espirito está amadurecido; a sua vontade, esclarecida e educada. E elle vae consagrar-se á apprendizagem juridica com extraordinario desvelo, collocando-se, pelo consenso geral dos collegas, entre as mais bellas figuras espirituaes da sua geração.

Eil-o de posse do diploma de bacharel e mergulhado no tumulto do fôro. Revela-se, alli, advogado de merito. A extensão dos seus conhecimentos e a habilidade dos seus golpes enchem de surpreza os veteranos do pretorio. Entre admirado e confuso, ha, então, quem indague: — como pudera aquelle jovem estreante adquirir, em tão verdes annos, tanta destreza no manejo dos codigos e tão perfeita sciencia das subtilezas forenses? Milagre da intuição? Sim. Mas milagre tambem da perseverança e do estudo, que apura até o extremo a sensibilidade do espirito, dando-lhe invisiveis antenas, que tudo logram captar.

Mas o torvelinho daquella existencia de luta não condiz com as exigencias meditativas do trabalho mental. A vida do pensamento requer immobilidade e quietude. E é para ella que se sente com pendores o jovem advogado. A pouco e pouco, portanto, vae elle fugindo á frequencia do fôro para se consagrar com redobrado carinho ás suas altas cogitações predilectas. Absorve-se então numa faina sem treguas; submette o corpo e o espirito a uma ferrea disciplina monastica, encurtando cada vez mais, para alargar as da meditação, as horas já escassas do somno e do recreio.

O primeiro fructo desse esforço descomunal é um bello livro — «Ensaios de Sociologia do Direito», para o qual só tem a critica palavras de admiração e louvor. Mas tal victoria acarreta tambem, insensivelmente, a quéda do lidador. O seu organismo não fôra feito para tamanha distensão. Está seriamente abalado, e pede descanso e cuidados extremos. Foi para dar-lh'os que Adolpho Pinto Filho procurou a amenidade dos climas setemptrionaes. Tardia providencia! A morte inexoravel rondava já a sua porta e o levou traiçoeiramente, em plena maturidade, quando maiores e mais sazonadas seriam as producções da sua clara intelligencia.

A exemplo de Machado de Assis, tomado de intensa melancolia ante a prematura desapparição de Eduardo Prado, poderiamos exclamar agora, na profundidade da nossa magua: — como é cruel a natureza ou, melhor, indifferente!...

ROBERTO MOREIRA.

ANNO XV
NUMERO 405

OUTUBRO 1931
1.a QUINZENA

FUNDADA POR GELASIO PIMENTA

REDACÇÃO - ADMINISTRAÇÃO: RUA JOÃO BRICCOLA, 10 - 2.º ANDAR (PREDIO PIRAPITINGUY)

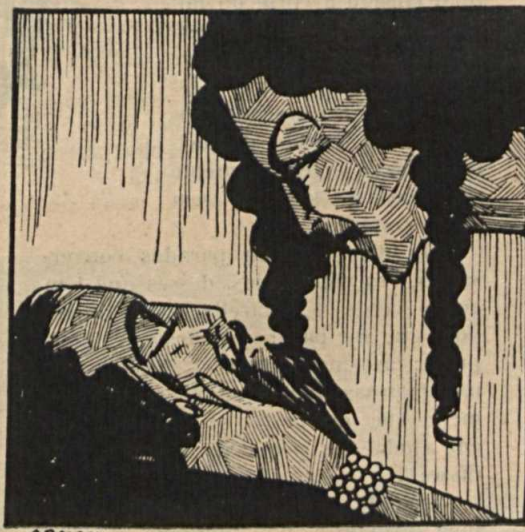
TELEPHONE: 2-3471 — CAIXA POSTAL 2874 — SÃO PAULO

DIRECTOR - PAULO PINTO DE CARVALHO

VIDA

Ella é a amante malvada de todos nós. Que beija, acaricia e espanca. E é amada como nenhuma outra. Ninguem sabe libertar-se della. Só algum sadico ou algum louco. Que a ama mais do que todos os outros, na maluquice da sua renuncia. Os unicos que conseguem desprezá-la um pouco são os seres extraordinariamente jovens. Porque são donos do mundo. Porque ainda não foram maltratados por ella. A gente só percebe o amor louco que lhe tem quando tenta fugir-lhe. Ou quando ella vae fugindo. Só então sente que a ama raivosamente, freneticamente. Já lhe pertencemos por inteiro. Ella pode exgottar comnosco todos os requintes do soffrimento. Não lhe fugiremos mais. Ha qualquer coisa de sadico na volupia com que a adoramos. Deve ser essa a felicidade maldicta do homem que mata o seu amor, fazendo definitivamente sua, pela morte, uma mulher querida: tem sobre ella a grande, melancolica vantagem de estar vivo.

Foi essa, decerto, a alegria tragica de Salomé, da ardente princezinha judia com que o delicioso e demodé Oscar Fingall O' Flahertie Wills Wilde tanto sonhou. Deante da cabeça sangrenta e decepada do lindo propheta virtuoso e taciturno, que não lhe quizera a boca e desprezara os seus, Salomé tem um monologo allucinado.

E conta para os olhos apagados e indifferentes de Iokanaan o que fora o seu desejo enlouquecido. Deve haver uma bebedeira de triumpho na sua boca quando lhe grita: «eu estou viva e tu morto».

Era a sua unica vingança. Elle lhe desdenhara o corpo por um ceu que ella não compreendia. Mas ali estava a seus pés, pobre coisa vasia de vida, morto, vencido, emquanto ella, Salomé, Filha de Herodias, Princeza da Judéa, tinha o mundo por si, porque a vida lhe ardia nos labios loucos, enfebrecidos, punha-lhe labaredas nos olhos, dava-lhe um viço de planta ao corpo lindo... E lhe beijava, com furia, os labios mortos, já sem pensar no seu amor, entregue, possuida do prazer enorme de viver.

E L S I E L E S S A

Expediente d' "A Cigarra"
Redacção - Administração:
RUA JOÃO BRICCOLA N.º 10 - 2.º And.
(Predio Pirapitinguy).

DIRECTOR Paulo Pinto de Carvalho
GERENTE: Armando Bertoni

Correspondencia — A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.

Recibos — Os recibos só serão validos quando assignados pelo Gerente ou pelo Director.

Assignatura — O preço da assignatura annual é de Rs. 24$000 (vinte e quatro mil reis).

Clichès — Em vista de seu grande movimento de annuncios, **A Cigarra** não se responsabilisa por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de **tres mezes.**

DE ACCORDO COM OS TEMPOS

Alguem perguntou a Jorge V como era possivel que pudesse elle tratar diariamente com certo ministro seu, individuo mais ou menos indigesto. O rei respondeu:

— Minha avó, a rainha Victoria, tê-lo-ia expulsado da sua presença. Meu pae, Eduardo VII, tê-lo-ia tolerado. Eu sigo a progressão dos tempos. Somos os melhores amigos do mundo.

FINURA FEMININA

Miss Megan, filha do famoso Lloyd George, candidatou-se ás ultimas eleições inglesas. Intelligente e de agudo tacto das situações, conseguiu popularizar-se graças á sua grande simplicidade. Voltava certa vez de um «meeting» com alguns delegados operarios da provincia e exprimiu o desejo de fazer a viagem com os mesmos no trem.

— Mas nós viajamos de terceira classe, explicou um delles, desapontado.

— Não importa, disse ella. Mais vale uma companhia de primeira qualidade que um vagão de primeira classe...

Cocktail

UMA PAGINA ESQUECIDA

Voluntarios da Patria

Quando rompeu a guerra do Paraguay, e que de todos os angulos do imperio o povo affluio em massa para lavar a affronta atirada sobre a patria, e formaram-se como de improviso os batalhões de voluntarios, a provincia de Pernambuco foi uma das que mais se distinguiram e uma das que maior numero de soldados enviaram á guerra. O primeiro corpo que partiu do porto do Recife, a bordo do transporte a vapor S. Francisco, teve por uniforme bluza azul, com uma legenda de metal amarello, no braço direito, que dizia em voltas das armas imperiaes — Voluntarios da Patria, e gorra verde e amarella, com as letras V. P. na frente, e que significavam aquellas mesmas palavras. Quando o batalhão chegou á côrte do imperio, e onde se demorou alguns dias, um jornal que então se publicava, O Brasil Volante, querendo intepretar o sentido d'aquellas letras, engenhosamente escreveu o seguinte em suas columnas:

«Ha dias estavam parados conversando tres voluntarios, desses que têm gorra verde e amarella; dous meninos, que de parte, procuravam interpretar as duas letras — V. P., que nas mesmas gorras se viam, um homem que de perto se achava, veio em ajuda dos pequenos e assim lhes disse:

«Quando dos lugares remotos de uma provincia um punhado de homens correu ao mais nobre e mais generoso appello, aquellas letras significavam — Voluntarios da Patria. Quando, depois de reunidos, embarcaram, deixando seus commodos e seus lares, as esposas, filhos, mães, irmãos, e todas as suas caras affeições, aquellas letras diziam: — Vamos Partir. Quando o S. Francisco, rasgando o seio do Oceano, aproou para o Rio de Janeiro, e elles saudavam a provincia que deixavam, as letras traduziam o seu enthusiasmo e dedicação por — Viva Pernambuco! Ao desembarcarem no Arsenal diante do monarcha, que lhes foi dar a boa vinda, todos estes disticos traduziam um grito de coração — Viva Pedro! Viva a Patria! «Quando reunidos ao exercito da civilisação e da liberdade, o clarim da guerra lhes ordenar que avancem, o distico será — Valor e Patriotismo! Quando diante do bisonho paraguayo, este lhe perguntar— «A que vindes? — elles mostrando as letras lhe dirão: — Vimos Pelejar; — e o que desejaes? — Vingança, Perversos; — e o que vos incitou? — Vossas Picardias. «Depois seguir-se-a a victoria, restabelecer-se-a o imperio da civilisação e da liberdade, e os denodados guerreiros cantarão: — Victoria, Patricios! Quando finalmente, a patria ingrata os esqueça, e que um dia mutilados e indigentes, estenderem aquelle mesmo bonet, as letras serão a supplica angustiada: Valei ao Pobre!»

A UM TRADUCTOR DE JEREMIAS

Jeremias, o propheta biblico, ficou famoso pelos prantos que verteu sobre as ruinas de Jerusalém. Escreveu mesmo, elle, um livro intitulado: «Lamentações». Alguem, no tempo de Voltaire, lembrou-se de traduzil-o. E foi castigado com a seguinte quadrinha, que Regueira da Costa traduziu:

«Não sabes porque chorava
O propheta Jeremias?
E' porque prophetizava
Que tu o traduzirias...»

UMA ORAÇÃO DE VOLTAIRE

Voltaire cria em Deus. Orava, pelo menos. Contam os seus biographos que elle costumava virar os olhos para o céo, humilhado e contricto, pedindo:

«Senhor meu Deus: Livra-me dos meus amigos, que eu me encarrego dos inimigos.»

LEMBRAS-TE?

(Conto de BERNARD GERVAISE)

Mal se installou no omnibus, Pedro Vernillei poz-se a estudar um plano espantosamente complicado de um novo circuito de radio publicado no seu jornal. Isolado do resto do mundo por aquella fragil folha de papel que tinha desenrolada deante dos olhos, sentia-se estranho a tudo. As paradas e as partidás bruscas do vehiculo, o ir e vir dos passageiros, o ruido das ruas, o nome das estações que o conductor ia gritando, chegavam-lhe aos ouvidos como um rumor longinquo.

Para arrancá-lo desse alheiamento, foi necessario um puxavão impaciente que o convidava a ceder o logar a uma pessoa recem-chegada.

Chamado bruscamente á realidade, baixou o jornal para examinar o intruso e, de repente, todo o seu sangue affluiu de golpe ao coração.

— Gilberta! pronunciou debilmente.

— Pedro! murmurou ella, egualmente perturbada.

A mesma pallidez tomara o seu rosto. Foi, porém, a primeira a dominar-se.

— Estás... estás bem?

— Muito bem. E tu?

— Bem, obrigada.

Seguiu-se depois um silencio que pareceu interminavel. Pedro, que havia dobrado o jornal, desdobrava-o e tornava a dobrá-lo, emquanto revolvia o cerebro vazio a buscar alguma coisa que pudesse dizer, não importava o que, com a tragica certeza de não encontrar coisa alguma. Tambem, que alegria sentiu quando viu Gilberta dizer:

— Que bello dia!

— Soberbo! affirmou com profunda convicção.

Depois de um violento esforço de imaginação, conseguiu accrescentar:

— Ninguem poderia esperar isso na semana passada...

— Com effeito... corroborou Gilberta, como quem acabava de ouvir uma rara originalidade.

— E' verdade que as mudanças bruscas de temperatura são frequentes nesta epoca, proseguiu elle, victoriosamente.

Pouco a pouco as replicas foram ficando mais seguras. A conversação, sempre confinada nos limites estreitos da meteorologia, não tardou a extender-se por outras particularidades: a moda, as viagens, a literatura, as artes, os factos diversos... Gilberta estava graciosa e cheia de espirito. Pedro louvou algumas de suas sahidas. Cada um sentia-se vivamente grato ao interlocutor, que lhe permittia demonstrar o seu engenho.

Emquanto isso, o omnibus proseguia. O guarda, fielmente, continuava a annunciar as estações, que ninguem escutava. Afinal, gritou:

— Luxemburgo! Fim da viagem!

— Prompto! Chegamos! verificou Gilberta.

Fora do carro, a situação tornou-se de novo embaraçosa. Ficaram parados um em frente do outro, sem palavra.

— Estás com pressa? perguntou Pedro por fim.

— Não, ia sentar-me um pouco no parque, antes de me recolher.

— Queres que vamos juntos? propoz elle.

Mas accerscentou em tempo:

—— Se não for indiscreto. Não quero prejudicar-te.

— Não tenhas medo. Conservei-me inteiramente livre...

— Eu tambem, affirmou Pedro.

No Luxemburgo, rejuvenecido pela primavera, sentaram-se sob a copa de uns castanheiros, onde chuchurreavam pombas bem nutridas. Dois repuxos despediam uma cortina d'agua miuda, sobre a qual a luz do sol desenhava um arco-iris. A paz da tarde dava um aspecto de sinceridade a esse recanto de natureza artificial.

Os dois jovens ficaram largo tempo sem falar. Quando o silencio começou a pesar demais, Pedro indagou com certa timidez:

— Que te aconteceu, Gilberta, depois do nosso... do nosso divorcio?

Chamado bruscamente á realidade ...

— Nada, meu Deus! Nada de importante. Voltei para a casa de meus paes. Ajudo-os um pouco no seu negocio, para fazer alguma coisa. E' tudo. E tu?

— Eu? Nada de interessante. Vivo isolado como um urso. Como no restaurante. A servente foi-se embora e não arranjei substituta. A senhora Toussaint, a porteira, faz a limpeza.

— Ah! boa mulher... Ainda tem aquelle somno pesado? Lembras-te do tempo em que era preciso bater, quasi uma hora, quando se voltava do theatro, antes que ella acordasse?

Ella suspirou. Pedro olhou-a mais demoradamente. Estava sempre linda, com um modo mais grave na physionomia, onde imprimira o sello de uma secreta amargura. Esta descoberta enterneceu-o.

— Que má idéa tivemos! murmurou.

— E' o que sempre penso. A's vezes eu me cubro de censuras....

— De censuras?

— Sim. A culpa do que aconteceu foi toda minha.

— Minha tambem, repondeu elle cortezmente.

— Não. Foi minha. Tornei a tua vida impossivel. Irascivel, violenta, cheia de ciumes. Cheia de ciumes, sobretudo. Fazia-te scenas continuas. Sim, sim! Comprehendo bem agora: era insuportavel...

Tão corajosa franqueza despertou no rapaz o desejo de generosa emulação.

— E eu! exclamou. Eu tambem tenho a minha parte de culpa. Não tinha paciencia, nem tacto, nem tolerancia. Com um pouco de egoismo menos, da minha parte, tudo se salvaria.

— Ah! se a gente pudesse voltar atraz! suspirou Gilberta.

Pedro hesitou um instante, mas disse logo em voz baixa:

— Pode-se, Gilberta. A propria lei não se oppõe...

Uma luz de alegria brilhou no rosto da jovem:

— Verdade, Pedro? Queres?

— Sim, disse elle. Nunca houve entre nós nada de irreparavel. Apenas discussões, scenas que ha em todos os matrimonios... Quando os fantasmas do passado vêm perturbar a minha solidão, todos os mal entendidos se apagam e vejo somente recordações de ventura...

— Eu tambem, disse Gilberta apaixonadamente. Lembras-te do nosso appartamentozinho tão bem arranjado, tão catita? As nossas vigilias, os dois sosinhos? Os nossos passeios?... E as nossas ferias, Pedro, as nossas ferias?

— Os nossos passeios naquelle carrinho de segunda mão...

Continua na pag. 33

O Homem cujos desejos se realizavam

CONTO DE ORIGENES LESSA

Só depois que a fada se retirou, Joe Barreira começou a comprehender a extensão do privilegio recebido. Sim, tudo o que pensasse intensamente, com energia, tudo o que desejasse, teria objectivação immediata.

Era a concessão do maior dom, a dadiva suprema! Aquillo lhe permittia a felicidade de possuir, dominar e fazer mundos, quanto, como e quando quisesse. Nada mais lhe escapava, nada mais lhe fugiria. Não teria um desejo inutil. Não soffreria de novo as horas de tortura do passado, a sêde, a fome do corpo e do espirito, que curtira até minutos antes.

A vida não seria para elle o que estava sendo ainda para o seu visinho de quarto: de anseio, de aspiração, de desespero.

Eram palavras textuaes da visão que lhe falára: «Tudo o que pensares intensamente, — basta pensar — se realizará». Se elle quisesse ouro, pensaria com força, com vontade, e o ouro lhe viria ás mãos. Se quisesse um palacio, um hiate, um carro de luxo, uma mulher, tê-los-ia, mal os desejasse!

Removeria montanhas, transformaria o mundo! Era a realização do que já promettera o Christo aos discipulos. A elles, cumpria ter fé. A elle, bastava desejar.

Mas seria verdade? Era lá possivel? Ter mulheres, casas, mundos? Podia então abandonar o seu empreguinho, onde vivia atormentado pelo terror de uma dispensa?

Estava, então, livre do dever maldito de accordar cedo, fazer a barba ás carreiras, tomar um banho chorado num chuveiro secco, e apanhar um omnibus repleto, blasphemando contra a despesa forçada, para não perder a hora?

Era difficil crer. Felizmente a fada fôra mais generosa que Christo. Não era preciso fé. Bastaria pensar. Pensar...

E se fizesse uma tentativa? Correu o olhar pelo quarto modesto. Sobre a toilette, um litro quasi vasio de agua de Colonia. Pensou que seria preciso tê-lo cheio. Estava quasi exgottado. De repente, estremeceu. O vidro estava completamente cheio. Correu para elle. Era agua de Colonia da infame, de 7$000 o litro. Que pena ser tão ordinaria! Elle queria da boa, de uma agua franceza que cobiçára na vespera. Novo arrepio... Uma ondulação no conteudo, ligeira alteração na côr, e perfeito, caro, bem cheiroso, o seu desejo da vespera.

Mas seria melhor champagne... Agua de Colonia é uma vulgaridade... e não se bebe. Nova mudança: champagne!

Era a «perola da Sorocabana»...

Joe Barreira ergueu-o no ar, fremente. Champagne! Só uma vez o provára num casamento rico, na sua terra, quando pequeno! Como não conhecia o genero, pensara naquelle mesmo champagne falsificado. Mas já servia... E sorveu-o de um trago, com enthusiasmo.

Era senhor do mundo.

Olhou para os espelhos do quarto, para os frascos da toilette. Pensou que tudo devia ir ao chão. E num segundo tudo se espatifou.

Abriu a porta.

Na sala de jantar, para a qual dava o seu quarto, estava reunida a familia da proprietaria, em palestra. Joe Barreira resolveu divertir-se.

Com um sorriso á flôr dos labios resolveu esbandalhar moveis e louças de uma vez. E, sob o pavor geral, num repente, a sala ficou um montão de ruinas, como se tivesse passado um terremoto. D. Maria arregalou os olhos, louca, sem uma palavra. Mas pouco depois tudo voltava á calma.

Joe Barreira substituira o mobiliario antigo por outro no valor de dezenas de contos e a louça esborcinada por faiança e porcelanas finas.

D. Maria, de semi-analphabeta, começára a falar francês, no mais puro sotaque, e as filhas, de feias, transformadas, corriam para o thaumaturgo improvisado, exhuberantes de mocidade e de graça, offerecendo-lhe os labios...

Sorridente, Joe Barreira desceu á rua. Um automovel de luxo aguardava-o.

Quis ir ao Palacio do Governo. Ia dar ordem ao chauffeur. Mas achou que era trabalho excessivo e desnecessario. Concentrou o pensamento, e o Palacio veio pelos ares. Os edificios proximos afastaram-se respeitosos. A guarda tocou ás armas, e o presidente veio á porta, mesureiro, perguntar-lhe se desejava alguma cousa...

Joe Barreira casquinou ironico. Se desejava alguma cousa...

E no meio do assombro universal, o palacio voou pelos ares e foi precipitar-se no oceano.

Eram seis horas da tarde. Hora de jantar. Queria comer um faisão dourado, umas rãs á milaneza, uma... Mas sentiu o estomago cheio. Já estava tudo lá dentro. Descomeu rapidamente. Fez-se transportar com cuidado ao melhor hotel da cidade, e começou a pensar por partes, de vagar, para não precipitar os factos, para sentir o gosto:

«Um faisão dourado em cima da mesa...» Provou-o com vagar. Estava soberbo. De repente, notou o prato vasio. O faisão entrára-lhe com um pensamento mais irreflectido pela bocca a baixo...

Indignado, viu que o garçon sorria. Teve-lhe odio. E o garçon desabou num baque. Pof! Completamente morto. Accorreu gente. Que fôra? Uma syncope?

Joe Barreira fugiu como um desesperado. Commettera um crime.

Sahiu doido pela rua, imaginando que a policia o perseguia. Realmente, voltando-se, viu que a passo de carga corriam em seu seguimento dois batalhões da Força Publica. Sentiu que ia ser fusilado. E nesse instante pararam bruscamente diante delle cem soldados de armas apontadas...

Foi quando se lembrou de que podia conseguir tudo, e, num relance, os soldados desappareceram, varridos por um tufão.

Alliviado, voltou ao hotel. A mesma polvorosa de antes. Gritos. Lamentos da viuva. Ais dos filhos. Joe Barreira sorria de novo. E sem que ninguem soubesse como, o defunto levantava-se, ageita a gravata, retira do bolso um havana finissimo, e ordena aos companheiros de momentos antes que lhe preparem o melhor quarto do Hotel.

Espanto. Murmurios. Mas o resuscitado retira do bolso um talão de cheques e paga adeantadamente um anno de hospedagem...

* * *

Á noite, no palacio que resolvera possuir, nas proximidades de Nice, Joe Barreira começou a rever o seu passado de sonhador esquecido, de mediocre estudante, de apaixonado sem cotação. Lá estava, no melhor recanto de sua memoria, o primeiro amôr que lhe agitara o peito, que lhe dera febre, que o levára quasi á loucura. Era a moça mais bella de sua cidade. Era «a perola da Sorocabana», conforme a irreverente exaltação de um poetinha da terra. Era Miss S. Roque.

Toda a gente a venerava. Encanto dos olhos de todos, era a seducção de todo o mundo, dos rapazes ricos e brilhantes, como Chagas Franco, medico e fazendeiro, e dos mais humildes, como Joe Barreira.

Era pura, simples, nobre, generosa. Só não o fôra para Chagas Franco, nem para Joe Barreira, porque o seu coraçãosinho, o seu sorriso recatado, os seus olhos ingenuos, pertenciam a outro, um modesto empregado de cartorio...

Joe Barreira tinha saudade. Relembrava a figurinha ingenua, a virgem immaculada dos seus sonhos de adolescente. Ella possuia um corpo maravilhoso, os seios bem feitos, o collo branco... Mas estacou, assustado.

Diante delle, o sorriso nos labios, estava Bellinha. Hesitou. Mas seria? Approximou-se, tremulo.

Era, sem duvida, um producto de sua imaginação exaltada. Mas Bellinha atirou-se-lhe aos labios, como doida, sugando-lhe a vida...

Desapparecera a creaturinha ideal dos outros tempos, do S. Roque longinquo perdido no Brasil, que havia pouco deixára, para dar lugar a uma como as outras, as que não possuira antes apenas por falta de dinheiro, mas que agora lhe farejavam os pés, roçavam-lhe as pernas, como cães famintos...

Repelliu-a com desprezo, enraivecido. Procurou o jardim. Um cão pôs-se a latir. Mas nem bem o dono chegava para acalmá-lo, o animal estrebuchava...

— Ah! meu Deus!

Joe Barreira voltou-se. Era um velhinho que se lamentava, abraçado ao cão.

E Barreira teve que restaurar-lhe a vida, para fazer cessar as lagrimas e uivos do homenzinho...

* * *

A vida tornou-se-lhe então um inferno. Joe Barreira pensava objectivamente, por concreto. Tudo o que brotáva no seu cerebro se projectava em realidade na sua frente. Não teve mais um desejo insatisfeito. Possuia o mundo. Nunca uma mulher lhe negou o corpo, nunca lhe faltou o mais ligeiro capricho.

Pensava, desejava... e era o sufficiente. O seu pensamento era quasi uma calamidade. Se sentia uma fugitiva indignação, havia mortes e hecatombes. Sepultava cidades, arruinava continentes num segundo fugitivo. Num relampago transformava a face da terra.

Mas como era bom, — e nisso estava o seu maior martyrio — a sua vida era um continuo fazer e desfazer, vivia a desenterrar cidades e desinundar campos, a fazer voltar a vida aos mortos, restaurando e reparando os males que elle proprio, quasi involuntariamente, perpetrára.

Joe Barreira começou a fazer o bem. Transformava os mendigos em reis, enchia de abastança as choupanas dos campos e os casebres de operarios, nos suburbios. Mas notava que ninguem era feliz. Muito mendigo que cantarolava pela estrada tornava-se máu e macambusio quando rei. Muito amante desprezado começava a esbordoar a Julieta sonhada de outros tempos, quando acceito...

Joe Barreira não sabia o que seria bom. Que fazer? Em que pensar?

Mas o que parecia bom causava males!... Os desejos que realizava se transformavam em tedio!...

Uma grande tristeza o abateu. Oh! o seu maldicto pensamento, o terrivel privilegio que lhe concedera a visão daquella tarde! Quanto daria por volver ao que era, por ser o que fôra, por trabalhar de novo como um cão, perseguido e calumniado, entre amigos intrigantes no emprego, e lamurias contra o atraso nos pagamentos da pensão...

Ah! se ainda pudesse passar fome... Se pudesse ser forçado a encher as horas amargas dando uma e muitas voltas no Jardim da Luz...

Ás vezes resolvia passar fome. Passava horas sem comer. Mas de repente distrahia-se, e surgia diante delle, ironico e fumegante, um jantar opiparo, uma ceia luculesca...

* * *

Uma noite, Joe Barreira fez vir a fada á sua presença.

— Que desejas?

— Voltar ao que era.

— Impossivel. E' o unico desejo que não pódes realizar. Nem voltarás ao que eras, nem...

— Vou matar-me, então!

— Nem poderás morrer antes do tempo...

— Estou irremediavelmente perdido! Que hei de fazer, meu Deus?

A fada muito branca, muito espiritual, coçou o mento, como quem busca uma solução.

E, com o tom de quem aconselha uma coisa impossivel:

— O unico remedio é não desejares coisa alguma...

ANTHOLOGIA DE POETAS MODERNOS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Quero me casar

Quero me casar
na noite na rua
no mar ou no céo
quero me casar

Procuro uma noiva
loura morena
preta ou azul
uma noiva verde
uma noiva no ar
como um passarinho.

Depressa que o amor
não pode esperar!

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso
que a penna não quer escrever.
No entanto elle está cá dentro
inquieto, vivo.
Elle está cá dentro
e não quer sahir.
Mas a poesia deste momento
inunda a minha vida inteira.

Carlos Drummond de Andrade, autor de «Alguma Poesia». Não obteve premios literarios. 1931. Isto é, um pudor grande de sentir, de amar, de gesticular. Sorri magrinho, baixinho, deante das coisas. Em «Poesia», o verso que não quer sahir, o poema que elle não chega a realizar, pela impotencia de expressão das grandes coisas vividas, ha mais lyrismo que em todos os descabellamentos nacionaes, dentro e fóra do soneto. Em «Ballada do Amor através das Idades», ha um senso profundo, subtil, de «húmor». Elle recapitula a maneira de amar, sempre tragica, desde Helena de Troya a Greta Garbo. Com mortes antes, com casamentos agora. E tudo com uma nota pessoal, particularissima.

Tudo muito carlos-drummond.

Lagoa

Eu não vi o mar
Não sei se o mar é bonito,
não sei se elle é bravo.
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.
A lagoa, sim.
A lagoa é grande
e calma tambem.
Na chuva de côres
da tarde que explode
a lagoa brilha
a lagoa se pinta
de todas as côres.
Eu não vi o mar.
Eu vi a lagoa...

Ballada do amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta
Desde tempos immemoriaes.
Eu era grego, você troyana,
troyana, mas não Helena.
Cahi do cavallo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano
perseguidor de christãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
cahida na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro
flagello da Tripolitania.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da furia de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
pra te fazer minha escrava,
você fez o signal da cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei tambem.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortezão de Versalhes
espirituoso e devasso.
Você scismou de ser freira...
Eu fiz tudo pra impedir.
Pulei o muro do convento
mas complicações politicas
nos levaram á guilhotina

Hoje sou moço moderno
remo pulo danso boxo
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notavel
boxa dansa pula rema.
Seu pae é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripecias
eu, heroe da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.

QUANDO ELLA PASSOU...

GENOLINO AMADO

Em verdade, em verdade vos digo — Ella é formidavel... Ninguem até hoje soube concentrar o poder que enfeixam as suas mãos frageis e finas. E só hontem comprehendi a extensão da sua força milagrosa...

Eu vos conto, leitores amigos. Foi assim... Na tarde recente, sem que eu esperasse, ella passou por mim, no Triangulo. Ella passou, levando a clara alegria animal que floresce no seu corpo, onde ha a graça leve dos passaros e a frescura agreste dos fructos. No seu rosto transparecia a constante satisfacção de existir, a approvação natural de si mesma, que se traduzia nos seus labios em promessa de sorrisos imminentes. E o seu andar, agil, vivo, affirmativo, possuia a mesma elegancia do seu vestido banal, que era todo uma maravilha...

E, quando ella passou, leitores, eu conversava com um amigo de alma nocturna, em torno de themas amargos. E, sobre a vida e sobre os homens, sobre o mundo e sobre o tempo, dissemos palavras duras e frias, que repercutiam na propria desillusão interior que as tinha creado.

Em nós ambos, havia a convicção da grande inutilidade que é existir. Nunca me arrepiou mais fortemente o coração o vento gelado que vem do deserto, que é a alma dos scepticos.

A permanente vulgaridade da especie, a incuravel irresponsabilidade dos acasos que presidem aos seus destinos, a falta de pretextos, que nos induzam a acceitar o terrivel facto da vida humana, tudo isso esteve nas nossas phrases desenganadas, detendo, dentro de nós, o vôo feliz da tarde nova do Triangulo, que um sol macio oxygenava...

Ella era feita de lyrios machucados...

Mas, nisto, ella passou. E o mundo estremeceu enamorado da sua ligeira figura jovial. O meu amigo, intoxicado de rhetorica passadista, disse que ella era feita de lyrios machucados, por onde nadassem rosas transparentes.

Não era assim. Era só bonita. Uma creação matinal que a Natureza fizesse para repousar da sua actividade feia e triste.

Mas, que bonita que ella era! Que ar recente! Que descuidada confiança em si mesma! E ella passou, seguida dos alvitres quentes que suscitava no desejo facil dos transeuntes...

Falamos della um instante. Depois a esquecemos. E voltamos a commentar a vida, o mundo, o seculo. Mas, onde as reflexões sombrias, a duvida que crispava a nossa alma?

Não sabemos porque, eu e o meu amigo, entramos a louvar o planeta e a época. E, como é deliciosa e opulenta a humanidade! Que surpreendentes actos praticam os heróes da nossa edade! O meu amigo confessou, para espanto meu: «Que diabo, a vida é boa...» E o universo sorriu dentro de nós — deslumbrante e inverosimil como uma casa de brinquedos...

E, marcando essa mutação completa de pontos de vista, havia apenas o intervallo em que nos calamos para vel-a passar. E o fragil pensamento dos homens desvia o seu curso natural só porque uma creatura formosa com um vestido gracioso encheu de glorias um instante fugitivo das ruas...

O APPELLO INFANTIL

IVAN TURGUENIEFF

Esta pagina pertence aos "Poemas em prosa", de Turguenieff, e representa o primeiro esforço para traduzil-os em portuguez. Publicamo-la devido á gentileza de Georges Selzoff, seu traductor, o vulgarisador do genio slavo no Brasil. Georges Selzoff, que vae publicar ainda este mez a extraordinaria novella de Andreieff "Judas Iscariotes", espera editar, ainda este anno, alguns volumes de Turguenieff.

Habitava, então, a Suissa. Muito jovem, cheio de amor-proprio, vivia sosinho; vivia sem alegria, penosamente. Não gozara nada e já me aborrecia, perdia a coragem, era amargo. Tudo na terra me parecia mediocre, banal; e, como succede com os novos, encontrava um secreto, um malvado prazer numa idéa que acariciava: o suicidio. «Hei de mostrar, hei de mostrar!... Eu me vingarei!» eram as palavras que me acudiam ao espirito. O que «mostraria», o de que «me vingaria», não o sabia eu. Tal o vinho novo num vaso fechado, meu sangue fervia: eis tudo. Mas, afigurava-se-me preciso deixar esse vinho correr e expandir-se, que soara a hora de partir o vaso que o retinha prisioneiro... Byron era meu idolo, era meu heroe Manfredo.

Uma noite, como Manfredo, resolvi ir lá, na crista das montanhas, acima dos glaciares, longe dos homens, lá onde, desapparecida toda vegetação, se empinam os rochedos mortos, lá onde se extingue qualquer rumor e onde já se não ouve nem mesmo o gluglú das cascatas.

O que queria fazer lá... não o sei... Talvez quizesse acabar de uma vez.

Parti.

Caminhava, caminhava ainda, seguindo primeiro uma estrada, depois uma vereda, subindo sempre... cada vez mais alto.... mais alto... Desde muito, passara os ultimos chalés, passara as ultimas arvores. Rochas, apenas rochas, em derredor; das neves, muito proximas, embora não as veja, vêm contra mim sopros gelados e pungentes; de todos os lados, em volutas negras, avançam as sombras da noite.

Parei emfim.

Que terrivel silencio!

E' o Imperio da Morte.

E eis-me só, unico sêr vivo, eu, com meu altaneiro soffrimento, e meu desespero, e meu desdem. Vivo, consciente, deixando a vida, sem desejo de viver. Gelava-me um horror secreto, mas eu me cria grande.

O proprio Manfredo — e basta!

Só. Estou só! me repetia a mim mesmo; só em face da morte. Não chegou a hora?... Sim, chegou!... Adeus, miseravel globo! Eu te repillo com o pé!

Ora, eis que, de golpe, neste mesmo instante, chega-me um som estranho, um som que não comprehendo logo, um grito de sêr humano, um grito de sêr vivente... Estremeço, apuro o ouvido... de novo esse grito... Mas, é... o grito de uma criança, de uma criança bem pequenina!... Nessas alturas desertas e selvagens, de onde, parecia, desde muito e para sempre toda vida desapparecera, um grito, e grito de criança!...

A' surpresa succedeu, de subito, um sentimento de alegria, de uma alegria que me afogava... E precipitei-me, sem cuidar do caminho, direito, acudindo a esse appello, tão fraco, tão penoso, mas salvador.

Percebi em breve, bruxoleando á minha frente, uma luz. Corri mais depressa ainda, e, pouco depois, vi um chalé ao rez do chão. Esses chalés de pedra, cobertos de tectos chatos, servem de refugio, semanas inteiras, aos pegureiros dos Alpes.

Bati a uma porta entreaberta e, sem esperar, atirei-me para dentro, como se tivesse a morte aos calcanhares.

Vi deante de mim, num banco, uma mulher nova que aleitava uma criança; um pastor, sem duvida seu marido, estava ao lado della sentado. Ambos me fitaram, espantados. Mas eu não podia dizer uma palavra sequer... limitava-me a sorrir e, com a cabeça, fazia-lhes signaes...

O' Byron, ó Manfredo, ó projectos de suicidio, meu orgulho, minha grandeza! Onde andaveis vós?

A criança continuava a gritar — e eu bemdisse a criança, sua mãe e seu pae...

Appello de uma voz humana, calor dessa voz apenas nascida, tu me curaste, tu me salvaste!

Novembro de 1882.

SÃO PAULO QUE SE DESAFOGA...

UMA "SUPER-ESTRADA" LIGANDO A CAPITAL A SANTO AMARO

Nestes dias em que a crise é o assumpto dominante e a falta de confiança o refrão de todas as palestras, uma empreza nacional resolveu dedicar-se com positivo successo a uma obra imponente: a construcção da "Super-estrada" ligando S. Paulo a Santo Amaro.

Essa obra formidavel de optimismo e de progresso, que vale mesmo por um hymno enthusiastico de confiança no futuro da nossa terra e no valor de nossa gente, vem sendo levada a effeito pela Sociedade Anonyma Auto Estradas que, em bôa hora, resolveu prolongar os aristrocraticos bairros da nossa capital até a pittoresca represa da Light, em Santo Amaro.

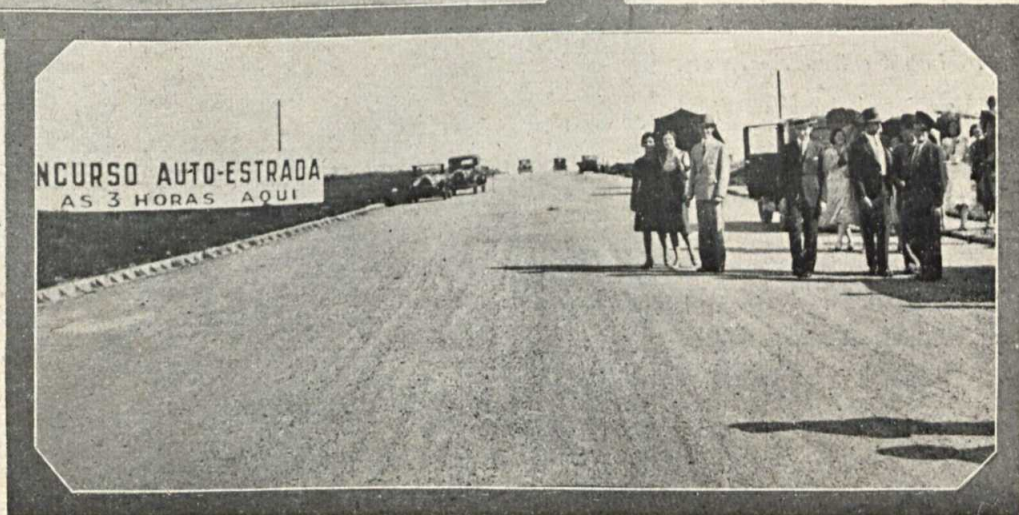
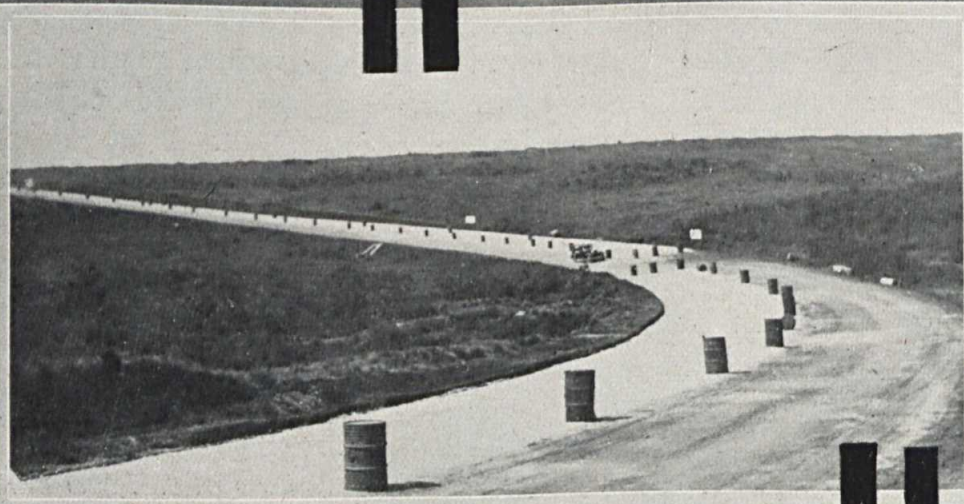
A ligação se fez por meio de uma "Super-estrada" unica no genero, onde a solidez do piso é evidente, e onde os automobilistas se extasiam diante da belleza do respectivo traçado, em rectas longas e tentadoras, óra embellezado por curvas largas e confortaveis, inscrevendo nas avenidas, nos campos e nas mattas, S S de incomparavel belleza, em cujo percurso os automoveis deslizam maciamente, como se corressem em pistas, sem a minima trepidação.

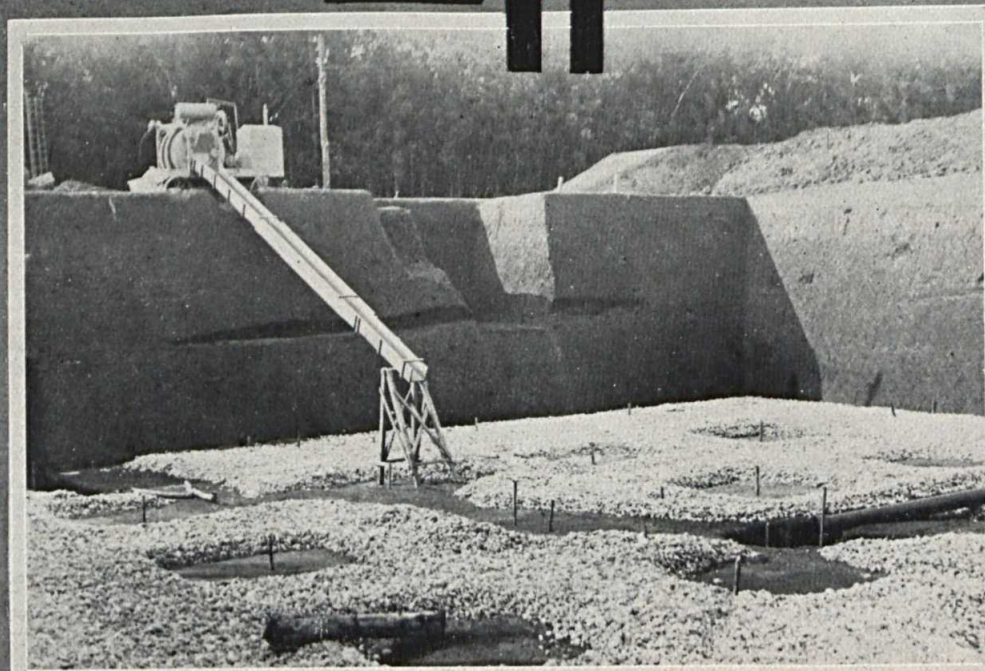
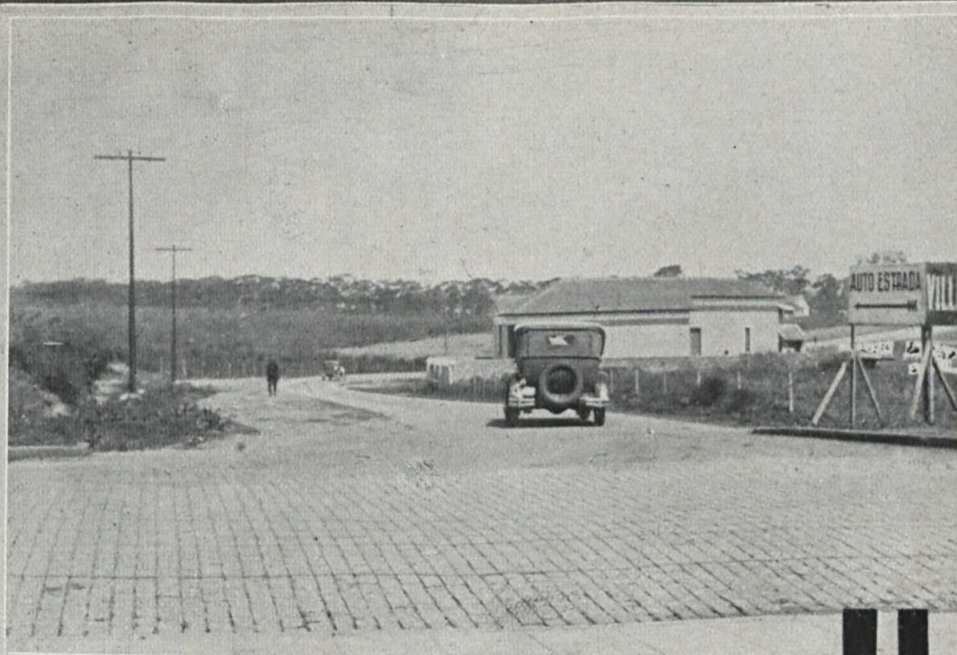
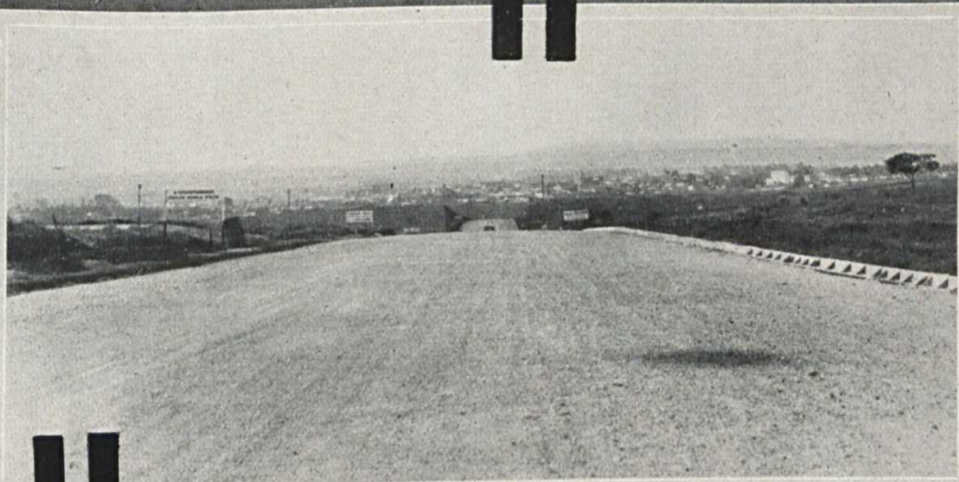
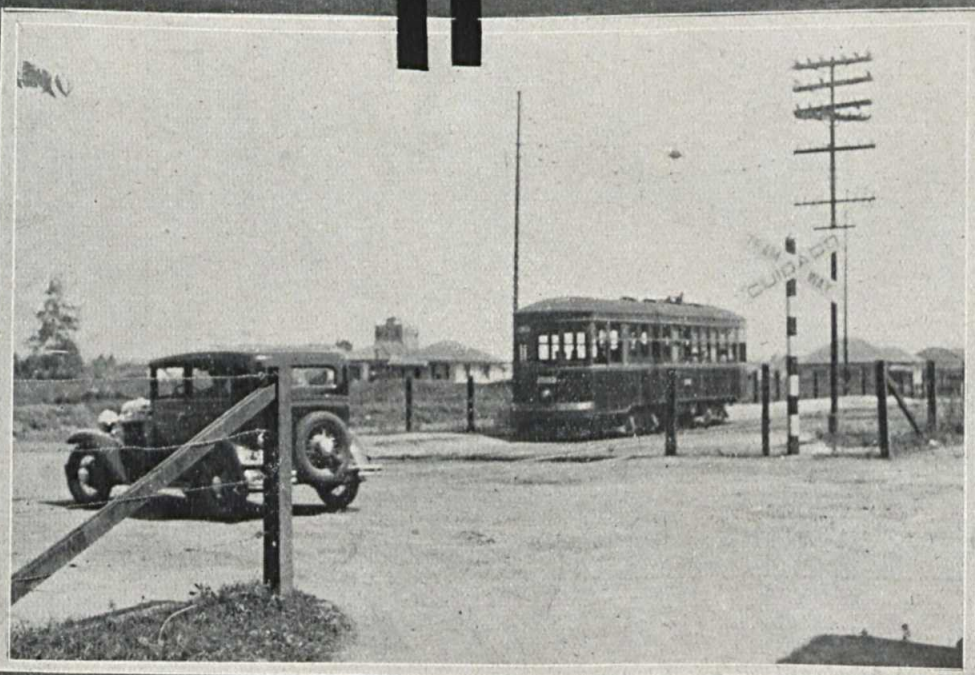
Foram essas as impressões colhidas pela "A Cigarra" quando, no domingo passado, foi convidada a visitar a Auto Estrada e presidir o interessante concurso promovido por aquella empreza.

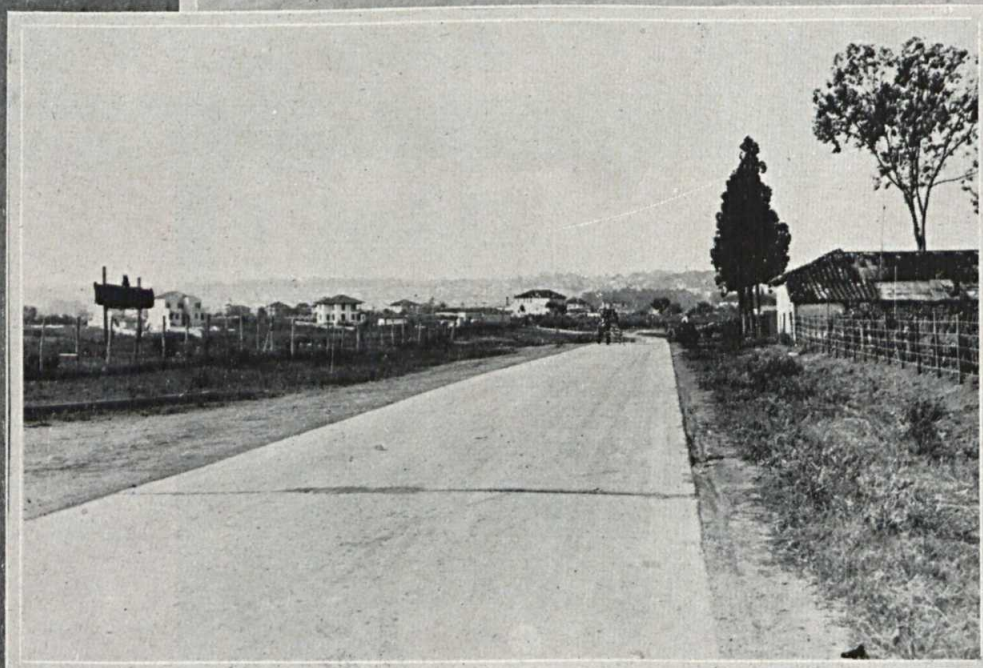
Esse concurso, que consistia em calcular qual a metragem media do revestimento de concreto, encerrou-se com uma cerimonia festiva durante a qual foram conferidos premios aos vencedores.

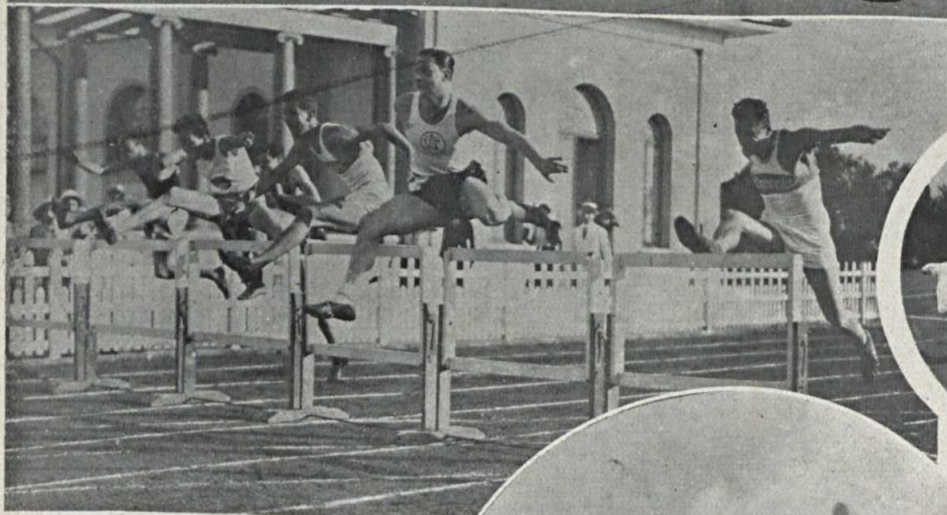
E, para que os nossos leitores possam avaliar das nossas palavras e conhecer de certo modo a obra grandiosa já realisada, "A Cigarra" publica, nas paginas que se seguem, uma reportagem photographica.

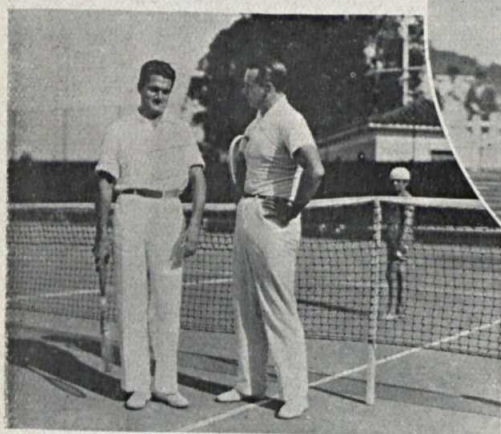
«A Cigarra» presidiu o concurso da S. A. Auto Estradas.

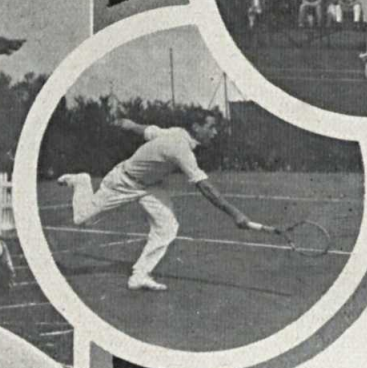
Alguns dos concorrentes, no local do julgamento.

Turmas de operarios trabalham activamente na construcção.

Fazendo guarda, á margem dos trechos concluidos, alinham-se os tambores de «Bitumuls».

Proximo á estrada, para attender á população de Santo Amaro e aos futuros moradores da vizinhança, constróe-se uma caixa d'agua com capacidade para dois milhões de litros por dia.

Acaba a cidade. E os autos vão deslisar agora pela volupia de uma estrada inedita no Brasil...

Ella se extende larga e macia como a tentação melhor para os automobilistas...

E deixa longe, desdenhosa, os outros vehiculos e as velhas vias de transporte...

Curva, ás vezes, sem riscos de derrapagem,

recta, de outras vezes,

como um bom pensamento, ella convida a correr...

Dr. Brasilio Machado Netto.

Ivo Simoni.

Corrida de barreiras 110 metros.

Salto de extensão. Cyro Falcão. 1.º lugar 6.76 ms.

Pernambuco e Dr. Brasilio Machado Netto.

Lançamento do martello. Bento de Camargo Barros, vencedor.

A torcida do «Tieté».

NOSSA SOCIEDADE

Florita Whitaker

Elsa Pires

Ziza Sericchio

(Photographias de Max Rosenfeld)

MODA

A loucura dos chapéosinhos 1860-1900... Em baixo: uma «toque» de velludo negro com beira revirada de feltro e muito descida sobre a testa, do lado direito. Esse chapéo foi escolhido por Mme. Loucien Lelong em casa de Reboux.

Em cima: Uma creação de Jean Patou. Feltro negro tambem. Mas sobre a cópa, muito em baixo, exactamente onde a aba toca a sobrancelha, ha um grande laço, metade preto, metade branco, todo feito de pennas de cysne sobrepostas e colladas.

Uma noite, em Pariz...

Esses «manteaux» de hombros largos e mangas estufadas e essas «pélarines» de «fourrure»...

A' direita: um instantaneo no desfile da Avenue Montaigne (casa de Madeleine Vionnet). Uma pureza classica de linhas, a cintura mais alta e o decote irregular, fazem a originalidade desse vestido de seda verde-pallido.

Em baixo, uma joia actualissima, perfeitamente 1931: um bracelete todo de perolas, de Bergdorf Goodman, que uma millionaria de Park Avenue veio mostrar em Pariz...

A QUINZENA

O dr. Fernando de Azevedo, falando na Escola de Commercio Alvares Penteado.

Visita do interventor Federal á Penitenciaria do Estado.

Artistas que participaram do 4.º sarau da «A Cigarra», na Radio Educadora Paulista.

São Paulo glorificou o poeta de «Humildade», Cleomenes Campos. Aspecto do chá em sua homenagem.

«A Tarde da Creança na Casa Allemã.

FESTA DAS ARVORES E BAILES

Um grupo de escoteiros aprende a amar as arvores.

Um grupo de meninas, no festival campestre.

Centenas de garotos...

e de garotinhas, alegraram, nesse dia, a Praça da Republica.

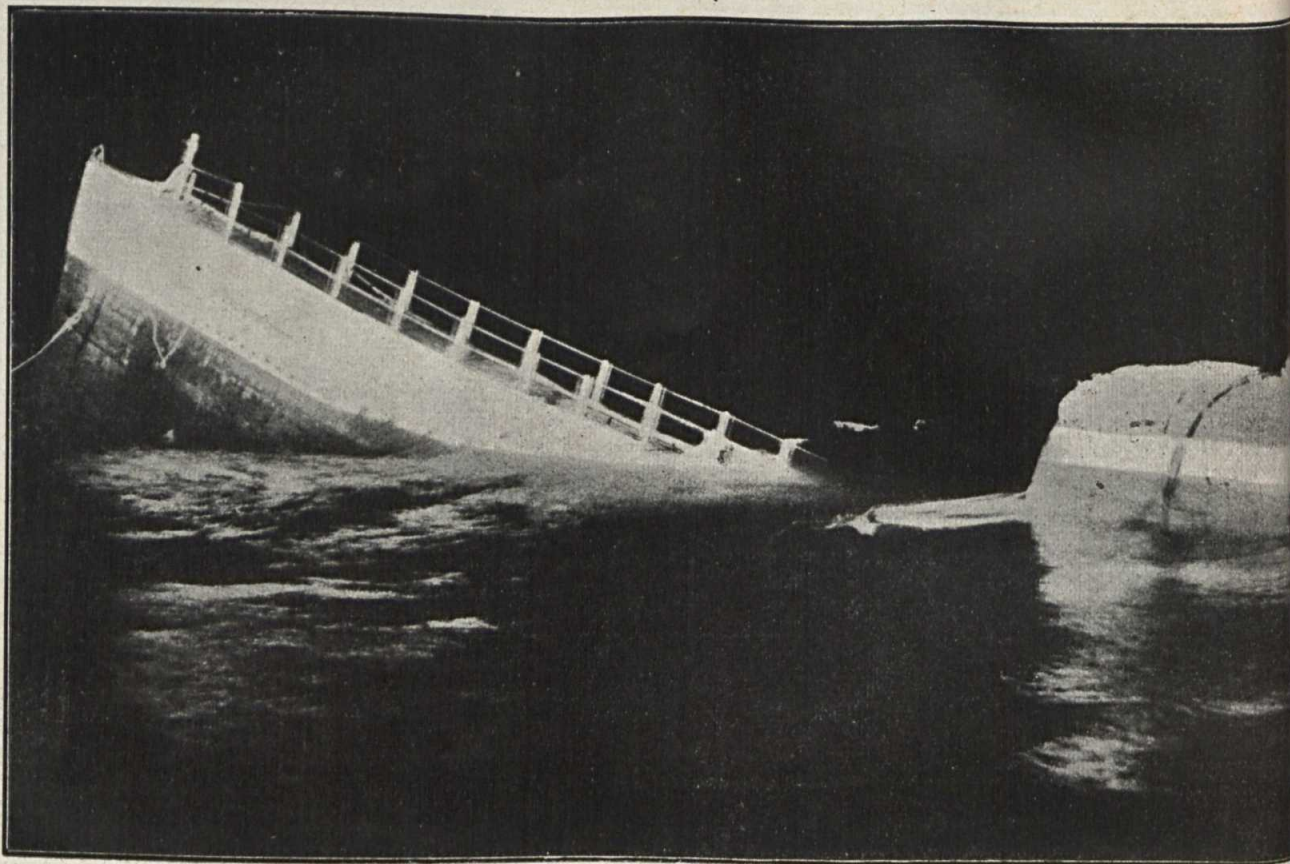
Gente bonita que foi ao baile do S. Paulo Tennis.

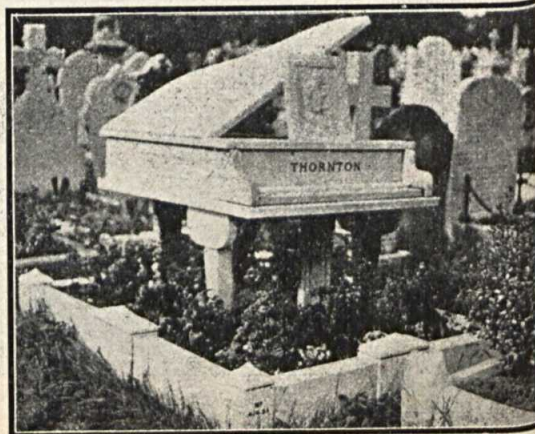
O baile promovido pelo Harmonia de Tennis, no Clube Commercial.

O festival do Clube Liberdade, no Palacio Teçayndaba.

Do estrangeiro

ESTADOS UNIDOS

A prôa do Submarino "S 4", quando foi posto á tona com o auxilio de pontões.

ALLEMANHA — Esta joven leôa "Bella" pertence a uma familia allemã e vive em Berlim, com um cavallo e um cachorro, como se fosse um animal domestico.

LONDRES — O curioso tumulo do pianista J. A. Thornton.

ITALIA — O duque d'Aosta, fallecido recentemente em Turim, no palacio Cisterna

O duque conseguira attrahir a sympathia de toda a nação italiana, não só pelas suas qualidades pessoaes como pelo papel de grande relevo que desempenhou durante a guerra.

T H E A T R O

DONA FASCINAÇÃO

A invencivel timidez que dá os frutos raros da rica imaginação dos poetas, a timidez geradora dos grandes audaciosos, a timidez orgulhosa dos que silenciam, tornou-me incompativel com a literatura.

E, caso talvez unico nesta terra gostosa dos bardos, nunca fiz uma quadrinha por mediocre que fosse, nem mesmo aos vinte e dois annos!

E vem agora um perigoso secretario de revista artistica requisitar uma pagina de literatura sobre a comediante Regina Maura!

Mas, Origenes Lessa, você meditou bem sobre a enormidade que commetteu ao exigir o impossivel de mim?

Você cogitou do abysmo que ha entre Regina Maura e a literatura, nestes dias inquietos em que ella, literatura, anda agonisantesinha por ahi?

Você pensa mesmo que é possivel fazer literatura com Dona Fascinação, senhora da minha mui grande admiração e do meu encanto não menor?

Só por blague passaria pelo seu pensamento uma proposta como essa: «escreva você uma pagina literaria para «A CIGARRA» sobre a encantadora Regina Maura».

E, julga accaso você que o simples facto de Dona Fascinação mexer com a minha sensibilidade crearia o milagre de me transformar em literato?

Milagres desses só são permittidos ao bom padre Vieira...

Dahi, essa carta que lhe mando, vendo-me na impossibilidade absoluta de escrever as coisas lindas de que você seria capaz sobre Dona Fascinação do meu encanto.

Regina Maura, como foi vista por Balloni.

Só ha uma attitude possivel deante della: é aquella das figuras de tapeçaria, mudo, estatico, numa immobilidade secular, fascinado emfim.

E assim os leitores da sua revista linda não passarão pelo dissabor de descobrir que o Brasil tem mais um literato mediocre, maior de trinta e tres annos mas que nasceu, felizmente, com a grande força de ser timido.

Seu irritado admirador —

RENE' DE CASTRO.

O Crime Que Não se Realizou

Radio-Sketch de Zenaide Andréa

SCENARIO

Tarde-noite. Algumas sombras indecisas ao longe. Já os fócos electricos mancham o espaço de claridade. De instante a instante, o facho de um reflector, collocado em um dos arranha-ceus vizinhos, innunda de luz todo o ambiente. Então fica bem vivo o desenho do quadro — a entrada do *bar-dancing* com a sua larga terrasse modernista repleta de mezas e de coloridos, o vulto escuro da ortophonica a um canto... Dez ou quinze pessoas vivem, alli, a sua hora de aperitivo. Ninguem dança, apezar do compasso malandro de um samba, posto em disco: «Apanhando papel». Não se apanha papel, entretanto. Apenas o garçon apanha... gorgetas com as rodadas de certas bebidas. Ás vezes, a voz das *klaxons*, quebra o motivo actualista da musica: é que a rua fica proxima. Duas pequenas alamedas estabelecem o contacto com os portões principaes, á direita e á esquerda. Percebe-se, á distancia, movimento de automoveis e de bondes.

SCENA UNICA

Pelo portão da esquerda surge uma figura de mulher. Attitude um tanto inquieta. Logo após, pela direita, atraz de um grupo de pessôas, apparece um homem. Encaminham-se todos para a terrasse. Mas, no encontro das alamedas, o homem e a mulher se defrontam. Espanto reciproco. Elle deixa cahir o cigarro, sem querer.

(O grupo de muitas pessoas entra no *bar-dancing*).

Homem — Você, aqui?

Mulher — (sem nenhum dominio sobre si mesma). E você?!

Homem (procura affectar indifferença). Por acaso... Mas, você?

Mulher (fugindo á pergunta). Acaso singular, o seu... Nunca me disse que vinha aqui...

H. Isso não tinha importancia, filha. Ás vezes, um *cock-tail* faz bem aos nervos.

M. (fingindo ignorancia). Bebe-se cocktails nesta casa? Não sabia...

H. (superiormente). Tolinha! Hoje em dia existe de tudo em toda a parte...

M. (aproveitando a opportunidade). Ah, sim? Por isso é que você chega sempre atrazado para o jantar...

H. (embaraçado). Você compreende... os negocios... um ou outro amigo que me prende até mais tarde...

Zenaide Andréa

M. (maliciosa). ...um omnibus que se perde... Já conheço essa cantiga, meu caro...

H. Vocês, mulheres, não entendem nada da vida... nem imaginam, siquer, o capricho de certos factos...

M. (atalhando, com sarcasmo)... que perseguem certos individuos, em certas ocasiões... Meu Deus! Todos os maridos se assemelham! Não existe nenhum, que confirme a tal excepção á regra...

H. (intencional). Sério? Eu me pareço com todos os outros?...

M. (perturbada). Mais ou menos... isto é, nas desculpas, quando vem fóra de horas...

H. Igual a todos, então?... (perverso).

M. (justificando). Si dissesse o contrario, seria falta de interesse...

H. Estou espantado com tanto interesse... Você costuma nem ligar importancia á minha chegada...

M. (perturbadissima). Eu?.... Óra essa... (ganhando coragem). Fico o dia inteirinho em casa, á espera de que você saia do escriptorio.

H. (ironico). Excepto aos sabbados, como hoje, em que a sra. procura as salas de chá... ou de *cock-tails*...

(Nesse instante, um jornaleiro cruza o portão, gritando:).

Jornal. «Folha da Noite»! 2.a edição! Olha a «Folha»! O marido que matou a mulher! Um crime sensacional! «Folha»!

(Pausa entre os dois personagens).

M. (recomeçando). — Carlos!

H. Hein?

M. (supplice). Vamos embora?

H. (ainda ironico). Está com medo? Espantou-a a noticia desse crime?

M. (resoluta). Não, meu amigo. Isso não acontecerá nunca comnosco...

H. Nem mesmo quando chegarmos alem da hora marcada?...

M. Nem mesmo assim...

H. (ancioso). Por que?

M. Porque não gosto de *cock-tails*...

(Saem conversando. E, o grito do jornaleiro, continúa, mais distanciado).

Jornal. «Folha»! O homem que matou a mulher! A segunda, a «Folha»!

MARCHA Á RÉ

Verificando-se, ultimamente, alguns assaltos organizados com habilidade por soldados, iniciou o respeitavel público, coadjuvado pelos jornais que imaginam refletir-lhe a acaciana opinião, descabido berreiro de protesto.

Segundo meu amigo philosopho, erra o publico na apreciação dos factos, que não constituem anormalidade digna de commentarios irritados.

Esse amigo, cuja capacidade analytica precisa o aureolou da estima dos intellectuaes, assim explica o phenomeno:

— *Sic transit gloria mundi*, já diziam os sabios romanos. E os sabios romanos eram sabios e eram sabidos. Mas, dirá você, o ditado não se aplica. De fato. Não se aplica. E que tem isso? Acaso está tudo em seus devidos logares, na hora amarga que vivemos? Não. Pois então, porque um simples proverbio, um conglomerado de palavras (e você sabe quanto as palavras são palavras!) deve aplicar-se ao caso, como a moralidade se deduz da fábula? Aliás, os proverbios nunca se aplicam. O homem é que aplica os proverbios; e os aplica como quer. Nesse negocio de proverbios, a razão está com aquele português que afirmava, para definir um ditado da *terra:* «tem um sentido dobrado: quer dizer homem esperto ou ladino, ou então idiota chapado». Um velho professor, muito nosso conhecido, tambem traduzia o famoso *Sed parva apta miei* por, venham a mim os que têm sêde. O valor dos proverbios é muito relativo.

— O acto dos soldados foi ignobil e merece punição exemplar. E' preciso fusilar.

— Qual! Engano. Erro de visão optica, como se diz na giria. Você estranha que soldados matem. Ora, elles matam. Não estamos diante de uma duvida atroz que roe, a consciencia e entibia o julgamento. Estamos em frente de um imperativo categorico. E' função do soldado matar. Como, porém, a guerra, que é o pretexto legal usado para proporcionar-lhe os meios de cumprir o seu dever, não pode durar sempre, o pobre soldado é forçado a matar de outra maneira: o bicho, a fome, a sêde e ás vezes os automobilistas imprudentes que se aventuram pelas terras ignotas desses Brasis. A natureza deu asas aos passaros para vôar. Deu cerebro aos homens para pensar. Ao soldado deu durindanas, canivetes, estilingues e outras armas perfuro-detonantes para matar. Obedecendo á Toda Poderosa, o passaro vôa, o homem pensa e o soldado mata. Quem está errado é o automobilista. E' o homem que acreditou no Guaraná Espumante e seguiu o bugre. Caiu no mato e o soldado caíu-lhe em cima.

— Mas isso é um absurdo. E' a victoria da força.

— *Ne confundetur.* Victoria da força sim, de accordo com as immoralissimas fábulas de La Fontaine e com a opinião abalisada de Juó Bananère. Absurdo sería a victoria da moral, que não tem siquer uma retranca onde se esconder. Aliás, si o seu simplismo fôra logico, deveriamos gosar hoje as delicias do paraizo terrestre. Não, meu caro, o soldado precisa matar. E' a grande lei. Quando praça, mata gente nas estradas, quando tenente mata a gente com entrevistas e quando chega a general mata o bom senso a golpes de rhetorica.

— Qual o remedio?

— Uma pequena revolução, uma guerrinha civil bem estudada. Ahi elles se matam entre si... e nós podemos continuar a philosophar, no sossego pacato das tardes paulistanas.

Sergio Milliet

As Noites de Arte d' "A CIGARRA"

Entre os artistas que abrilhantam as noites de arte d' "A Cigarra", destaca-se a contribuição moça e linda de Clarisse Leite.

Você mesma não quiz...

Kate, quando amanhã, nesse amanhã distante,
Frente a frente outra vez nos acharmos, velhinhos,
Eu com os fios de prata a nevar-me o semblante,
E você com a cabeça enluarada de arminhos,

Que diria você quando me visse, quando
Me falasse, lembrando este instante de agora?
Que lhe diria eu que vi você cantando
Na apotheose feliz dos seus dias de aurora?

Almas virgens de amor, transidas de saudade,
Tomaria a emoção a fala de nós dois...
Só o olhar lembraria a nossa mocidade...
E depois... nada mais diriamos depois...

Mas, lá dentro, a sua alma, encantada, diria:
— «Pobre amigo, porque tão sosinho? Porque?
Esta vida infeliz você não merecia...
Nem a morte infeliz merecia você...»

E minha alma, a tremer, cheia de encantamento,
Diria a relembrar seu amor infeliz,
Procurando esquecel-o ainda nesse momento:
— Kate, não fale assim... você mesma não quiz...

JUDAS ISGOROGOTA

Rasgando um Livro de Versos

Á luz da tarde fria que declina,
Vou de uma em uma as paginas rasgando
Do livro que o teu nome ethereo e brando,
Que o teu nome archangelico illumina!
De rimas a corôa crystallina,
Que ornava os teus cabellos, scintillando,
Vou, num chover de perolas, desfiando,
Triste como um salgueiro que se inclina...
Com que ternura cinzelei os versos
Que rolam hoje pelo pó, dispersos,
— Pobres flores nascidas entre abrolhos!
Desaba todo um mundo aereo e lindo!
Assim um dia não lerás sorrindo
O que escrevi com lagrimas nos olhos!

GUSTAVO TEIXEIRA

Templo em ruínas

Minha alma, errando pelo céu, sem norte,
um Têmplo em ruínas avistou, de longe:
— sobre o portão escuro ha um vélho Mônge
dando ao viajor o symbolo da Morte.

Plúmbeos templários passam, cavalgando
corcéis de Mágua; e dórmem, na devêza,
êrmos jardins sombríos da Tristêza
onde os Áis, em aquários, vão nadando...

E nesse Têmplo em ruínas de ar profundo
mora a Saudade... No Salão das Éras,
ante os Páteos da Dôr, negros de alfômbras,

o corpo em chágas — de rolar no Mundo,
os olhos rôxos — de só ver Quiméras,
vive auscultando a Solidão das Sombras.

(Do livro inédito COLAR DE SAFIRAS).

JONNY DOIN

Furacão

E' escura a noite.
O vento sopra de rijo.
Bátegas de agua.
O céu acende relampagos
para que o homem veja como a terra está.

Num requebro fantástico,
— bailarinas macabras de pernas de elastico, —
as arvores torcem e retorcem os troncos esguios
e balançam no ar os braços ramalhudos.

Um trovão rola no espaço.
Quasi vêm abaixo os céus.
Um muro desaba, fragoroso.
A terra treme.

O Homem, pecador, encólhe-se, nervoso.
E pela primeira vez na sua vida
acredita na cólera de Deus.
Cessa o furacão:

— O Homem não crê na Divindade.
A crença iluminou-lhe a alma tenebrosa,
apenas
como um relampago em meio á tempestade.

OLIVEIRA RIBEIRO NETO.

Grandeza e Decadencia da Locomotiva

S. GALEÃO COUTINHO

Não são poucas as desillusões que o progresso traz aos espiritos propensos á doce enfermidade sentimental que é a nostalgia. Recordar é, de certo ponto, desejar a perpetuidade das formas que nos encantaram os sentidos, mas a civilisação vertiginosa de nenhum modo admitte a perennidade de suas creações.

Estas e muitas outras idéas tomaram conta do meu cerebro ao viajar, pela primeira vez, no trecho electrificado da Paulista, entre Jundiahy e Campinas. A locomotiva é uma tradição prestes a desapparecer. Mais um quarto de seculo, e ella será relegada para o repouso dos museus, fruindo a honesta aposentadoria que aguarda as cousas tornadas inuteis pela idade.

Pensava, tambem, na tristeza que a estas horas vae pela classe operosa dos machinistas, a mesma melancholia que devia ter se apoderado da maruja dos barcos á vela, ao contemplar o primeiro transatlantico.

O progresso mata, cada vez mais, no homem, essa fibra de heroicidade expontanea que torna a existencia menos prosaica, menos parasitaria. A locomotiva, substituida agora pelo tractor electrico, deselegante e rapido, representava a articulação de aço dotada de uma tal ou qual sensibilidade produzida pela tensão do vapor harmoniosamente distribuida e utilisado. O carro electrico é a força inteirate subjugada. Nem o especial encanto da sujeira possue; nem o pittoresco apito estridulo, a despertar, pela madrugada, os povoados somnolentos, como um grito de alarma espectaculoso; nem o penacho esthetico de fumaça desenrolando-se graciosamente no espaço. A locomotiva rebaixada á infima posição do bonde electrico, o machinista, orgulhoso do seu complicado mister, remettido ao gráu profissional dos mortoneiros, clamorosa contingencia!

Ser machinista era qualquer coisa de sobrenatural.

Aspiravam a tão elevado cargo jovens aprendizes de officinas mecanicas, ou curiosos nascidos á margem das linhas ferreas, cedo espicaçados pelo desejo de predominio. Aliás, desejar a direcção de uma locomotiva é bem menos ostensivo do que ambicionar o poder sobre um povo. Entretanto, lá se vae por terra o prestigio de uma profissão! Que lastima! No carro electrico, tudo é escandido, claro, asseiado; na locomotiva, tudo era forte, negro enfumaçado, tresadando a oleo e carvão.

O machinista tinha orgulho de andar empoeirado, manchado, tisnado pela fogueira da fornalha; o conductor do carro electrico apresenta-se de brim branco e sapatos de lona e borracha, tocando aqui, num botão, ali, numa chave, além, num distribuidor automatico. Tudo limpo, areado, escarolado.

Ah! ninguem comprehenderá a melancolia desse contraste, ninguem attenderá na dôr profissional dos velhos foguistas e machinistas, ao presentirem que mais alguns annos, e terão de enfronhar-se nisto de dynamos e amperagens, ou trocar de rumo. Adeus, possantes locomotivas, a avançar nas trevas, o olho enorme do pharol projectando-se na frente, rumorosas, resfolegando, arfando como um dragão espavorido.

Adeus aspirações de classe! Então, o mago foguista alimentava um só desejo: subir a machinista, conduzir por sua conta a impavida «Malet». E quando attingia ao posto de primeiro machinista, era certo noivar-se com a filha de algum funccionario aponsentado, lá numa estaçãozinha qualquer...

E' triste, não ha duvida, a transição a que vão sujeitar a classe dos ferroviarios; mas o progresso assim o exige. Tambem o cocheiro desappareceu; desapparecerá, com o tempo, quem sabe? o proprio «chauffeur», quando o aeroplano estiver na categoria do automovel e este vehiculo passar a uso exclusivamente particular, para vencer pequenas distancias, nas cidades.

Tudo é de prever. Dilata-se, cada vez mais, a ampulheta symbolica e a areia que antes pingava, grão a grão, não tardará que se escôe livremente. O hontem, ás vezes, se nos afigura já uma tradição; o hoje, particula fugaz mergulhando no vacuo; o amanhã, vendaval impetuoso que se aproxima. Pessoas, coisas, factos, fórmas de governo, modas, invenções, vaidades, habitos, tudo quanto, emfim, representa vida e movimento, esborôa-se, transforma-se, desapparece na magia de kosmorama que é a vida de hoje, para dar logar a novas fórmas, a novos e ineditos espectaculos.

Entre o velho machinista e o conductor elegante do carro electrico...

Pobres machinistas do tempo, que somos todos nós, a mesma belleza das mulheres, dantes immobizada nos modelos classicos, passa em curto prazo por mil modalidades, não mais sendo possivel fixar predilecções por um dado typo. Exhibem-se modas de physionomias como fórmas de vestidos; os rostos ovaes e pensativos serão amanhã substituidos pelas carinhas redondas, de olhos brejeiros, não tardando que os artistas parisienses façam prevalecer os perfis viciosos de hystericas, supercilios finos nariz afilado de cadaver, todo este conjuncto emoldurado perturbadoramente pelos cabellos aparados, que recordem ao sexo forte a tendencia ambigua para a uniformidade de direitos, na porfia do sufragismo como em tudo mais.

Nesta marcha accelerada a noção do tempo se modifica sensivelmente. Como se os dias tivessem menos duração, como se a engrenagem que regula a vida humana disparasse, desgovernada e louca, as datas refogem, cada vez mais, no denso nevoeiro do passado. Transforma-se, por completo a instituição da familia. Os rapazes e as raparigas nascidos á luz electrica já não entendem, não podem entender, os paes, nascidos á luz do kerozene, ou á frouxa claridade da candêa de azeite. Sob a dissimulada communhão do mesmo tecto, erigem-se em partidos, detestando-se cordealmente, sofregos da hora da liberdade, maxima aspiração do seculo, liberdade de movimentos, liberdade de idéas, liberdade, sempre liberdade!

Continua na pag. 36

Tres poemas de Rodolpho Framke

Rodolpho Framke é um poeta que vive em São Paulo e escreve em allemão, coisas muito do momento fugitivo e cosmopolita da cidade. Tem uma collecção de poemas para publicar e um livro sobre theoria musical, prompto tambem para o prelo. Revela o poeta ao publico brasileiro o maravilhoso cantor de "Hulmidade", Cleómenes Campos, que lhe traduziu os versos dando-lhes um sabor espontaneo e gostoso de coisa propria, delle mesmo . . .

Rhapsodia

A sombra sobe na parede...
A luz como que perde o brilho
e um nevoeiro, ao de leve, empanna o céo...
A sombra sobe na parede...
Todos os sons ficam assurdinados
e o Silencio abre os braços, pensativo...
A sombra sobe na parede...
E exsurge, do tumulto diario,
a paz,
a ventura,
o amor...
A sombra sobe na parede...

Saudade

O sol enche os verdes valles
de ventura e de amor.
A alegria volita na paisagem.
Sobe da fronde alta das arvores
um júbilo que vae até as nuvens...
E as nuvens, brancas, como grandes barcos brancos,
deslizam sobre o mar do céo,
cujo azul se assemelha ao da minha saudade...
Levae-me aonde ella está, ó vós, barcos do céo!

Sonho...

Sonho fazer-te, um dia, um vestido de versos:
de uma fazenda diáphana e macia,
de pensamentos lyricos tecida,
para envolver-te em gestos cariciosos,
e ao mesmo tempo humildes e elevados...
. . . .
Sonho fazer-te, um dia, um vestido de versos...

CARLITO

O Humorista da Téla

Toda vez que ouço ou leio qualquer referencia sobre a pessoa de Carlito, acommette-me pugente saudade. Saudade dos tempos ha muito cobertos pela poeira dos annos (perdoem-me os modernistas a imagem demasiado passadista de que lanço mão porque no momento outra me não occorre) em que Charles Chaplin trabalhava socegadamente ao lado de Jackie Coogan, sem ser molestado pelos que nelle descobriram latentes veias de humorista.

Nunca suspeitára em Carlito a tendencia para a exploração da ironía através da mimica. Nem por isso deixei de acompanhar a nova corrente. E... acabei concordando com a opinião unanime (este facto mostra que assim procedendo agi impulsionado pelo meu temperamento de brasileiro...).

E na hora presente, entre os raros prazeres que me é dado usufruir na vida, por dois sinto maior inclinação e não fujo ao ensejo de gozal-os: assistir a um filme de Carlito e lêr algumas paginas de Bernard Shaw. Não se admirem dessa dualidade. Porque Charlot é o Shaw da téla. O humorismo que o cinzelador de «Pygmalion» deixa no papel, o actor de «City Lights» traspassa ao celluloide. E, afinal, tudo quanto ambos produzem tem o mesmo fim: a ephemeridade. As pelliculas passarão (isto é, não passarão; deixarão de ser exhibidas) bem como as paginas de Shaw serão olvidadas.

Si alguem se propuzesse a analysar detidamente a obra do literato e a do artista cinematographico, veria, assombrado, que os dois homens estão a seguir o conselho de Goethe quando mandava fazer da dôr um poema. E os dois produziram um poema alegre, poema de gargalhadas homericas, poema de risos ás vezes brutaes, mas, ainda assim, poema.

Charles Chaplin, sob a mascara da alegria, do desprendimento, é um melancólico. Soffre o terrivel mal da nostalgia. Nostalgia de que? Talvez de uma cousa unica. Ou seja: o estar millionario, encontrar-se aureolado pela Gloria, esquiva deusa que nem a todos dá o ar de sua graça, ter a Felicidade ao seu alcance, e não poder lograr o que mais ambiciona: ser compreendido pelos seus contemporaneos!

E a posteridade será capaz de adivinhar todo o resabio contido em seus labios «maquillados»? Elle proprio o duvida. E dahi continuar a fazer rir

desbragadamente as platéas das quatro cantos do mundo, confirmando o conceito de Eça de Queiroz de que o «riso é a mais util forma de critica, porque é a mais accessivel á multidão» e demonstrando ser verdadeira a phrase daquelle outro portuguez que, ao prefaciar o livro de humorismo do filho, assegurou: si pretende fazer rir aos outros é porque pretende chorar...

Creio, portanto, no humorismo de Charles Chaplin.

O que não me é dado compreender é a aversão que nutre ao microphone, ao vitaphone, ao movietone. Desde a innovação introduzida no cinema, que redundou no apparecimento das cintas sonóras, tem mostrado entranhada ogerisa por tudo quanto termine em «tone». E isto certamente resulta da nullidade dos esforços que empregou para deixar de ser... um «tony».

STOPINSKY

Legendas em Portuguez... que não são sobrepostas

Parece que os «astros» do cinema americano foram tomados da febre de construir casas. Conrad Nagel construirá uma residencia em Santa Monica que lhe custará a «bagatella» de 34.000 dollares. Dick Barthelmess tambem já projectou o alevantamento de uma vivenda de Malibu Beach pelo «razoavel» preço de 21.000 dollares.

*

Gary Cooper regressou de sua viagem de ferias á Europa. Sua proxima pellicula será intitulada «Sal of Singapore», trabalhando Claudette Colbert de «leading-lady».

*

Tendo soffrido, recentemente, seria intervenção cirurgica, Gloria Swanson encontra-se convalescente. Espera-se para breve seu restabelecimento e sua volta aos «studios».

*

Maurice Chevalier continuará na Paramount e para isso firmará novo e vantajoso contracto. No momento se encontra em companhia de sua esposa no Velho Mundo, onde aproveita as ferias que lhe foram concedidas.

*

Visto deixar a comedia, Thelma Todd resolveu abandonar o nome com que trabalhava junto a Hal Roach, passando a chamar-se Alison Loyd.

*

E' provavel que Roscoe Arbuckle, após um afastamento de varios annos, retorne ao cinema. Ultimamente estava dirigindo filmes com o nome de William Goodrich.

LYLIA ROSA

EDISON VIEIRA

Como eu havia chegado ao Pôsto Supremo, não recórdo. O que posso affirmar é que estava presidindo o destino da Patria e via-me na cadeira presidencial, diante dos ministros e tendo, por secretaria, a linda e loira Lylia Rosa, expondo o meu plano de transformação do paiz, que eu garantia ser, muito em breve, um dôce e encantado novo Eden. Estava cercado dos homens mais illustres da época, e, para collaboradora no mesmo ideal de belleza moral e espiritual, tinha, ao meu lado, aquella companheira amiga, a mais illustre mulher do Brasil, escriptora eminente, autora de livros maravilhosos.

— Está tudo errado! — dizia eu. E' tudo mentira. Hypocrisia. Falsidade em tudo. A Patria agonisa. Deus está fóra da Patria, porque a Patria não communga no ideal de perfeição com que se chega a Deus. Os pequeninos soffrem. A injustiça impéra. Ha soluços no proprio gemer maguado do vento. O amôr não existe no coração do homem. Transformemos o Brasil.

Os ministros applaudiam. E a loira Lylia Rosa olhava-me com olhos de pomba e de santa, sorrindo...

— Só V. Excia. é capaz de apontar o caminho certo que conduzirá a Patria á glória.

— Sim, eu direi, eu ditarei o seguro caminho para a remissão da Patria.

E, emquanto eu falava, Lylia Rosa tachygraphava o resumo de algumas das mais urgentes medidas sociaes de que tanto necessitava o Brasil de então...

* * *

O Brasil ía ás mil maravilhas. Grande terra e grande povo. O tupy-guarany era, então, o idioma official do paiz. O casamento, obrigatorio, e o amôr reinando, na verdade, em todos os corações. Eram prohibidos, em todo o territorio, o fumo, o alcool e o jogo. Havia desapparecido — para sempre — a prostituição. As Academias de Direito, ha muito, permaneciam fechadas. Bastava de bachareis, a ruina, no passado, da grande terra. Havia em todo o Brasil uma classe protegida e duplamente amparada pelo Governo: a do professorado publico. O ensino no Brasil era um facto e o Governo havia instituido premios em dinheiro, annualmente, aos melhores educadores. Nenhuma familia ficava no desampparo pela mórte do chefe, pois a official «Companhia Nacional de Seguros» obrigava todo cidadão a fazer parte della, mediante pequena contribuição mensal em dinheiro. Estava, ha muito, extincta a má Imprensa. A bôa, criteriosa e digna, continuava orientando o povo, não com mentiras, mas com a verdade pura. A lei das férias, então elaborada na justiça e no amôr, era rigorosamente observada. A «festa annual do casamento», patrocinada pelo Governo, em local apropriado, e onde moços e moças faziam relações de amizade, dahi resultando casamentos innumeros e felizes para o bem da familia e da Patria, proporcionava grande felicidade ao povo, que não vivia só de pão, mas tambem de amôr. Era obrigatoria a moda feminina do Brasil.

Era de lei para todos, o trabalho, — fonte de vida, de amôr e de esperança. Havia pena sevéra para os grosseiros e mal educados. Todo cidadão tinha obrigação de tratar com a maxima delicadeza ao seu proximo e irmão. Outras medidas (sabias medidas!) redimiam o Brasil, mas que não cabem em simples tiras de papel... O Brasil tinha por divisa: «O amôr conduzirá a todos».

* * *

O paiz ia de vento em pôpa. Lylia Rosa estava radiante com o novo, singélo e fidalgo vestuario nacional, e ella, surpreendente de graça, fôra a primeira a surgir em publico, numa conferencia memoravel, em puro guarany, sobre «O dever da mulher na caserna e no lar».

Ó o grande Brasil de então! Tudo era nelle, na verdade, grande: a terra e o homem. Já não era tarda a justiça. Já não faziam mal á sociedade os bachareis. Tudo corria bem, num ambiente de paz elysea. Mas nem todos estavam satisfeitos. O descontentamento era o mesmo de hontem, de hoje e de sempre, como em todos os tempos. As reclamações publicas eram constantes. A imprensa não podia rebelar-se.

Os maridos deviam tratar carinhosamente as esposas (não toca-las, siquer, com uma rosa), como as mulheres deviam ser bôas amigas dos homens e não contraria-los nunca. E acontecia, por qualquer futilidade, ser o Governo incommodado com reclamações, como esta: «Levo ao conhecimento do Poder, que minha mulher, esta noite, me expulsou da cama, com empurrões violentos e beliscões doídos, pelo único motivo d'eu lhe haver recusado a beijoquinha na ponta da orelha, sem comprehender que cheguei aborrecido do serviço e com pouca vontade de brincadeiras. Requeiro seja a referida minha mulher, Anna Spertaglioni, 25 annos, chamada á ordem, e castigada com as penas que o Governo applica em casos taes. Sou, 3.º escripturario da 4.ª sub-secção da 5.ª sub-divisão do 9.º Departamento do Ministerio das Reclamações Publicas, (a) — Cansansão Elesbão Furão».

Os boatos eram, cada vez mais, alarmantes. Ninguem aprendia a falar, com desembaraço, o lindo e puro idioma nacional. Enchiam-se as prisões de boateiros e descontentes. A revolução já fervia no sangue do povo. Houve um jornal, o único, o primeiro, que, corajosa e disfarçadamente, entre o noticiario, escreveu: «E' muita asneira a um tempo só!»

Lylia Rosa, tão linda e tão loira, sempre ao meu lado, murmurava sempre:

— Excia., cuidado! O Brasil não o compreende...

— Lylia Rosa, não importa. Fico na História. Passo á immortalidade. Julga-me um doido varrido. E, entretanto, Napoleão, Bismark, Clemenceau, nunca fizeram tanto de util e duradoiro á collectividade e á Patria. Lylia Rosa, que belleza em tudo: por toda a parte, vê, a civilização caminhando triumphante, e medrando, sublime, no coração do homem, o amôr

— O amôr!

— Mas, em verdade, direi, com tristeza: sou tudo; tudo tenho; e nada tenho...

— V. Excia. anda triste, macambuzio, apezar de ter perpetuado a sua grande obra: este poema vivo da grandeza da Patria.

— Na verdade, Lylia Rosa. Triste, porque, tendo tudo, nada tenho de meu, para o meu bem-querer á vida. E...

— V. Excia. olha-me de tal geito... que...

— Amo-a, Lylia Rosa!

— Excia.!

— Amo-a, sim! perdidamente, desesperadamente... E sómente serei feliz, tendo, no coração, para me guiar, amparar e confortar, o divino amôr da linda e loira amiguinha... Amo-a, desvairadamente, ó patria minha, — Lylia Rosa!

* * *

...E, quando, todo poderoso, o mais feliz dos mortaes, eu abria as portas de todas as prisões, annunciando ao paiz o meu proximo enlace com Lylia Rosa, a moça mais illustre nas letras e nas artes, e, notadamente, a mais linda mulher do Brasil, — sentí um beliscão tamanho, que me fez rolar da cama e despertar de tão delicioso sonho. Pensei, no momento, numa brincadeira de Lylia Rosa. E advertí:

— Deixa de brinquedo, minha nêgra...

Mas, reparando bem, abrindo bem os olhos, vi: era a minha mulher que, cançada de me sacudir e vendo que eu perdía a hora de ir para o trabalho, lançara mão daquelle recurso barbaro.

— Adeus, Governo de minhas esperanças! Lylia Rosa, adeus!

. . . .

E, acabrunhado, desesperado, enraivecido, amesquinhado da minha figura parva, sem o dôce olhar, o riso bom, o peito amigo, os olhos ternos de anjo e de pomba de Lylia Rosa, — caminhei para o trabalho, para a luta, para o desalento, — para a irremediavel dôr da desillusão!

Lembras-te

(Cont. da pag 7)

— Como guiavas mal, Pedro!

— Ah! mas eu progredi muito, desde aquella occasião, Gilberta.

— Não é uma censura. Pelo contrario! Não ha nada mais cacete do que um automobilista que diz: «A's 9 e 12 estaremos em Rambouillet; ás 15 e 54 em Chartres; ás 12 e 16 em Chateaudun. Para isso a gente toma o trem...

— Está ahi um inconveniente que não ha perigo de encontrar em mim. Ha sempre a perspectiva do imprevisto...

— Assim é que eu compreendo as viagens. Lembras-te daquella noite em que os pharoes não queriam accender?

— E a «pane» que tivemos em plena noite, perto de Pithiviers? Foi preciso dormir no carro...

— Sim. De manhã eu estava morta de frio, mas tinhamos visto nascer o sol, e isso já era alguma coisa... E aquella vez em que quasi nos matamos? O carro deu uma cambalhota, as rodas quebradas, os vidros partidos, e escapamos milagrosamente... Lembras-te?

— Se me lembro! Foi nessa occasião que fizemos amizade com os Cortoison. Elles nos recolheram em seu carro. Foram muito gentis comnosco. Não sabiam o que fazer para que esquecessemos a nossa pequena catastrophe. Lembras-te, Gilberta, lembras-te?

Mas Gilberta tornara-se repentinamente muda. Espantado, elle encara-a. Estava desfigurada, quasi feia, as sobrancelhas franzidas, o nariz enrugado, o rosto cheio de bilis:

— Sim, lembro-me, disse com voz sibilante. Creio que me lembro: foi nesse dia que começaste a fazer a corte a Germana Courtoison... Sim, debaixo do meu proprio nariz... Podes defender-te, mas isso não mudará em nada as coisas... Não sou cega... Bem que te vi fazer o engraçadinho, deante daquella imbecil....

— Oh! Gilberta! exclamou Pedro desolado.

— Eu sei, proseguiu ella implacavel. Tens vergonha de que eu traga essas recordações. Mas é a verdade... Aliás, foi a historia de sempre... Nunca pude ter uma amiga sem que lhe fizesses a corte... Todas: Antonieta, Elisa, Maria, Margarida, Andréa, Martha, todas, a todas cortejaste com mais ou menos sorte. Isso me punha louca. E é essa existencia atroz, essa humilhação perpetua que queres impor-me de novo... Sim, querido, agradeço-te muito, mas prefiro ficar onde estou...

— Mas, Gilberta...

— Sim, já sei, vaes mentir, vaes protestar a tua fidelidade, o teu amor, como outras vezes. Mas isso agora não pega mais, porque já te conheço bem... Olha: ainda ha pouco, no omnibus, pensas que não reparei nos olhares de investida contra aquella especie de gata magra que ia na nossa frente?

Pedro levantou-se.

— Basta! exclamou. Já me encheste as medidas!

E sahiram furiosos, cada qual para seu lado, sem sequer despedir-se.

A FUNCÇÃO

DULCE AMARA.

Boa tarde, Rogerio!

O ceu e a minha alma debruçada sobre este papel estão azues neste momento. Faz sol, um sol de tonalidades de óca que debrua bruxamente o perfil das cousas da terra. Aqui dizem: «sol das almas». No emtanto chove! Esse ouro do sol, pulverisando a chuva, dá-me a ideia de alguem que sorri com lagrimas nos olhos... Chove!

E a chuva miuda faz chagas d'agua na alma longa e livre das estradas. Escrevo-lhe. Lamento profundamente a sua decepção. Não é possivel regressarmos em tempo de assistir a festa commemorativa da sua formatura. Sei que o seu aborrecimento recrudescerá ao saber que trocamos a sua recepção por uma festa da roça. Perdôe-me Rogerio. Uma festa com esse cunho puramente regional é rara como as perolas negras. Uma recepção mundana é toda banalidade. Você disse que esperava ter nesse dia os verdadeiros amigos ao pé de si. E eu faltarei. Depois, prefiro vel-o recostado despreoccupadamente na rede da nossa varanda emmoldurada de glycinias, lendo em voz alta os nossos autores predilectos, a confidencial-o sob as luzes amortecidas dos «plafoniers» de um salão e sob a ameaça silenciosa de «lorgnons» impertubaveis. Fique sabendo. Em compensação, penitencio-me fazendo ao meu amigo «zangão» uma pallida descripção da festa a que assisti. Escreverei, aos trechos truncados, impressões naturalmente algum tanto incoherentes, mas que traduzirão com sinceridade o que a «indifferente» Eleonora soube ver e reter. Si a descripção não lhe agradar, a minha intenção tão bem premeditada falhou. Mesmo assim, você deve crer: a festa foi linda. Culpe os meus olhos que viram mal.

* * *

Cessou o rumor monotono das moendas de canna, a cantilena taciturna dos monjolos, o sonido surdo das enxadas arrancando da terra o pão embebido de suor. O que tinha que ser feito, feito está. «Festemos». Apenas as machinas de costura trabalham. Trez dias de festa. Trez vestidinhos de chita. Sapato novo. Meia branca. Laço de fita. A novena principiou. Erecto e soberano sob o seu manto roxo bordado a ouro, os pulsos marcados pelas cordas do supplicio, a fronte altiva sangrando sob a coroa de espinhos, o Padroeiro preside ao desfile dos mil milagres. A igreja ganhou um novo aspecto. Ganguinha vermelha nas grades do côro e das tribunas. Lirios e rosas de papel crepon coroam as cupulas dos altares, descendo em festões até as aras cobertas de toalhas de algodãozinho alvejado varradas de crochet. Ha mais de um seculo desfilam gerações e gerações ante a figura tradicional do Padroeiro. Uma historia singela cheia de milagres assombrosos. Uma guirlanda de luz em torno de uma cabeça divina de esculptura primitiva. O altar mór ainda conserva a sua apparencia colonial apezar de reformado diversas vezes. Os rendilhados de ouro, as cornijas negras, as torres que se elevam do côro de difficil accésso. Neste ambiente sente-se um encanto impreciso das cerimonias do Imperio. A novena principiou. E á noite, os jovens forasteiros vindos de longe, exhaustos e felizes, de joelhos ante o altar, erguem os olhos deslumbrados para as tribunas floridas de moças bonitas. Novena! A palavra mais linda da historia da festa! Nove dias de bebedeira sentimental!

A cidadezinha accordou da sua romanesca somnolencia ao buzinar furioso de um auto caminhão que trazia (com uma semana de antecedencia) um punhado de aventureiros, charlatães de feira que sabem illudir e divertir. Gente sem raça. Gente alegre. Gente manhosa. Uma miseria mal dourada. Uma enscenação mesquinha escondendo vicios e victimas da sorte. O povo do lugar cercava-as boquiaberto. E alli mesmo elles exhibem bugigangas, promettendo para a noite um espectaculo maravilhoso.

* * *

Esta festa é famosa. Observemos esta gente que se diverte. Como? Os escassos habitantes da cidade quasi desapparecem no turbilhão dos que chegam. Os homens contentam-se em ganhar dinheiro. Exploram a fome dos romeiros e mesmo daquelles que vêm explorar a vaidade, a curiosidade, a simpleza do sertanejo. Comem-se uns aos outros. As mulheres «tecem» e «miram». Temos a «gente do sitio». Lavradores independentes, pequenos fazendeiros, larga prole. Veem a pé, os filhos menores agarrados ás cangalhas das bestas, onde trazem mantas, esteiras, farinha de

Turma do Anglicus F. C. da firma Wilson Sons & Co. Ltda., vencedora do campeonato da A. C. E. A.

milho, carne, café. São previdentes. Os seus disperdicios de dinheiro não passam alem de um cartucho de confeitos, de uma «figura» de santo. Visitam o Padroeiro, accendem velas, assistem missa, criticam as gentes da capital e arranjam novamente as cangalhas. Voltam descalços.

* * *

Agora, os «forasteiros». Homens. Mulheres, raras. Gente que se abala de muito longe, de villas modorrentas, para ter o que contar ao pé do fogo durante um anno de labuta, aferrada ao cabo do «guatambú». E' ella a victima principal dos «volatins» de feira. Para á frente das barraquinhas de lona, de telhas de zinco, de taquaras ainda verdes forradas de folhas de «pita» e compra tudo. Durante o dia os forasteiros correm a cidade enfeitada de bandeirolas de papel de seda. «Mirados». «Chivitas». Abstractos. A' noite, somem. Vamos encontral-os apegados ás bancas de jogo, perdendo sempre. E no emtanto, desfila dia e noite aos pés do Padroeiro o cortejo respeitoso dos romeiros. As moedas das promessas e das esmolas tilintam sem parar. As velas ardem constantemente. A' noite abafa-se na cidadezinha. Candieiros de kerozene nas mezas de jogo. Pregões conicos attrahem o sertanejo para o café com rapadura, para os bolinhos de peixe, para os confeitos coloridos, para a guarapa morna, para a batata doce assada nas brazas das fogueiras alevantadas nas esquinas, ao lado dos chafarizes coloniaes.

* * *

Uma das notas de colorido mais frisante que caracteriza esta festa regionalissima é o cumprimento das promessas. Exemplo: o sertanejo promette «tirar esmola pro Divino». Do alto da laranjeira velha a onde trepei para festejar com uma traquinada este meio dia quasi de primavera, vejo-o descer a encosta do sitio de nho João Cyrino, o pequeno vulto enroscado na faxa de ouro da estrada banhada de sol. Aproxima-se mais. Entra na cidade. Figura typica. Trigueiro. Lenço encarnado amarrado á cabeça. Camiza de xadrez. Calça de «riscado». Descalço. A mão direita segura o estandarte; um bastão grosseiro todo ennastrado de fitas multicores, esvoaçando em torno da corôa de rosas de papel que circunda a pequena ave toscamente esculpida, de um dourado vistoso. A mão esquerda leva a salva de vidro forrada com um lenço de algodão bem alvo, de pontas abertas em crivo, quatro versos bordados com linha vermelha, correndo toda a barra.

«Ramo verde de alecrim
Na minha mão reverdece.
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me merece.»

O sertanejo sorri um sorriso acanhado, cheio de tocos de dentes amarellos de fumo.

— U'a esmola pro Divino!

Um bando de forasteiros, apenas chegados, cercam-no com grandes exclamações devotas. As mulheres beijam as flores, fazem pequeninos nós nas fitas. Fanaticas. Os homens descobrem-se apenas e soerguem ligeiramente a cabeça até a côroa farfalhante, numa aproximação respeitosa. Os homens saudam. As mulheres beijam. O «tirador de esmola» está cercado. Typos e trapos. Miscelanea. saias de ganguinha verde com frisos pretos, saias de chita, blusões de etamine creme com listões de seda e entremeios de renda branca, voiles negros forrados de setineta côr de rosa e azul, cassas enfolhadas de babados. Os pesinhos se atropelam. Sapatões de verniz, sandalias de chromo, botinhas archaicas, chinelos de elastico. Pés descalços, nervosos, de artelhos delicados e solas insensiveis, que mesmo habituados ao aspero contacto das «tiguéras» deixam adivinhar sob as queimaduras, o marfim rosado da sua carnadura. Pés morenos, pequenos, o peito arqueado, levissimos, de uma elegancia innata, que ignoram todas as miserias dos pés bem calçados. Pesinhos de menina, que já sabem soffrer longas caminhadas por areaes, brejos, e atalhos riscados pelas féras. Os corpos se alçam nas pontas dos pés e as cabecinhas se tocam na communhão do mesmo anhelo: beijar o Divino. A cabeça feminina varia de côr e de forma como a flôr. Artificiaes. Agrestes. Lindas quasi todas. A ephemera arrogancia da rosa. O vampirismo sanguineo da papoula. A angelitude atordoante da açucena. Observemos as flores do matto, essas «rosas loucas» nascidas entre a esmeraldina revolta das avencas nativas. Cabeças arredondadas, de linhas harmoniosas, cabellos lisos, negros, o penteado baixo, apertado em rodilha. Cabeças alongadas, a testa alta, cabellos louroscendrados, arranjados em tranças coroando as frontes em forma de «beirinha de balaio». Cabellos castanhos repartidos ao centro, presos por pentes de côr. Pastinhas ennegrecidas pelo oleo de babosa, colladas á testa, apertadas por fitas de seda preta. Carapinhas frechadas de grampos. Cabeças de cabocla ostentando lenços de setineta, lenços de chita, lenços de lã franjados de seda perfumados de patchouly, ainda frios da sombra das velhas arcas revestidas de couro. Toda a infinita variedade da flôrmulher.

— Eu sei, Rogerio, que você difficilmente comprehenderá a vaidade simploria da mulher do sertão. Exemplo: um dos mais suspirados desejos da menina que se faz mulher, é poder offuscar os seus conhecidos com a exhibição do chale. Conhecese a fortuna e a jerarchia da sertaneja, pelo valor e pela maneira com que ella enverga este complemento indispensavel da sua toilette.

O modo mais usual é o seguinte:

Enlaçam o quadril com a ponta esquerda da manta e com a mão direita levam a outra extremidade á

Chronica Tragica

Trazia ha pouco um diario de Roma uma correspondencia de Berlim, narrando um desses vulgares crimes passionaes de que anda cheia a vida. Tres raparigas gemeas trabalhavam num circo. Bailarinas, equilibristas e acrobatas, apresentavam todas as noites ao publico o encanto sempre novo dos seus movimentos e das linhas do seu corpo.

Bonitas, bem feitas, era natural que despertassem admirações de varios estylos. Uma dellas, nunca se apurou qual, inflammou o coração de certo rapaz do circo. Chamava-se Hans ou coisa parecida. Era electricista. Começou a requestar a pequena. E vae bon-bon, e vae beijinho, e vae bobagem. Quando a via no omnibus, contra todos os habitos dos paizes já civilizados, fazia questão de pagar. Quando passava por uma florista, sempre que possivel, adquiria um ramalhete.

Mas a situação do electricista era tremenda. No omnibus, pagava sempre para as tres, cuja extrema semelhança não lhe permittia ás vezes distinguir qual a bem amada. Vivia horas horriveis, após a entrega do ramalhete, incerto sobre se déra mesmo a quem de direito, se não se enganára. Ao applaudil-as, de volta do trapezio, não sabia a qual endereçar o olhar enternecido, como não soubera antes por quem «torcer». A da frente? A do meio? A de traz? E quando via uma dellas acompanhada por um louro collega ou «habitué», o pobre Hans, ou coisa parecida, enlouquecia. Era a sua? Era uma das outras? Mas de uma coisa estava certo. E' que ella, ou ellas, nenhuma dellas o amava. As flores eram recebidas com indifferença. Uma, certa vez, para seu maior martyrio, sorrira. Mas qual? A sua? Uma das outras? E por que não sorrira mais? Acabara a sympathia nascente? Tinha pudor de mostrar os sentimentos deante das irmãs, quando estavam juntas? O seu desespero chegou ao extremo. As outras mulheres do mundo já nada significavam para Hans. Nenhuma outra o interessava. Era só ella, ou ellas. Um dia, allucinado, escondeu-se no camarim das raparigas. Quando já estavam em certos trajes, ou melhor sem os mesmos, foi descoberto. E o fogoso electricista foi corrido aos pontapés, evidentemente de todas. Resolveu, então, matar a ingrata. Esperou que as tres subissem aos trapezios, em pleno espectaculo. Fizera uma ligação electrica para cada um, afim de matal-a seguramente, em qualquer dos trapezios a que subisse. Mas no momento supremo elle hesitou novamente. Qual dellas era ella? A da direita? A da esquerda? A do centro? Foi curta a hesitação. Abriu a chave para os tres trapezios e as tres lindas creaturas desabaram bruscamente no solo. Matou-se em seguida. A historia é tragica, bem se vê. Peor seria, porém, se o rapaz fosse correspondido por uma dellas. Ou melhor, conforme o ponto de vista...

ALVARO MORENO.

Grandeza e decadencia da locomotiva

(Cont. da pagina 29)

Tudo isso, afinal, provem da mecanica; a mecanica substitue a philosophia. Melhor, incomparavelmente melhor, do que tomos e tomos que de hoje em deante se escrevam sobre a vida humana, exercendo, sem contestação, maior influencia nos destinos da sociedade moderna, temos que vêr e reverenciar a classe dos technicos.

O automovel, o aeroplano, a radiotelephonia e o cinema, continuarão a contribuir indefinidamente para modificar os costumes, alterando habitos seculares, aproximando povos, renovando a moral ancestral.

Nós mesmos, os que nascemos ao raiar deste seculo, enamorados da intelligencia, tudo sacrificando pelos nobres prazeres da sensibilidade artistica, não seremos, talvez, entendidos pelos nossos filhos, que encontrarão emoções mais salutares num vôo aeronautico, no campo de futebol, ou numa sala de cinematographo. Quem advinhará a linguagem do futuro? Quem, num dado momento de prodigiosa lucidez, poderá antecipar a sintaxe a ser empregada por esses entesinhos que fazem hoje a fugaz poesia de nossas casas, ao se transmittirem impressões de um tempo que não poderá ser o nosso?

S. Galeão Coutinho

---

altura do rosto, occultando a bocca. Já mantive intimas relações de amizade com diversas jovens e senhoras idosas sem chegar a conhecer o colorido dos seus labios. Este habito tende a desapparecer. Muita cousa acontecerá porém, antes que a sertaneja renegue a magestade da manta e offereça aos olhos indifferentes de quem passa, a visão do seu sorriso, porque eu não affirmo que ella não sorria debaixo das pregas do seu chale...

* * *

A funcção está no auge! Tudo corre bem. Nada de «botuperias». O largo cheio, lanternas multicores, bandeirolas, doces e moças, é uma arena onde os cavalleiros sertanejos luctam por um sorriso, por um olhar, por um cravo vermelho cahido da cintura de uma morena...

Os rapazes ostentam o seu donaire nos lenços de seda presos ao pescoço por um nó «negligé». Ahi está toda a arte. Brins. Pala. Perneira. Faca de bainha. Cavallo baio. Gravata! Dente de ouro. Trabalham de sol a sol, mas aos vel-os «festar» sorridentes, «corruxibas», as mamãs sensatas commentam: «E'... Aquelle «nhô» só sabe «cortar jaca» em Reza de São Gonçalo...»

As moças... Arapongas! Sabiaúnas! Lindas. Lindas. E feias tambem. Lenço na mão. Olhares. Apenas. Missas profanas. Procissão. Peccados da mocidade seguem os andores floridos. A' noite, leilão de prendas. Banda de musica. Quentão. Violões e flautas cantando pelos bemos. Bate-pé. Joguinho de tostão. Briga de faca.

* * *

E ao terminar aquelle encantamento...

— Mecê... é daqui?
— Nhor não...
— Do sitio?
— E'...
— Vae s'imbóra?
— Manhã...
— Aquerdite... Foi festa que não «festei»... Assumptava...

* * *

Até breve, meu amigo. Terça feira estarei com você. Parece-me que a simples intenção de voltar já me afasta das cousas que me cercam e que encantaram as minhas ferias. E analyso o que vejo. A rede... Uma pele de lontra sobre o banco de piuva. Um «tupê» jogado ao pé de uma canastra de laranjas... E lá fóra, sob o nevoeiro grisalho da antemanhãm, os romeiros fazem os preparativos para a partida. E' o fim, Rogerio. Eleonora.»

SACCOS

DE

PAPEL

de 20 a 60 Kilos

PARA QUALQUER UTILIDADE

PRATICOS

ECONOMICOS

RESISTENTES

BATES VALVE BAG CORP. OF BRAZIL

CAIXA POSTAL 2932 — TELEPHONE 4-1042

SÃO PAULO

ESCRIPTORIO:
P. Ramos Azevedo, 16-sob.
END. TELEG.: BATESBAGS

FABRICA:
Av. Presidente Wilson, 247
TELEPHONE, 4-9434

A CIGARRA

Supplemento das Moças

Jean Arthur

ANNO 18 NUMERO 405

Approvada pela Academia de Medicina de Paris

Deposito : **Maison FRÈRE**
19, rue Jacob, PARIS

Venda a retalho : Em todas as Pharmacias

Agentes da "Cigarra" na Europa:

E. BOURDET & CIA.
Rue Tronchet, 9
PARIS

AGUA DO REGIMEN DOS ARTRHITICOS

Gottosos - Rheumaticos - Diabeticos

A's refeições

VICHY CELESTINS

Elimina o ACIDO URICO

Supplemento das Moças

E' DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE ACOMPANHANDO "A CIGARRA"

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Supplemento das Moças", Caixa Postal 2874

Sala de Visitas

Bom dia, meninas!

Sentimo-nos satisfeitos podendo receber, hoje, vocês todas, mais fidalgamente.

As cousas por aqui, parece-nos, estão, já, quasi ageitadas.

Queremos entretel-as, no entanto, por alguns minutos, nesta sala de visitas.

Quando se tem assumpto, é bem agradavel fazer-se sala a moças. Qundo não se tem, fala-se do tempo ou, então, por falar em tempo, vem sempre a tempo falar-se do adeantamento dos relogios...

Mas... vamos tratar de outros motivos mais attrahentes para vocês.

Vamos falar de cinema. Vamos falar sobre a figura que ora mais se evidencia, focalizada pelos reflectores da publicidade paga, no mundo da luz e do som.

Falemos de Marlene Dietrich.

Vocês a conhecem? Dizem-n'a a rival de Greta Garbo.

Que esperança!... Com aquellas pernas de fantoche? Com aquelles olhos que ainda não aprenderam a dizer phrases sybillinas? Com aquella figura sem relevos, sem o halo de peccado que canonisa, em Holywood, os santos milagrosos do cinema?

Por mais que nos queiram convencer não nos entra essa novel creação dos magnatas da cinematographia, não dos directores artisticos, mas dos commerciantes, daquelles que vêm, nas fitas de celluloide, u'a mercadoria.

Marlene Dietrich, ou, melhor, as suas pelliculas, representam mercadoria que elles como bons commerciantes, querem, a todo custo, «pôr fóra».

Querem empurral-a abruptamente, quando as reputações só aos poucos pódem ser conquistadas.

Em parte, elles têm razão. O publico impôz, a esses grandes negociantes da California, a hieratica Greta Garbo. Agora, elles querem impôr ao publico Marlene Dietrich.

Duvidamos que alcancem os seus propositos. A opinião geral ainda fica com a admiravel creadora dessa figura unica que estão tentando imitar como se imitam sabonetes, xaropes ou pastas para dentes.

Não: tenham paciencia! Nós aqui, pelo menos, estamos com esses fabricantes cautelosos que collocam sempre, á margem dos seus annuncios, esta phrase:

«Recusem as imitações».

O drama do caminho de Neuilly

Antoine Courson

Carlota entrou no taxi, que partiu logo. Humberto esperava-a dentro do carro. Tomou-lhe u'a mão:

— Como vieste atrazada! Espero que não te haja acontecido nada...

— Não, nada... Estava inquieta, simplesmente — murmurou ella — Tenho medo.

— De teu marido?

— Sim... Parece apprehensivo. Esta manhã, durante o almoço, não me dirigiu a palavra. Creio que suspeita... Saberá qualquer coisa?

— Que idéia, querida! — protestou elle. — Como poderia saber? Nunca te escrevo, nunca te telephono, só vou a tua casa quando me convidam officialmente... E' impossivel!

— Talvez a casualidade, o azar...

— Supposições absurdas. Ninguem póde suspeitar, Carlota, que eu me encontro comtigo, que te vejo, que te amo... Acaso me queres menos porque nosso amor encerra um perigo?

— Não... Mas elle é tão violento... A prova da minha trahição o faria perder a cabeça... Sim, confesso: tenho medo...

— Vamos, não sejas creanças! Não falemos mais nisso... Pensemos em nós, no nosso amor...

O auto rodava para a Estrella. Os letreiros luminosos mesclavam suas luzes multicores. Atravessaram um trecho mais escuro. Depois, o longo desfile das avenidas... O taxi não tardou a alcançar Neuilly. A calma provinciana da pequena cidade envolveu-os repentinamente. A casa de Humberto estava proxima. Logo se achariam no interior discreto de suas periódicas entrevistas... Parodias de intimidade. Instante curtissimo o que aspiravam constantemente, e que o mysterio do amor sabia prolongar tão bem pelo pensamento, que esqueciam as longas horas em que viviam separados, como se suas vidas não fossem feitas senão para esses rapidos momentos... Um taxi que esperava junto a uma cerca. A fuga para um ninho distante... Depois, a felicidade incompleta, á qual se juntava, sempre, um pequeno calafrio de temor... O desolado regresso... A mentira... A vida...

Um balançar do auto lhes fez levantar a cabeça.

— Que velocidade! — disse ella.

— Assim, chegaremos mais depressa.

— Não... francamente. vae em excessiva velocidade.

— Como estás nervosa hoje!

— Olha, olha! Estivemos a ponto de bater contra aquelle outro taxi, na encruzilhada... Vou dizer-lhe que diminua a marcha...

Inclinou-se para o vidro e dispôz-se a levantal-o quando, bruscamente, se encolheu junto ao amante.

— Que tens, Carlota?

— **E' elle** — murmurou ella num sopro de vóz angustiosa, assignalando com o indice a cabeça do chauffeur, dissimulada por um enorme boné. — E' elle, é elle... Olha a cicatriz que tem junto da orelha direita... sua ferida... Surprehendeu-nos...

— Tem calma!

—... e nos conduz á morte!...

Humberto abriu o vidro divisorio.

— Escute, amiga. Vá mais devagar... A senhora tem medo...

O chauffeur pareceu não ouvir.

— Digo-lhe que vá mais devagar!

Humberto voltou-se para a bella Carlota. A joven havia occultado a cabeça entre as mãos. Soluçava... Humberto não duvidou um momento mais que aquelle homem fosse o marido de Carlota. Como pudéra descobrir suas relações? Por que empregava toda aquella "misse-en-scene" para surprehendel-os... vingar-se? Por que o epilogo da aventura se apresentava com caractéres tragicos? Nesse caso, só o que o incommodava era a vida della. Devia salval-a, a todo transe.

Tirou do bolso um revolver, e apontando-o á cabeça do conductor gritou:

— Páre, ou faço fogo!

O homem, impassivel, não diminuiu a velocidade.

Então, sem pensar na imprudencia de seu gesto, Humberto puxou o gatilho. Uma detonação. Choque do vehiculo contra um poste da estrada. Explosão do motor. Ranger de cerca que se quebra. Um gemido. Fumo...

* * *

"O drama de Neuilly, — lia-se dias depois nos jornaes — continua envolto no mais absoluto mysterio. Ninguem explica por que os dois occupantes do auto, que pertenciam á melhor sociedade parisiense, hajam assassinado o chauffeur Bouchard. Honrado pae de familia, Bouchard pensava abandonar, no fim do mez, a sua profissão e retirar-se para o campo. Sua ferida, na cabeça, junto á orelha direita, não lhe permittia continuar empunhando o volante, **pois sua surdez se fazia mais intensa dia a dia!**"

EXPEDIENTE DO
"Supplemento das Moças"
Edição da Empreza
"A Cigarra" Ltda.

Redacção-Administração:
R. João Briccola N.º 10-2.º And.
(Predio Pirapitinguy)

Redactor: Armando Bertoni

Correspondencia - A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.

Assignatura - Preço da assignatura annual da "A Cigarra".

24$000 com porte simples
30$000 registrado
35$000 para o exterior

O "Supplemento das Moças" é distribuido gratuitamente, acompanhando "A Cigarra".

Clichés - Em vista de seu grande movimento de annuncios, **A Cigarra** não se responsabilisa por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de **tres mezes**

Agentes na Europa
E. BOURDET & CIE.
9, Rue Tronchet, PARIS
19, 21, 23, Ludgate Hill
LONDRES

Agentes na Inglaterra
Latin-American Publicity Service Ltd. - London, 5 New Bridge Street - N. - C. - 4.

Succursal em Buenos Aires
Lima & Cia., Calle Tacuari 1542

Succursal no Rio de Janeiro:
"A Eclectica", á Av. Rio Branco n. 137 - Caixa 5292
Phone Central 3246.

Para Primavera

I

Diz-me V., numa linguagem castiça, escorreita, que tenho arraigadas dentro de meu cerebro, ou, se quizer, de meu coração, idéias originaes sobre a mulher. Mas permitta-me adiantar-lhe que, ha mil annos,os homens, na sua maioria, pensam como eu penso. Apenas com uma grande differença: os outros não dizem, eu digo. Ha mil annos que o homem, na graduação vertiginosa do progresso, na escalada herculea e viril da perfeição, vem procurando, palmo a palmo, suspiro a suspiro, ás vezes sorrindo, mas sempre chorando, sempre soffrendo, a formula completa e efficaz da felicidade.

II

E porque o primeiro homem amou, trocando o paraizo pelos horrores do inferno, os outros homens, de todas as idades, desde a mais primitiva á mais civilisada, desde a mais barbara á mais moderna,julgam encontrar na mulher, nos olhos profundos da mulher, nesse conjunto maravilhoso de perfeição, de encanto, de seducção, a realização completa de sua felicidade. O primeiro homem encontrou no primeiro beijo da primeira mulher, o primeiro espinho, que lhe sangrou os labios, que lhe ensanguenta a vida, a alma, os sonhos.

III

Adão? Adão, Primavera, foi o grande precursor do jugo masculino á fragilidade da mulher. Porque foi o primeiro escravo. Porque foi o primeiro deus, que se tornou miseravel pelo amor e pela mulher. Sacrificio estupido e terrivel, que passou de geração para geração, num servilismo berrante, até nossos dias. E passará. Passará sempre. Até o Juizo Final. Numa desagregação espantosa do homem aos caprichos da mulher.

IV

Depois desta arrancada, cuja qualificação, de estupida ou philosophica, deixo ao seu criterio, quero concordar com V., Primavera, quando se refere ao progresso. O progresso, tudo que corta e domina os ares, tudo perfura e devassa a terra, tudo que cavalga no dorso furioso dos mares, tudo que apita, tudo que fumega, tudo que corre, é o resultado do trabalho do homem. Reconheço, ahi, um grande estimulo, o estimulo que transformou o braço do homem em alavanca e lhe rasgou o cerebro de luz.

V

Mas nem sempre esse estimulo teve a sua origem na mulher. Não devemos attribuir todas as boas acções á mulher. Mas uma boa parte das más se oriunda da mulher. Irremediavelmente. Se a mulher não existisse, o mundo continuaria a ser mundo. Inalteravelmente. E seria melhor. Mais

suave Não, Primavera. Não me fale em prole. Nos bondes prohibem a entrada de cães e permittem que as creanças sujem as calças de um honrado cidadão.

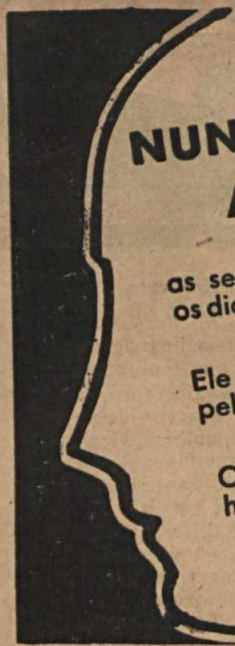
VI

A mulher — não o nego — é uma primavera. Como você, Primavera. Mas a mulher que passa. A mulher que se não conhece. Que passa e deixa por onde passa um rastro de luz, um rastro de perfume. Agradavel. Cada homem que passa atráz do encanto de cada mulher que passa, é uma tragedia ambulante, que procura o ultimo acto, que nunca chega. Porque a mulher nunca trouxe felicidade. Para mim, todo homem começa a ser infeliz quando procura na mulher a sua felicidade. Estupidamente. Sem nunca a encontrar. Ao seu dispôr. — **Inverno.**

Garota Virtuosa

I

Sim, "Garota" ou "Menina Feia" (?), tenho essa "bruta coragem" de correr a terra tres vezes para ver-te... Por que não crês? Deixa-te disso! Pois se eu nunca corri atraz de ninguem. Uma vez corri da policia, que, felizmente, não me pegou... Gostaria tanto de correr! Correr, propriamente, não. Porque chegaria cançado e suado. Iria caminhando de vagar.

II

Para entrar em teu coração. Não te conheço. Se te conhecesse... Que bom, hein? Mas estou terrivelmente apaixonado por ti. Não é mentira. Uma paixão "que me agarra, que me machuca, que me aperta com força e me joga no chão". Manda-me teu endereço. Se não m'o mandas, nunca mais terás noticias da paixão do... — **Principe Jardineiro.**

Para

Madeixas de Ouro: — Depois de uma longa ausencia, volto a collaborar e espero poder contar com a sua amizade. E' possivel? Segredo de Morte: — Malvina: Por que não responder á minha ultima carta? Será que fui posto no rôl dos esquecidos? Se não fui, peço responder-me, servindo-se do antigo endereço. Rua C. Simões, 9 — **Marquez de Vilers.**

Sta. Gaby

Sou um rapaz sincero; por isso, se me quizeres dar teu coração, aqui estou para recebel-o. Leitores: Aos que já me offertaram a sua amizade, venho desculpar-me da longa ausencia, e perguntar-lhes se poderei continuar a contar com a mesma amizade de outrora. — **Marquez de Vilers.**

Venus de Medicis

Procurar noivo? Se não fizer questão de feiura, cá tem um perfil: feio como um bugio, 20 annos, cabellos castanhos, loiros, olhos da mesma côr, altura, 170, pobre como a Miseria, amigo de bailes e sincero ao extremo. Aguardando resposta, aqui fica o — **Marquez de Vilers.**

Para

Sublime Amor: — Se é amizade o que deseja, aqui tem a minha ao seu dispôr. Mas... eu não sou morena...

Cyrius: — Foi com satisfação, grande satisfação, que vi novamente surgir, entre os collaboradores, a sua amavel pessoa. E espero que ainda não se tenha esquecido da — **Satania.**

Reverendo

I

As suas palavras, meu joven sonhador, são, em verdade, as de um sonhador joven. E ellas, as suas palavras, que têm um que de triste e ao mesmo tempo suave, prenderam, num grande scismar, o meu sêr que tambem é joven, e é sonhador. Que tambem é triste, e vive de esperanças. E estas são tão varias... E as...

II

...tristezas tão constantes... E eu... eu não lhe deveria escrever, porque você, sendo triste e sonhador, quererá para sua amiga uma jovem alegre e despreoccupada. Uma jovem que o faça vêr tudo pelo lado bom da Vida. Que lhe saiba dizer cousas risonhas, que para as escutar é mistér que esqueça, o seu fado por sêr triste, e a Vida...

III

... por ser má. E essas cousas, eu não lh'as saberia dizer. E por esse motivo, eu não lhe deveria ter escripto. Mas a gente, ás vezes, gosta de dizer, aos outros, o que deveria ter dito a si mesma. E é por isso que aqui lhe diz o que não lhe competia dizer a — **Satania.**

Para...

Conselheiro do Amor: — Muito agradecida, gentil Conselheiro, por tão adoravel resposta. Si você soubesse como fiquei contente... Quer escrever-me uma cartinha endereçada á redacção? Ben-Hur: — Obrigada, amiguinho! Rosario: — Gosto muito dos teus escriptos, Rosarinho linda! Queres ser minha amiguinha? Alma Lêda: — Espere missiva. Muito obrigado por sua amavel cartinha. Caçador: — Esqueceu-se de mim? — **Arlette.**

Noivo

Moça alta, cabellos e olhos escuros, clara, estudante, alegre, gostando muito de bailes, cinemas e "triangulo", procura um noivinho que saiba dansar bem, seja alto (1,70 para cima); não se faz questão de belleza. Exige-se que seja educado e que goste de diversões. Não sou millionaria, mas tenho algum dinheiro. Cartas para a redacção da "Cigarra" para — **Rosaic.**

Para...

Nympha: — Nem tanto, queridinha! Affonsito: — Eu sou tão "boazinha"! Farolito: — Vida apertada? Não sei porque! Leonama: — Não zombe assim, caro amiguinho; Duo - Ashavérus, Til & Cifrão: — Acceitam a humilde amizade da — **I Love You, ou M. de Vuvré?**

Um pedido

Sendo admiradora desta revista, desejo ser della minuscula parte. Peço a seus collaboradores, que me tenham como uma boa amiguinha, que estará sempre prompta para os servir. E, se me acceitam como tal, quero, agora mesmo, fazer uma perguntazinha á Ignezita: — Qual sua opinião sobre o amor? Agradeço antecipadamente a todos que me tomarem como amiga. — **Bonequinha.**

Eliza ou Ignez?

Uma moreninha residente á rua Thiers, par, disse, ao "Desabrochador", que se chamava Eliza, e alguem a conhece como Ignez. Como é Eliza? Você se chama Ignez ou Eliza?

(Nem todos os santos fazem milagres, nem todas as mulheres fallam verdades).

O Geraldo está firme com a V. A Gloria, encrespou com o H. — **Reporter do Braz.**

J. Claudio

Coitadinho do menino isolado!...

Fiquei triste por vêr que o Claudinho está em plena solidão.

Eu não sou uma creatura celeste, porem poderei enviar um pequeno sorriso ao...

Sou do Interior. Porém, estou pertinho da capital.

Adeusinho... — **Pimentinha.**

Para você, Salvador:

Ingrato! Soffro muito por sua causa! Porque eu amo você! Porque eu sou sua e não serei de mais ninguem! Lembra-se do final de minha carta: "da sempre — sua, etc."...? A resposta foi quasi igual, não foi? E, no entanto, só eu cumpri, cumpro, e cumprirei o que escrevi. Você, ingrato, abandonou o amor da — **Rosa Helena.**

Para...

Leonama: — Obrigadissima. Sublime Amor: — Espero que você acceite minha amizade, pois sou morena. Bois Gilbert: — Excellente ideia, a sua! Avante o "concurso"!... Dou o meu voto, para Rei, ao distincto Conselheiro do Amor, e, para Rainha, á prezadinha Virgem de Stambul. Silencioso: — Pode contar com a minha amizade. — A' gentil "Cigarra", mil beijinhos envia a leitora — **Rouxinol de Tranças.**

Olhos verdes

Quem vae gostar de ti? Ora, que pergunta, pois com esse perfil sympathico que descreveste, ficaria satisfeito em ser teu noivinho. Responde-me por carta, á Caixa Postal 3190, marcando algum encontro ou dando endereço para uma resposta. — **Sandy.**

Arethusa

Li a sua notinha no numero 402 da nossa querida Cigarrinha.

Minha amiguinha: confesso-lhe que não gostei. Não gostei nem um pouquinho assim... Olha!...

Então, você ama o Lolico? Coitadinha...

As cartinhas do nosso "First Love" são tão gentis, tão sinceras... que eu não me sinto com coragem de...

Por isto... Quem puder mais... — **Bahianinha.**

Para todos...

Chego hoje, ás brilhantes paginas da "A Cigarra", pela primeira vez; apresentar-vos-ei, em todas as quinzenas, uma notinha alegre do meu florido bairro, que é a Moóca. A todos os collaboradores e collaboradoras, peço um pouco de amizade; precisando tambem de algum favor, dirijam-se á nova amiguinha — **Condessinha D'Orioles.**

Egypciano

Que adoravel!...

Gostei do seu pedido... e quero ser sua "noivinha" leal e sincera.

Que tal?!... Quer me enviar uma cartinha? Eu ficarei contente... pensarei sempre em si, porque meu coração nunca sentiu o amor...

Faça-a, Egypciano, por intermedio da redacção... uma longa... bem longa... e que não tenha mais fim... — **May.**

Sta. Gaby

Collaborando, pela primeira vez, na gentil revista a "Cigarra", acceito com immenso prazer o seu "coraçãosinho", que acaba de brotar no jardim dos amantes. Ha muito que o esperava florescer, mas só agora é que o meu coração despertou...

Sou sincero e espero correspondencia no proximo numero a — **Conservatoriano M. M.**

Gymnasio do Estado

(1.o anno C.)

Bons collegas; nas horas de tedio começo a lembrar-me de vocês todos e de tudo o que vocês fazem. Por isso, vou contar aos amiguinhos da "Cigarra". A Nair B. fazendo composições lindas, o Zé B. levado e barulhento, a Edith G. sempre applicada, Egle D. muito engraçadinha e eu muito contente. **Miss Terio.**

Para

Inverno: — Você escreve c[illegible] sas muito bonitas e muito [illegible] acerca da mulher, mas me[illegible] assim eu gosto bem de v[illegible] Sublime Amor: — Eu sou lo[illegible] mas tenho a alma morena; q[illegible] ser meu amiguinho? Angoulê[illegible] — Eu tambem gosto de tudo [illegible] você gosta; quer gostar tamb[illegible] de mim? Le Danger: — Voc[illegible] mesmo um perigo. Juro que te[illegible] medo de você. — **Miss Terio.**

Desejo

Gostaria de trocar ideias c[illegible] jovens possuindo gosto pela [illegible] te e espirito desprovido de p[illegible] conceitos archaicos. Espero e[illegible] contrar uma moça assim. M[illegible] que seja bonita e esbelta, bem e[illegible] tendido. Isto porque sinto um v[illegible] zio ainda não preenchido, inde[illegible] nivel, na alma, uma sensação n[illegible] va, no espaço deixado pelo Be[illegible] e pela alegria de viver.

Tenho 22 annos e algu[illegible] ideaes. — **Omar.**

Cigarra

Cigarra: levantas mais uma gl[illegible] ria de veridica victoria, deixan[illegible] no coração do povo paulista a t[illegible] benefica protecção. Que cont[illegible] muitos annos é o que deseja e [illegible] todos os seus auxiliares — Al[illegible] **Soffredora.**

Rosario

I

Hace mucho tiempo que deseaba pedir su amistad, pero he creido no merecerla Hoy tuve el placer de leer su carta lo que me autorizó a ofrecerle este pensamiento, inspirado por su nombre que a mucho tengo guardado.

Admiro mucho sus escriptos en castellano, pues odoro ese idioma y usted escribe tan bien,

II

cuando dice palabras como estas: "La tarde agoniza, lentamente va muriendo y mi corazon triste como um passaro prisionero, recuerdo de un amor muerto...

Rosario, o teu nome indica — Onde: no convento de Bemfica — Só, numa cella enclausurada — Adorando uma imagem sagrada — Rezando eternamente com ardor — Irmã ou esposa do Senhor. — Onde deixaste o teu primeiro amor? — **Rei Vagabundo.**

Noivinha

Rapaz com 21 annos, alto, louro, olhos claros e trabalhador, apreciando a musica, cinemas e bailes ,procura uma noivinha que possa amal-o com toda sinceridade. Não faz questão que seja loura ou morena e nem que resida no interior.

O essencial é que seja muito boazinha. Escrever para a redacção ao — **1010.**

Celita

Respondendo ao seu amavel pedido, offereço-me para seu colleguinha, pois tambem estou só. Creio que seremos bons amiguinhos, porque julgo a amizade uma virtude e que só é digno de possuil-a quem sabe honral-a. Sempre attento — **Mister.**

Olhos Verdes

Querida. Quer-me parecer que te conheço. Frequentas as matinées da Sala Vermelha do Odeon? Não serás por acaso uma joven que passa, diariamente, por volta das doze horas pela Escola Normal vindo da Rua Barão de Itapetininga?

Se fores essa que eu penso, pódes ficar certa da minha grande e sincera admiração pela tua gentil pessoa. — **Noivo.**

Ao "Nem é bom falar"

Queridinho. Fiquei encantada com o teu perfil. Aprecio os homens fortes. O meu perfil: Sou loira, olhos verdes, cabellos ondulados, bocca e nariz regulares, 18 annos. Sou descendente de estrangeiros e trabalho na rua Florencio de Abreu. Resido no Braz. Aguardo anciosa a tua resposta, bemzinho.. Da tua — **Amanhã direi.**

Hilda

(Rua João Theodoro)

Apuramos que a senhorita é collaboradora desta apreciavel revista e como tambem o somos, o prazer seria todo nosso se a srta. se dignasse informar-nos do seu "pseu", para podermos compartilhar amizade, por intermedio da mesma, se por ventura somos agradaveis. Distinctamente a cumprimentamos. — **Principes Rebeldes.**

Rua C. Furtado

(J... meu amor)

Sei que não me amas e no entanto ainda tenho esperança... esperança de que? De possuir o teu amor? Não sei; só sei é que te amo e muito e que por ti meu pobre coração palpita em loucas vibrações. Porém, tu, cruel, sabendo quanto te amo, porque não me me comprehendes e sem piedade torturas-me com a tua indifferença. Bem sei que não me amas J... mas por ti vivo, pois és tudo para mim na vida. Da leitora — **Juno.**

Dolorosa saudade

Foi numa tarde de sól maravilhosa que você atravessou o meu caminho! E eu te chamei, orchidéa, — porque o teu corpo moreno emanava um perfume inebriante e raro...

Os teus dezoito annos, imaginei-os as petalas de uma flôr perfumada, de uma linda flôr que viria ornamentar, em breve, a primavéra da minha mocidade. Mas você era vaidosa ao extremo, Marion... E, um dia, aconteceu o que eu previa; rompeu-se o nosso idyllio... apartamo-nos.

Você seguiu pela estrada florida da esperança... E eu, como um nomade errante, fui tropeçando pelos caminhos tortuosos da existencia...

E' assim a vida... Adeus, Marion; talvez, quem sabe, um dia, bem cedo ou tarde, eu consiga olvidar; e, assim sendo, nos caminhos incertos do meu destino, não mais tropeçarei nos escombros desta saudade dolorosa!... — **Ubirajára.**

Phantasia

(A Alguem...)

Lembras-te, Myriam, do saudoso retiro onde passamos as ferias?

Ha tanto tempo!

Como vae longe a nossa creancice...

Lembras?

Distante duas leguas da Fazenda, existia a palmeira onde, todas as tardes, um sabiá trinava uma melodia triste...

Depois, descrevendo um ziguezague, descia para banhar-se no lago de crystalinas aguas...

E o martelar da araponga?

E o canto melancolico e triste do João Paraná, que escutavas embevecida?

Lembras?

Como é triste recordar o que não volta! — **Ubirajara.**

Homens!

(Excepto um...)

I

Cada vez que vos approximais de mim, com esses galanteios fleumaticos, com esses sophismas asquerosos, sinto um certo "que" e... não sei definil-o. Odio? Colera? Repugnancia? Talvez!... Detesto-vos! Odeio-vos! Considero-vos verdadeiras feras humanas, verdadeiros monstros indomaveis... Qual de vós não applaudirá as minhas phrases? Não receio offender-vos... Porquanto tenho a plena...

II

... convicção de que todos estes adjectivos, com os quaes vos qualifico, a vós insensiveis creaturas, não passam de admiraveis elogios. Só destes elogios sois dignos.

Talvez a natureza se envergonhe, se sinta vexada, por comportar, em sólo tão fertil, creaturas tão repugnantes, tão hypocritas. Si, por ventura, algum de vós se sensibilisar, conformai-vos com — **Madame Satan-ex Deusa Africana.**

Noivo

Moça bonita, engraçada, rica e formada, contando 18 primaveras, com 1,60 de altura, morena, de olhos e cabellos pretos, residindo na capital, não tendo nunca amado, procura um noivinho nas mesmas condições.

Aprecia bailes, cinemas, triangulo.

Se algum coraçãozinho se apiedar della, escreva para "A Cigarra", a — **Contadora.**

Noivinha

Moço estrangeiro, distincto, educado, posição social de primeira ordem, consagraria affecto sincero a mocinha preferivelmente professora. A noiva não deve exceder os 22 annos de idade e 1,64 de altura, deve ser intelligente, educada, affectuosa, sincera, bonitinha, sympathica.

Na resposta indicar endereço para que a correspondencia possa ser principiada sem demora. Resposta, por obsequio a — **Mon coeur.**

Ao Cysne

Então, estás sciente de que faço gaiolas? Muito bem. Actualmente estou construindo uma, para "engaiolar" cysne presumpçoso... Que tal?

Quanto ao que escreveste dos homens, não concordo, pois aborreço-me logo do canto dos "passaros", muito antes delles pensarem em fugir, e dahi então, abro a "gaiola" e mando-os "vôar". — **Nem queiram saber.**

Escola de Dansas Harmonia

Lina, dansando elegantemente; Marietta, amavel; Hannah, alegre; Elza, infantil; Annita, rindo sempre; Milton Nogueira, muito orgulhoso; Licinio, delicado; Feliciano, camarada; Prof. Galli, amabilissimo; Prof. Monteiro, tocando victrola; Michalany, gracejando; Alcebiades, conversando com todas que dansam com elle; Monteiro dansando admiravelmente o tango, e eu "dansando com lagrimas nos olhos", porque... — **Nem queiram saber.**

Para...

Gilbert: — Sendo nova nesta revista e tendo lido diversos numeros della, venho seguindo com prazer a sua correspondencia. Quer dar-me o prazer de ser tambem sua amiguinha? Meiga Flavita: — Você é tão meiga, tão boazinha, que eu vou pedir para me incluir no ról de suas amiguinhas. Da sincera — **Miss Terio.**

Para...

I

Rosario: — Como vai, querida amiguinha? Só agora pude escrever a você. Espero não ter perdido a sua preciosa amizade, que muito me honra. Meiga Flavita: — Como disse á Rosario, só por motivo forte é que deixei de lhes escrever. Mas vocês são boazinhas e me perdoam, não é assim? Flavita: eu gosto tanto de você quanto do seu pseu.

II

Mas, diga-me: você e Rosario não são a mesma pessoa? Tenho uma fézinha que sim! Coração nos labios: — Espero, em breve, ter o prazer de a conhecer pessoalmente. Quer você ser minha amiguinha? Pardaillan: — Conhecemo-nos; lembra-se do baile israelita, em maio do anno passado, no Germania? O Chico nos garantiu o "furo", mas falhou.

III

Depois fomos a Tremembé. Rasputim: — Quando li o seu escripto, tive a impressão de ter ingerido uma dóse purgativa. — **Iromar.**

Telegrapho sem fio...

Gastão D'Anjou: — Escrevi-te e não obtive a minima resposta. Zangaste? Ben Hur: — Ha muito que te esqueci. Sonhador Desilludido: — O amiguinho é demasiadamente fanatico e... gentil. Postei carta na redacção especialmente a um sonhador... — **De Madame Satan, ex-Deusa Africana.**

Recados

Sorriso: — Confesso que estou grandemente agradecido pela attenção que V. Exa. se dignou dispensar-me. Procure carta na redacção. Orchidéa: — Gratissimo pelas palavras reconfortadoras ditadas pela benevolente alma de V. Exa. Ben-Hur: — Deponho a teus pés a minha sincera amizade. Coração de Aviador: — Partiste sem te despedires. Faço votos para que a missão que te foi confiada não seja o mar de espinhos que ella tem sido para outros e desejo o teu breve regresso. — **Duque de Alexis.**

Do meu diario

(Fantasia)

I

Segunda-feira, 8 de Dezembro.

Com teu nome nos labios, tua imagem no pensamento, vaguei horas sem destino, pelas ruas ermas da cidade. Procurava um logar onde pudesse recordar-te, e, ao mesmo tempo, occultar a outrem o meu estado d'alma. Quando passei pela ponte, quedei-me por um momento, olhando as aguas murmurantes...

II

que corriam sobre o leito do rio. Ao clarão da lua, reflectiu-se á flôr d'agua o teu sorriso. Um desejo apoderou-se de mim. Lançar-me á agua... unir-me a ti... mas, o teu sorriso tinha desapparecido. Eu tinha me illudido; era a saudade, que me allucinava. As aguas corriam sempre, levando a minha illusão. — **Iromar.**

Bilhetes

Venus de Medicis: — Beijo-a... e obrigada menina; é muito bondosa! Mlle.Demonio: — Você é admiravelmente engraçadinha!... Virgem de Stambul: — Agradecida... E' certo que não me tenho servido do telephone, esse meio de communicação facilimo para conversarmos... Mas, nem porisso, creia-me ,esqueci de ti...

Abraço-te saudosa... Ben Hur: — Tenho um unico e verdadeiro prazer em...

II

... acceitar amizades sinceras... Porisso, recebo-o alegremente... Maramonys: — Lisonjeiro!... Em todo o caso agradeço as suas boas palavras, que foram lidas com um prazer tão grande, uma alegria tão immensa... Lembranças minhas a você... Guy: — O meu endereço continua sendo o mesmo. Não me foi possivel escrever-lhe para a fazenda, o que me ha de perdoar. — **Alma Lêda.**

A ti, Leonidas S. D.

Quando a morte me levar para o recanto onde não ha idyllio e sim segredo... Quando me vires fria, hirta ,dormindo o somno da eternidade, deposites, sobre meus cabellos, o teu derradeiro beijo, para que eu possa, no Além, recordar-me de ti com saudades... Então, quando me acompanhares pela derradeira vez, lembra-te do passado.. que te amei muito e nunca soubeste ou não me quizeste comprehender. — **Alma Soffredora.**

Piracicabana (O. S.)

Permitta-me ser um amiguinho teu. Algo de commum ha entre nós. Estás em P'ra? Conheces P. S. A.? No principio do anno ainda residia ahi, na rua Quinze, impar. Poderá corresponder-se commigo? Está leccionando? Posso saber onde? Espero da tua fidalga benevolencia que não me deixe sem resposta. Corresponde-te, pela "Cigarra", com o immensaente grato — **Auntsman.**

Bertha

(R. S. Leopoldo)

Em "Cigarras" passadas a amiguinha desejava obter informes acerca de um jovem dessa rua, não? Igualmente, depressa corri a solicitar noticias de um jovem da dita rua, o qual deve conhecer. Porém, numa carta, que ainda se encontra na redacção. Receia retiral-a, amiguinha? porque? Nada receie, amiguinha; procure-a que não se arrependerá. Do —**Ignoto.**

Tratamento embellezador muito economico.

(Sensacional)

São muitas as mulheres que sabem que a cêra **"Mercolized ("Pure Mercolized Wax")** ao provocar a mais rapida queda das particulas da tez morta, permitte-lhes ostentar uma cutis maravilhosa. Mas o que deverá causar sensação é a noticia de que a cêra **"Mercolized"**, em quantidade sufficiente para realizar um tratamento completo, póde ser agora adquirida em toda boa pharmacia ou drogaria em caixas de tamanho menor, por uns sete mil réis mais ou menos. Porém deve-se refugar todos os substitutos que, ás vezes, são offerecidos por menos, porque, se por desgraça se faz uso delles, só se logra uma amarga desillusão. Sómente a genuina cêra **"Mercolized"** é que tem o admiravel poder de renovar a tez. Só ella é capaz de dar á cutis uma immaculada belleza que fascina pelo natural. Dissolvendo uma colherinha das de café de granulado **"Stallax"** em uma chicara de agua quente deixa ampla margem para fazer uma magnifica lavagem de cabeça, deixando a cabelleira naturalmente ondulada, com um tom brilhante e suave.

A legitima "Cêra Pura Mercolized" é vendida sómente em latas douradas, de dois tamanhos. Preço de venda no Brasil, Rs. 12$000 e 7$000.

Os cravos deixam o campo

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablette de **Stymol,** substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do **Stymol,** lave-se o rosto com o liquido obtido empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pigmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desappareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

Attenção...

Sublime Amor: — Serei sua amiguinha sincera, acceita? Nympha: — cautela, lindinha! Affonsito: Você é maluco? Ooooh, não creio! Jorba e Cascudo: — Offereço-lhes a minha amizade, acceitam? Um punhado de saudades da — **I Love You.**

Conrad Rodolpho

I

Eu o estou vendo: magro, alto, sympathico, sizudo, muito sério, muito frio... Será que virá a gostar duma pequena de 17 annos, altura regular, não muito magra, que, infelizmente, é loira e tem uns olhinhos pardos?

II

Dizem que sou bonitinha. Faz questão que seja educada, mas continua exigindo que sua noivinha seja morena? Si faz questão disso, entristecer-me-ei. Peço que responda breve, por carta, ou pelas columnas da "Cigarra" á sua — **Deliciosa Nancy.**

Gilbert

Aqui estou novamente, acceitando a tua sincera e distincta amizade, e, se necessitares de um coração amigo para expandir-se, aqui estou.

Sobre teu amor, escreve-me que isto muito me alegrará por ver que tens confiança na tua amiguinha.

Pódes enviar-me uma cartinha com mais detalhes se assim achares mais conveniente. — **Tahy.**

A's leitoras

Desejo encontrar uma, que queira ser minha amiga e companheira, que goste de festa, cinema e passeios. Cartas para a redacção. Condessinha de Rudsay: — Como és boa, Condessinha! Responderei no dia em que esta fôr publicada. Le Danger: — Acceito a tua amizade, radiante de alegria, bom amiguinho. Ubirajara: — Gostei do teu pseu. — **Lady Rose.**

A quem souber

A abaixo assignada pede a fineza de informarem quem merece a attenção do joven L. A., morador no n. 24 da R. Genebra. Informes por intermedio da "A Cigarra. Feliz será quem satisfizer á — **Moça de Fóra.**

S. Manuel

(Vocês são assim...)

I

Quando vejo vocês, Mariquinha e Lila, repontando apressadas, no meio dos transeuntes indifferentes, a rua torna-se, para mim, um oasis de consolo. Já me habituei a querer bem a ambas, com uma ternura que só eu comprehendo nos instantes felizes de minha mocidade. Mariquinha! A sua voz suave e os seus olhos castanhos são tudo para mim.

II

Lila!... A sua mocidade em flôr, a sua gentileza sem par, tornaram-se um mundo de felicidades para o meu coração indifferente. Eu acho a rua triste, melancolica, si vocês não a illuminam com essas graças luminosas que tanto as distingue das outras silhuetas femininas.

Eu não gosto da rua quando vocês estão em casa. — O admirador — **Incognito.**

A uma joven

Tristezas!... para que? Então, julgas que dentro desta alma onde, distanciado e enfermo, pâlpita um coração que se refugia na resignação, por mais que ande, por mais que perdure nestas tentativas, nada consegue. Não a esquecerei. — **Pouco Prosa.**

Lourdes

(Salve, 27-9-931!)

Dia em que a princeza do meu amor colheu mais uma flor em sua existencia.

Faço votos para que este dia torne a raiar em sua vida, sempre com os maiores encantos e cheios de felicidade.

Que trilhe sempre pelo caminho feliz da vida.

Do seu admirador e amiguinho — **Rei Vagabundo.**

Dedicada á gentil collaboradora Felicidade

Num silencio profundo a minha vida vai morrendo.

Meu coração repousa no fundo do abysmo do esquecimento. Por que?

Porque em uma linda tarde de Maio encontrei uns lindos olhos de mulher.

Hoje só resta o perfume do nosso amor.

E penso naquelles olhos tão meigos que me fazem soffrer tanto.

Do amiguinho — **Rei Vagabundo.**

Bois Gilbert

Não achas justo o resultado do concurso? Por que? Quem sabe se você quer ser eleito para Rei dos Collaboradores? Acertei? Mas, se fôr isso, desista. — **Le Danger.**

Para...

Tenente da Rainha: — Foi por demais camarada quem lhe disse tal. Eu só costumo dizer e escrever o que sinto. Posso saber quem lhe disse isso? Agradeço a amabilidade de ambos. Le Danger: — Seja sómente meu amiguinho sincero. Noiva é impossivel; eu poderia ser sua mãe. Simone: — Acceita a minha sincera amizade? Se acceita escreva, sim? — **Madeixas de Ouro.**

Saúde

Affonsito, diz-me que sou atrevida. Por que será? Marquezinha, sempre fiel. Bem-te-vi, quem és tu? Annita, sempre camaradinha. Ermelinda: que bonita loirinha. Rubens: cuidado... Eduardo: posso mexer com o seu amiguinho? (Não ponho o nome porque tenho medo. Despeço-me desta querida "Cigarra". Adeus a todos — **Flor do Sertão.**

Para...

Anatole: — O que não lhe interessa lhe desperta curiosidade? Aretino: — Pois não, desde que isso lhe agrada. Agora, a prova da sinceridade onde está? Sereno: — Tem que ser verdades verdadeiras ou então, cruas e nuas. Está de accordo? Confesse, não minto. Apaixonado: — Devemos acceitar a felicidade como ella se apresenta, nunca imital-a do alheio. — **Lili ou Liliana.**

A todos

I

Samaritana... Nome que evoca uma grande tragedia de Judéa e que aqui vai representar uma paulista... que um dia tentou atravessar o Canal do Amor e foi infeliz... pois desencadeou-se sobre seu coração a procella de uma hypocrisia... Haverá entre vós, caros leitores, quem queira alliviar a dôr de uma alma amargurada? Offereço e espero merecer amizade dos distinctos collaboradores.

II

Madeixas de Ouro; Mlle. Demonio; Ama-me e Mundo Será Nosso; V. Stambul; Alma Lêda; Phamacolanda; Primavera; C. Pardaillan; Cysne; C. do Amor; Leonama; Coração de Aviador; Rei Vagabundo; Ben-Hur; Inverno; Cyrius; Coração Triste; Piloto Mysterioso; Egoista: — Serei digna de suas amizades? Escrevam-me; tel-os-ei sempre como bons camaradinhas. Saudades a todos. — **Samaritana.**

Informação urgente

Os queridos leitores e leitoras podem me informar e affirmar si o coração da Sta. Alzira Bellucci pertence ao jovem Elyziel?

Fico muito agradecida á pessoa que me der as necessarias informações.

As informações podem ser dadas por intermedio destas columnas ou por carta. — **"Miss" Itatiba.**

S. Manoel

O que noto: Regina, firme; Finimola, sympathica: Mariquinha, alegre; Elda, tristonha; Margarida, saudosa; Irene, com ciumes; Lila, com novos amores; Aracy, desprezando; Olivia, conteste; Walmira, com medo do bonde; Annita, indeciza; Alice, falando só em São Paulo; Dinorah, exhibindo-se; Trade, attenciosa; e eu, arranjando reportagens para a Cigarra — **O Incognito.**

A uma joven

Ao pensar que estas palavras serão lidas pela joven que mais amei em minha vida e que ella nem sequer ha de suppôr quem as escreveu, soffro profundamente. Ah! Si ella soubesse a paixão que alimento, então, resolutamente, se definiria: e eu serei um louco ou terei razão. — **Pouco Prosa.**

Reverendo

I

"Os corações foram feitos aos pares e emquanto o destino os não une, formando um só, vivem ambos inquietos e atormentados".

Crente nessas palavras de um correcto e estudioso literato paulista, e graças á gentileza da pressurosa "Cigarra", o meu coração, que ouviu o appell seu coração, offerece-lhe a amizade e o seu carinho...

II

Minh'alma, que tambem de emoção e pena de tant nhar, encontrará, quem sab no refugio dessa alma rançosa e moça, o incentivo cessario para os mais b ideaes de minha vida... **Nele.**

Diversos

Satania — Será teu o art mim dirigido no n.o 398?

Madeixas de Ouro — Maluy Não. Mlle. Demonio — Leia artigo, Cig. 399, dirigido a S. 347 — outra não pega.

Wonia — Saudades e fe cidades.

cidades. Nem Queiram Saber Recebi. Agradecido. Desculpe-m não comparecer; motivo de for maior. Flôr d'Alissa — Leona Rasputim: — Moram longe?

Alma Sertaneja — Agrade Olhos Verdes — Who? Sen bonita, rica e distincta — Co de de Mauluyz.

ESSE ALGO MAGNETICO

Toda mulher possue um estranho meio de seducção e muitas vezes não consegue descobrir em que consiste.

Por Ann Tizia Leitich

Peggy Joyce tinha sómente dezeseis annos quando abandonou o lar paterno para dedicar-se ao theatro de revistas. Não lhe custou pouco vencer... mas venceu — isto é curioso — sem que houvesse, nella, condições para esse genero de trabalho, nem tampouco para outro qualquer que tivesse relações com o theatro. Porém, como valiosa compensação á sua carencias de aptidões artisticas, Peggy era dona de um rosto bonito — nada mais que bonito — e de muitas pretenções. Estas não eram senão o producto de um meditado sentido commercial que Peggy explorava com optimos resultados, elevando-as illimitadamente. Quanto a seu rosto, não passava de um rosto bonito, repetimos, um oval estreito, um nariz recto e pequeno, uma bocca com arcos de Cupido, olhos azues grandes, "espectaculosamente" pintados, uma tez de leite e sangue — valha a phrase — e dourados os cabellos...

Como se vê, nenhuma graça extraordinaria aureolava o rosto desta mulherzinha perspicaz e inquieta, que teve a sorte de casar-se tres vezes consecutivas com tres differentes millionarios, e divorciar-se, por conseguinte, tres vezes tambem... E é que os matrimonios de Peggy, para melhor dizer, sua condição de parte conjugal ,só duravam o que duravam as contas-correntes de seus esposos... Esgotadas estas, Peggy dava por dissolvida a união matrimonial.

Que raro encanto encontravam em Peggy os homens para submetter-se tão incondicionalmente ao seu imperio? Esta era uma pergunta que vivia latente nas mulheres que a conheciam. De seus tres "casamentos millionarios", aos quaes fizemos referencia antes, e que se realizaram no breve espaço de quatro annos, o mais doloroso — para a parte contraria — foi o contrahido com Stanley Joyce, a quem ella arrastou á ruina total. Este acontecimento serviu de credenciaes para Peggy, pois os periodicos se occuparam extensamente do assumpto, e, assim, foi ella consagrando-se uma figura popular, que lhe valeu, entre outras coisas, que Flo Ziegfield lhe offerecesse um vantajosissimo contracto para actuar em seu famoso Folies. Logo teve ella o desejo, ou, melhor, o capricho de se converter em condessa. E como os caprichos de Peggy são coisas que não pódem deixar de cumprir-se — custem o que fôr — terminou casando-se com um guapo conde sueco que ganhava seu pão honrada e mo-

Peggy Joyce

Rosas do exilio

Como são tristes os occasos no exilio! Os crepusculos, com horizontes afogueados na distancia, cobrindo o ambiente duma tonalidade mystica. São como os nossos crepusculos interiores... O sol rubro extertorando entre o cinzento da paysagem. O amor esmorecendo entre a solidão sem termo.

* * *

Nestas horas de sol em declinio, o exilio tem angustias silenciosas e instantes de dolorosa lucidez.

Duma ponte, vejo o rio quieto, resignado, reflectir tudo, cambiante de côres. Parece que, num desalento, as cousas e as côres tombam em silencio sobre elle, e se projectam num abandono...

E eu sinto uma chuva lenta, desoladora, de rosas desfolhadas de amor, desfeitas de tristeza...

* * *

No exilio, a noite toda, silvam, velozes, em todas as direcções, comboios longos, escuros, perfurados de luzes. Numa obsessão, vivem a lembrar nostalgias de partidas, de lenços agitados...

Um dia ,alguem partirá. A tristeza do exilio inda será maior. E, delle, só ficarão rosas murchas de recordação, estioladas pela desesperança.

* * *

Rosas que ficam, sem alento. Rosas pallidas, de ausencia. Um dia, quando o bem amado veiu ao exilio, pela unica vez, ellas ficaram rubras, sangrentas, violentas. Foram rosas tocadas um instante pelo olhar do desejo, irisadas pela magia forte da alegria amorosa.

* * *

Onde não está o objecto amado ahi é o exilio. Quando elle veiu o exilio foi apenas um refugio de evocações queridas. O exilio é a solidão da ausencia, e está em toda a parte. O exilio é a distancia que existe sempre, longe do bem amado.

No exilio, as rosas rubras do amor tornaram-se em rosas de saudade, rosas que á noite têm um mórbido perfume. Rosas tristes. Pendidas e anemicas.

* * *

O amor precisa da alegria escarlate, gritante, das rosas vividas intensamente pela magia dos artificios. Para viver gloriosamente. Renovado pelas vitalisantes alegrias da illusão.

* * *

No meu exilio, todas as vivendas têm jardins, e todos os jardins, rosas. Todas lembram o meu amor. E, á noite, as rosas dos jardins diffundem perfumes no ar, balsamisando distancias.

* * *

Perfumes mórbidos das florações nocturnas... Voluptuosa intoxicação dum lyrico veneno. Perfume mórbido como a saudade... A saudade é o perfume espiritual das florações nocturnas.

* * *

O amor exilado esmorece estiolado de melancolia. A solidão é corrosiva e philosophica. E' cerebral: é o amor...

VALERIANO FLORES

ESSE ALGO MAGNETICO

(Continuação)

destamente em Nova York e que ignorava, por completo — houvesse elle sabido! — que classe de mulherzinha lhe tocava por sorte. Porém, as coisas não podiam durar muito tempo, e foi assim que ambos se deram conta do erro commettido unindo suas vidas — digamos de u'a maneira mais sentimental — e o divorcio sobreveio, um divorcio tão ruidoso como todas as coisas que Peggy fazia.

Desde então, desde a época do ultimo episodio — para Peggy estas coisas não tinham mais que um simples caracter episodico — a estrella do Folies se retirou do scenario durante uma temporada e começou a viver livremente, divertindo-se como os outros: despojada de sua condição "artistica".

Não transcorreu, porém, muito tempo sem que chegasse a Paris a noticia de que o Earl de Northesk, que ha alguns annos casára com uma belleza do Folies, Jessica Brown, ia divorciar-se de sua esposa para casar-se, logo depois, com... Peggy Joyce! Ao mesmo tempo que o Earl, Peggy chegou a Nova York e desmentiu esse rumor; ella devia actuar em "The Lady of the Orchids", e Ray Goetz, seu director, lhe prohibira todo matrimonio. Não passaram muitos dias para que corressem rumores — desta vez não desmentidos — de que a esposa de Ray Goetz desejava requerer divorcio por causa de Peggy. Porém, antes que a questão chegasse aos tribunaes, Peggy se trasladou para Miami... Talvez tivesse comprehendido que as possibilidades de Ray Goetz, isto é, sua conta-corrente, não eram passiveis de comparacão com as dos millionarios, sua "especialidade".

Em Miami cahiram em suas redes os irmãos Locke.

Ambos esbanjaram muito dinheiro por Peggy, e, o que foi mais interessante, esbanjaram dinheiro que não lhes pertencia. E, quando a situação apertou, o que equivale a dizer, quando se soube que os dois admiradores dispunham de dinheiro alheio, se produziu um escandalo maiusculo, desagradavel, por certo, para os Locke, e, pelo contrario, sem maiores consequencias para Peggy, a qual, como a temporada de Miami estava para finalisar-se, se limitou a trasladar o scenario de suas actividades para a Europa. Talvez que tenha casado com o Earl de Northesk, ou, se tal coisa não foi possivel, não será muito se nos atrevermos a pensar que está procurando o quinto marido...

Depois de tudo o que contámos — que não é lenda — as mulheres pensarão, e com razão, que Peggy ha de ser u'a mulher extraordinariamente formosa, de suggestivos encantos, para que logre transtornar de tal maneira aos homens. Porém, não ha tal coisa: já descrevemos, com toda a fidelidade, o physico de Peggy, e, por pouco que se o analyse, chega-se á convicção de que não passa de um rosto bonito o que ella possue. Como ,então, esta moça conquistou para ella a denominação de "sweetheart" mais custosa e mais afamada dos Estados Unidos, que durante o inverno passado figurava, todas as noites, como protagonista no sketch "The Lady of the Orchids", e em que ostentava um dos brilhantes maiores do mundo e os mais custosos modelos de Paris, no meio de um fogo cruzado de esmeraldas e brilhantes?

O segredo de seus exitos subsiste, pois. Porém, de nenhuma maneira póde ser attribuido á sua belleza, que ella não possue. A mulher que foi a heroina de todos estes "casos" não tem, tornemos a repetil-o, um encanto extranho ou fóra do commum. O segredo talvez consista em que sua belleza suggere mais do que convence, e que, assim, ha sempre em torno della uma atmosphera de mysterio que póde traduzir-se em um mundo de promessas... Demais, ella possue uma arte exquisita para inspirar emoções e talvez um secreto sortilegio para provocar uma illusão, em que sempre existe um limite superior á

(Continua na pag. 18)

SOFFRA, SE QUER SER LINDA

Complicado apparelho para banhos de sol ou turcos. E' electrico e produz luz ou vapor

Com este apparelho, as pestanas mais rebeldes são domadas mui facilmente.

Preparando-se uma mescia espessa de sal e agua e friccionando-se, com ella, o rosto, obtem-se uma cutis fresca e suave.

A applicação de barros especiaes é um dos systemas mais usuaes, nos institutos de belleza, para conservação da cutis.

Representa uma horrivel tortura, pois a prova é verdadeiramente mortificante.

Nos institutos de belleza se recommenda o uso destas prendas para preservar o rostos e as mãos dos rigores do sol. Com a prévia applicação de certas pomadas, as mulheres lindas devem dormir assim, disfarçadas em phantasma, se querem chegar á velhice sem rugas e com as mãos deliciosamente delicadas. — Entre os admiraveis progressos da cirurgia facial, uma das operações mais frequentes é, hoje, a de reduzir o tamanho dos labios. — O vaporizador portatil, que acaba de ser inventado, facilita os banhos faciaes de vapor, a domicilio. A respiração se produz por meio de um tubo que a paciente tem na bocca.

Papelotes

CARTA DE UMA LEITORA

Querem saber de uma coisa? Uma das minhas leitoras escreveu-me uma carta.

E que phrases lisongeiras vieram contidas naquellas duas folhas de papel côr de malva!

"Meu querido Gonzaga: Você, o principe dos chronistas de São Paulo, vae responder tambem a esta pergunta, que venho fazendo a todos esses moços sympathicos, technicos em nos dizer phrases bonitas, empoleirados, diariamente, no alto das notas sociaes da nossa imprensa.

Você acredita em Deus?

Atire-me, Gonzaga, como resposta á minha interrogação, um dos seus apreciados "papelótes".

Não pense, meu chronista, que eu quero, com isso, verificar se você é um moço virtuoso, de bons costumes. Eu não ligo p'ra essas coisas.

O que desejo é fazer, entre vocês, chronistas, com a attenuante da minha curiosidade feminina, uma "enquete" talvez audaciosa.

Todos os seus confrades do jornalismo, Gonzaga, já me responderam. Só falta você. E é justamente em você que eu mais acredito. Acredito tanto como todos elles demonstraram acreditar em Deus..."

* * *

Querem saber de outra coisa? Eu não recebi carta alguma. Fiz como fazem os chronistas sociaes quando o assumpto está fugidio: inserem em suas columnas cartas imaginarias de imaginarias leitoras.

Ademais, nesta secção, por cavalheirismo, eu não daria publicidade a cartas femininas.

As que recebo, independente das minhas chronicas, guardo-as todas numa caixa de charutos (qualquer chronista diria que era de xarão) para, "numa tarde immensa e fria", lel-as demoradamente.

"E' a volupia enervante de quem soffre: ler velhas cartas e depois"... sorrir.

PLAN

Uma vez que as mulheres estão se batendo, com toda a força de sua fraqueza, pelo direito do voto, cabem aqui, tambem, assumptos de natureza politica.

Esta loirinha bonita é a MARIA DO ROSARIO ANDRADE...

Quero registrar uma idéia magnifica que me foi esplanada, enthusiasticamente, por um amigo.

Resume-se, essa idéia, no seguinte. A formação de um grande partido nacional que pleiteará, além de todas as coisas abstractas que os outros partidos pleiteam, outras coisas mais, muito de agrado da classe que o vae constituir.

Trata-se do Partido Literario-Artistico Nacional. Posto em iniciaes, como se usa agora, adquire a impressionante sonoridade de tambor guerreiro rufando par[a o] ataque: "Plan".

Imagine-se o poder dessa o[rga]nização politica, artistica e lit[era]ria num paiz cuja população, [com] coefficiente de 60 %, é comp[osta] de poetas (estes formando m[aior] numero), prosadores, chronis[tas,] pintores, esculptores, etc.

O programma do partido [é] essencialmente democratico e, [pa]ra os cargos electivos, pod[erão] ser indicados, até, os chroni[stas] sociaes.

Depois que o voto feminino [en]trar em vigor (é do programm[a]) a sua força, então, será simp[les]mente brutal.

Eu, que pretendo tornar-me [ca]bo eleitoral logo que se const[itua] o futuro partido, quero, desd[e já,] contar com a sympathia de [vo]cês, leitoras da Cigarrinha?

Posso?

... e esta morena sorridente é a professora JOSEPHINA JAPUR, de Piracicaba

RUA DIREITA

Depois das tres e meia —
[ra de Verão
tem, a rua Direita, ás v
[e
o aspecto de pateo de recr
As moças normalistas e as
[Conservato
todas ellas lá estão
em doido falatorio,
de lá p'ra cá, passeando ao
seguidas de mocinhos sem
[

E sorriem através dos lab
[bon-bo
prendendo contra o corpo
[pas
vastas
cheias de livros, pó de ar
[bato

O brinquedo é flirtar.
E são sabidas essas menin
E' de pasmar!
Sabem direito as sabbatin
expõem regras e theoremas
deante do quadro branco
[cinem

Meninas, com franqueza,
[vezes cr
que a rua Direita é um pa
[de recre

GONZAGA DE S

NORMALISTAS

A Escola Normal da Praça, como é chamada, trans forma-se, a certas horas, no ponto para onde convergem as meninas mais bonitas da Paulicéa. E' para provar o que estamos dizendo que o nosso photographo bateu estas chapas, estes pequenos espelhos que fixaram uma porção de sorrisos e de attitudes, sorrisos e attitudes que fazem o colorido e o movimento desta linda cidade.

O REPOUSO

de Ricardo León

Oh, a suavidade preguiçosa das almas que sabem sentir e pensar lentamente, sorvo a sorvo, com a voluptuosidade de um arabe e o bom humor de um epicúreo. A natureza mesma tem um rithmo lento e solemne, sem pressa nem saltos, e o homem do campo tem os movimentos pausados, as maneiras lentas e seguras, a attitude de grave dignidade; o seu é um repouso robusto, semelhante ao repouso da terra. O homem contemplativo tem o gesto franco e sereno, emquanto que o homem de acção traz a febre retratada no rosto.

Dizem que, para o progresso, é necessario esse movimento febril das gentes, esse exercicio de vida tumultuosa. Dou por bom o argumento, porém, porque não reservar um pequeno rincão para os preguiçosos, os contemplativos, os sedentarios, os amigos do repouso e da paz?

Somos, talvez, objectos inertes no mundo? Não pensamos? O pensar é esteril? Essa gente, que tanto se agita, acaso faz outra cousa senão «realizar» o que nós ideiamos? Ter idéias é menos que ter dinheiro? O erro geral é crêr que, estando quiéto, «não se faz nada» e que, para fazer alguma cousa ,se torna necessario fazer muito ruido. Ao pensamento se despreza porque é silencioso...

Todas as glorias são para o braço que executa e não para o cerebro que medita. contemplação por si mesm um acto nobre e elevado attitude mais esthetica é a homem que contempla.

A belleza da arte gr provém da circumstancia que o povo grego era cont plativo por excellencia; rostos das estatuas expres a serenidade, a nobreza pensamento puro, sem es ço e sem luta; os jogos ol picos, as guerras, as epop eram os campos em que temperaram aquellas alm para a mais integra cont plação da vida.

Pensar, contemplar as c sas, fazer arte e philosoph é um trabalho, o mais bell nobre de todos.

ESSE ALGO MAGNETICO

Continuação da pag. 14

realidade... Em uma época romantica, como, por exemplo, a dos trovadores ,a mulher mais formosa era a mais inalcançavel, e quanto mais inalcançavel tanto maior resultava seu encanto e sua conquista. Porém, na época actual, vale mais a mulher que sabe rodear sua vida — ou sua personalidade, para sermos mais exactos — de uma aureola de "curiosidade", de "grande dama", de extravagantes caprichos e de mais extravagantes luxos... Com estas "feitiçarias" se embriaga aos homens mais facilmente, fazendo-os perder o juizo, e, como uma droga, se lhes annulla a vontade mergulhando-os em doces sonhos...

Para isto se requer, naturalmente, algo mais que possuir apenas pretensões; algo que se não consegue definir. Seu encanto mysterioso está, precisamente, na impossibilidade de sua especificação. E' esse algo magnetico que u'a mulher possue e outra não; esse algo forte, extranho; esse verdadeiro poder magnetico que age immediatamente sobre os sentidos e a fantasia, avivando-os, excitando-os. Peggy Joyce o possue no mais alto gráu, e por isso é a "sweetheart" mais custosa e mais afamada dos Estados Unidos. E n'isso se concentra o seu triumpho. Nada mais que n'"isso".

Como acontece a Peggy, muitas moças são contractadas, por fabulosas sommas, para os quadros de revistas, onde, como estrellas, têm um trabalho secundario, mas possuem esse algo magnetico que outras não conseguem descobrir.

Consultorio Feminino

O "coupon que inserimos abaixo dá direito a uma consulta nesta secção, destinada a auxiliar as nossas leitoras que se vêm collocadas ante um problema espiritual de immediata solução ou que necessitam de qualquer esclarecimento ou informação de ordem material.

A direcção desta pagina está confiada a uma distincta escriptora paulista, que se occulta sob o pseudonymo de **Alguem.**

As nossas caras amiguinhas, quando tiverem alguma duvida ou necessitarem de quelquer conselho, perguntem, pois, a **Alguem,** escrevendo para a caixa postal **2874.**

Consultorio feminino

Nome da consulente

....

....

Pseudonymo para a resposta:

....

(Enviar para a caixa 2874)

Bazar de Sonhos

Patinação

No ringue,
que é uma roda de gente
batendo as rodas de aço na madeira,
continuamente,
vibra um palpite bom de coisa boa.
Que brincadeira!
Não ha um desejo ousado que não vingue:
quem menos corre... vôa.

As pernas se levantam, rythmadas,
cruzando-se (ó belleza!)
Saias e calças passam na corrida.
Um poeta, sentado em u'a mesa,
faz sonetos de rimas complicadas,
falando de uma vida
de sonhos e de amores desprezados.
Mas os versos, que alli tambem patinam,
escorregam, vacillam, não combinam
e cáem, de pés quebrados...

Eu, que já estou bem pratico no esporte,
pois, desde os velhos tempos de menino,
patino,
mostro minha elegancia, minha graça,
a linha inconfundivel de meu porte.
E a cada figurinha que esvoaça
sob as luzes suadas e o ar que esquenta,
eu, como um grande heroe, calçado de aço,
offereço a pujança de meu braço
a uma pastilha de hortelã pimenta.
Deslumbrante,
appareces e passas, de repente,
como a felicidade de um instante.
E pões, n'alma da gente,

u'a magua que fere como um gu-
[me...
Cada olhar é um patim que te
[persegue
e não consegue
seguir o rasto azul de teu per-
[fume.
Olho-te, triste, cheio de amar-
[gura,
e, emquanto vou tirando os meus
[patins,
sinto a tortura
de uma pungente, horrivel dor
[de rins...

BERT

Vidraça

O centro, á hora das primeiras estrellas

Dezoito horas. No triangulo, onde se entra, sempre, com o sorriso expontaneo de quem presencia um espectaculo agradavel, de quem desata a fita côr-de-rosa de um presente, de quem ata o laço de uma gravata nova...

Ha, nas luzes que escapam das montras, que fazem acrobacias difficeis nos letreiros de Gaz-Neón que riscam o céu com réclames de automoveis, de artistas de cinema, de sabonetes com nomes gentis de mulheres delicadas de paizes longinquos, ha, nas luzes da cidade, — principalmente nas que apparecem aos poucos, uma a uma, como esperanças, e se apagam de uma só vez, de repente, como desillusões... — qualquer coisa que faz pensar em certas creaturinhas luminosamente loiras, que, na rua Direita, riscam a nossa alma lyrica com os annuncios de certos olhos, de certas boccas, de alguns sorrisos eloquentes como algumas reticencias...

Ante as vitrinas das casas de modas, joalherias, bazares de quinquilharias, se detêm muitos olhos curiosos. E espalham-se phrases pelo ar:

— Olha, Renato, que estupendo terno de couro para o teu escriptorio!...

— Esplendido! Já um romancista, cujo nome não se me occorre, disse que não ha pessimismo que resista a uma commoda poltrona. Com certeza a phrase foi inspirada por uma poltrona como esta... Mas custa muitas centenas de mil réis. Porisso, como nos contos infantis, de fadas, a gente póde olhal-a, admiral-a, mas sem lhe tocar...

— Se a tua cabeça não andasse sempre tão cheia de fantasias, de enredos de novellas, etc., talvez a tua carteira andasse mais cheia de dinheiro.

Inania verba

Depois que a chuva passou — essa chuva de principio de primavera, que é como um banho perfumado no corpo suado da cidade — abri a janella ao ar ventilado, fresco e leve, que entrou no meu quarto com uma franja de luar, a enroscar-se nos cabellos em furia, revoltos, de um "bibelot" bem francês, bem "raffinement", de attitudes "blasés" accentuadas de "spleen".

Ha, sempre, nas noites assim, um desejo escondido, um pensamento em busca de alguem que, na cidade, passeou, pelos nossos olhos, uma idéa difficil de expressar-se, imprecisa, subtil... Qualquer coisa que se presente numa tristeza quasi risonha, numa phrase que escapa, sem querer, pelo papel... e a gente deixa, na doiorosa impossibilidade de continuar a escrever, a caneta tombar dos dedos, cair, na certeza de que o que se quer, o que se sente, não póde dizer-se porque se emmaranha no meandro complexo da intuição. E fica, apenas, a encantar-nos, a belleza, o colorido tentador, a harmoniosa cadencia das phrases que exprimiriam o que não se disse...

A nossa intelligente amiguinha Dulce de Moraes Cardoso diplomou-se em pharmacia. Este retrato é do seu quadro de formatura.

O carnaval do diccionario

Para gozo de minhas leitoras, quero transcrever algumas definições de Pierre Véron, que, estou certo, alegrarão este canto de pagina, depois das melancolicas chronicas que ficaram lá por traz:

Album: Genero de mendicidade infelizmente permittida nos salões.

Artista: O que é, geralmente? Nada. O que julga ser? Tudo.

Feiura: Doença que constitue a infelicidade de u'a mulher e a felicidade de todas as outras.

Critico: Um carrasco que se julga um cirurgião.

Elogio: Emprestimo que espera sempre a restituição.

Herdeiro: Caçador que recolhe a caça abatida por outro.

Imparcialidade: O eunuco do pensamento.

Casaca: Encadernação que quasi sempre vale mais que o livro.

Esquecimento: Uma esponja que nunca se encontra quando temos necessidade della.

Pai: O mais usurpado de todos os titulos.

Saude: Planta rara da qual os medicos ainda não conseguiram destruir a especie.

Sabio: O homem que conseguiu ter consciencia da propria ignorancia.

Scepticismo: A legitima defesa da razão.

Tortura: Edição illustrada da pena de morte.

Vagido: Vóz com que o homem afina o «la» da dor.

Viuvo: Condemnado que obteve uma commutação de pena.

ZENO

CORRESPONDENCIA DOS LEITORES

Correspondencia dos leitores do "Supplemento das Moças"

Este "coupon" dá direito á publicação de UMA correspondencia.

O "coupon" acima deverá acompanhar CADA CORRESPONDENCIA, que não poderá exceder de 60 PALAVRAS. Cada leitor poderá enviar mais de uma correspondencia, uma vez que sejam acompanhadas pelos respectivos "coupons". A redacção entregará as cartas destinadas a seus leitores, mas sómente as que venham *pelo correio* e acompanhadas de um "coupon".

CARTAS

Avisamos aos remettentes que, por terem chegado sem o respectivo "coupon, deixarão de ser entregues aos seus destinatarios as cartas abaixo:

Tamoyo, Tamoya, Yolanda Lisa, El camino del triunfo, Dois Novatos, Fernanda, Gilbert (2), Celita, Coração de Ouro, Theophanes, Bonequinha Loura, Philosopha, Elinor, Gisella de Angouleme, Poupée, Triberane, Manon Lescaut.

Poderão mandar retirar cartas em nossa redacção: A. Lopes, Billie, Bertha, Carlos Magno (4), Conselheiro do Amor (2), Duque Alexis ,Estrella d'Alva, El camino del triunfo, Flor d'Alisa, Inverno, Lenita, Lubowska, Leda Sylvia, Musa Incomprehendida (2), 1830, Mlle. Demonio, Nathalie Aguiar, Sonhador Desilludido, Sorri... só, Sta. Gaby, Theophanes, Venus de Medicis (6), Velludo, Walkiria, Walderez, Wonio (2).

"Espelho Magico"

(Secção de Horoscopos)

Nome por extenso

....

....

....

Pseudonymo..............

Nasceu em..............

(Enviar para a caixa 2874)

Simone

A alma gemea que anseia aqui está, humilde, anhelante, prompta para ser, da sua, companheira dedicada e fiel. Na redacção ha uma carta na qual disse algo... Procure-a, sim?

Em ansiosa espectativa, aqui fica o humillimo — **Smar.**

Octorino Dizioli

(Salve! 20-9-931)

I

Sabendo ser hoje o dia mais feliz de tua vida, não pude deixal-o transcorrer sem tomar parte nesta felicidade, e... numa prece ardente, pedi a Deus que te fizesse sempre bom, amado e feliz, que te protejesse com sua Divina Misericordia e bondade.. ao lado dos teus bons pais e irmãos.. A' ti.

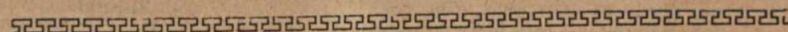
II

os ardentes votos de perennes felicidades ao lado daquella que teu coração escolher...

Quando vires transcorrer esta data tão feliz, lembra-te que longe, onde eu estiver, não deixarei nunca de festejal-a sem uma prece... uma lagrima... uma saudade... — lembrando-me sempre de um passado feliz... que não volta mais.

Apezar de tudo, sou feliz... porque te amo... e te amarei — **Esperança.**

A uma joven

Seria possivel lembrar a physionomia de uma joven, ha tres annos ausente? E', eu o affirmo! Vejo constantemente, mais bella e mais rica de bondade, a imagem

de minha ideal felicidade. — **Pouco Prosa.**

"Reverendo"

O seu escripto interessou-me tanto, que senti desejo irresistivel de lhe escrever.

Encantou-me a sua maneira "rafinée" de exprimir-se.

Acheio differente dos outros...

O senhor não "offerece" o coração... Faz bem; é uma joia preciosa e não devemos offerecel-a ao primeiro transeunte... Tenho medo de amar, portanto, quero ser unicamente uma pequenina amiga desconhecida para si. Quer? Sua — **Fadazinha.**

Le Danger

Allô! Queres acceitar-me como tua noivinha? Não sou linda, mas sou bem sympathica. Não aprecio bailes, mas em compensação pratico os esportes com grande amor. O meu perfil é: loura, olhos verdes e altura média. Sou sincera, mas em troca tambem exijo que sejas sincero commigo. Caso agradar, responde a — **Peixinho.**

11680

Supponho que não lês a Cigarra, pois, do contrario, não posso comprehender como uma moça tão linda, como o és, possa ser tão ingrata, não respondendo ao meu appello. Dizem que as paixões são sempre de pouca duração, porém, aguardo a occasião para, quando te encontrar, falar comtigo. Acceita um abraço do teu admirador — **Cascudo sem o Jorba.**

Respondendo e cavando

Le Danger e Ben Hur — Gratos. Prazer é todo nosso. Disponham dos nossos fracos prestimos. Amigos ás ordens. Liliana, Talu', Estrella do Norte, Flôr D'Alisa, Poupée, Alma Lêda, Orchidéa, Troika e Angoulême: — Queiram acceitar a nossa sincera amizade. Gratos, ao inteiro dispor, os amigos — **Jorba e Cascudo.**

Alma Leda

Queira acceitar a amizade de um rapaz muito distincto, bomzinho e sympathico. Não a conheço pessoalmente mas tenho ouvido falar muito da Rainha das Collaboradoras. A' espera, impaciente, da sua honrosa missiva, fica-lhe antecipadamente agradecido, seu amiguinho — **Heliopolis.**

Ao Julinho

Você não soube comprehender-me! Porque me enganou tanto assim, si era noivo de outra? Responsabiliso-o pela minha profunda desillusão. Darei um beijo a quem contar de quem é o coração do dr. J. B. Costa Filho, advogado francano, ou a elle mesmo si resolver dar uma palavra. Compadeçam-se da — **Sceptica.**

Teçayndaba (N. C.)

Tendo acompanhado com insistencia o illustre cavalheiro, pela "A Cigarra", e descoberto que o mesmo reside na P. M. R. 21, pergunto si acceita de coração a minha humilde amizade.

Si acceitar, responda logo, pois estou muito anciosa pelo resultado — **Edla.**

Reverendo

Impressionou-me sobre tudo seu bilhete na secção "Correspondencia dos Leitores" da "A Cigarra". Quero amenizar o seu solitario viver, pois comprehendo quanto soffre uma alma por falta de um amor. Seria, para si, amizade distante, mas que saberá comprehendel-o. — **Risonha**

Para

Le Danger: — Fiquei curiosa e gostaria de saber se, de facto, me conhece mesmo. Não quer escrever-me uma cartinha?

Alma Sertaneja: — Estou longe mas sempre lembrando de ti dessa "Alma" romantica e sonhadora.

Alma Leda: — Como vae essa "Alminha"? Esqueceuse de mim! A's duas "Almas", muitas saudades da amiguinha — **Orchidéa**

Primavera

" A mulher é o melhor presente que Deus fez ao homem".

Foi assim que você, corajosamente, concluiu sua correspondencia a Inverno.

Agora, se me permitte, um pequeno reparo.

Se, de um lado, como você aponta, ha tantos prazeres fruidos, tantas vantagens auferidas, ha, tambem, de outro, o desfile infinito de tragédias e maleficios que a Historia registra. — **Anatole.**

Ignezita

Queres manter correspondencia commigo? Conheço-te, porém, não direi, para não romper meu mysterio; queres ser minha amiguinha? Coração que Soffre: — Console-se commigo, minha amiguinha. Rosario: Dar-te minha amizade? Já a possuem desde que comecei a collaborar. Acceita

saudades. Ben Hur: — Que me contas dessa zoninha? Caçador de Esmeraldas: — Os coupons não se acabaram; é atrapalhação. Já sabes. — **Piloto Mysterioso.**

Offertas...

Sublime Amor: — Se, de facto, fôr sem pretenções, offereço a minha fraca mas leal amizade. — Angoulême: Sejas bemvindo, amigo, nestas columnas da "Cigarra". Silencioso: — Entre todos, acceito a vossa offerta — **Ben Hur.**

Respondendo

Tamoya: — Grato mil vezes. Estou ao seu inteiro dispôr. Meiga Flavita: — Não tenho vasos e nem tão pouco vagas. Mas tua amizade será bem conservada em uma das muitas fibras de meu nobre e pequeno coração. Grato, sim. Mysteriosa: — Você é mulher: É um anjo e foi um dos poucos que lá do céo o divino nos deixou. Não julgue e tão pouco se zangue mas eu não sou catholico — **Ben Hur.**

Radiotelegrafia

Radiogrammas com Manon: Consta que na Penha ha mysterios; tudo posso crêr, menos isso. Na noite em que estive a teu lado, já me parecia o futuro 1980. Esperei-te conforme nós combinamos e não appareceste; foste ingrata para mim. Mas, não é com isto que eu posso ainda perder a minha pista. Diz o proverbio: "Quem espera sempre alcança". e eu espero é a bonança... Até outro encontro. Adeus. — **Ben Hur.**

Aos meus intimos

Caçador — Já tive opportunidade de lêr e reler o teu "famoso crays" "Nas Azas do Amôr". E' optima. Piloto Sem Mysterios, ou Com Mysterios, ou Amorozo: — Collega, julgo que Piloto pode ser, menos amoroso. Você sabe: isso não póde. Coração Aviador: — Escreve-me. Ando secco por saber noticias.

Esbelto Infante: — Um prolongado adeus do amigo — **Ben Hur.**

Juan Romariz

Um conselho para você: "Não desprezes a mulher quando ella cahe. Brota agua limpa na fonte, quem á suja é quem lá vae". Comprehendeste? — **Lotus.**

Para

Venus de Medicis: — Dia 15, das 2 ás 3, apesar da chuva, tuas ordens foram executadas. Notei: duas meninas bonitinhas conversando sobre uma amiguinha; uma moreninha que bateu a janella; mais duas sob as glycinias em flôr: uma senhorita dirigindo-se para a cidade com um irmão. Afinal, um carro sobre a calçada difficultando a passagem. Só faltou alguem! Escreve-me, sim? — **Diogénes.**

Resquicios

Alguem me disse que você, felicidade, era como um jardim grande e lindo, em eterna primavera, com flôres a trescalarem perfumes inebriantes, ás blandicias de um zephyro suave. E eu, então, passei a rebuscar na incommensurabilidade do seu nome, a ephemeride de sua vida. Mas você é má, é perversa... Antes nunca procurasse você, felicidade. — **Albatróz.**

Para Rosario

Você percorria a estrada da vida, creança feliz e descuidada. Os seus olhos diziam: "Quem quer habitar no reino azul da minha alegria feliz?"

Alguem pediu: "Fica commigo..." A minha alma velha e triste quer aquecer-se, ao sol da tua mocidade". Você ficou... Um dia a elle disse: "Chega de tanta luz; vae". Você partiu, mas deixando sua alegria. — **Meiga Flavita.**

Alguns

Ben Hur: — A minha amizade é como uma humilde violeta perdida numa immensidade de folhas que bem poucos procuram.

Nada de agradecimentos.

Cow Boy: — Foi muito amavel Agradeço o presente. Espero nova visita. Diogenes: — A tua amiguinha agradece sinceramente. Therezinha despede-se deixando a — **Santinha.**

Para...

Conselheiro do Amor — Passam-se as horas num morno silencio. Meus dedos tremulos desfiam, conta a conta, este rosario côr da lua. Agradecido...

Escolhestes um mimo tão bonito!

Ben Hur: — Que absurdo! Eu sou como uma grande e dorida lagrima que se perde no silencio da noite. Você é como um lindo "pierrot" vermelho.

II

Meiga Flavita: Tudo no mundo é uma grande mentira. A realidade não existe. E's uma criança linda, facil de contentar. Duas Levadinhas: — Agradecem? São muito boazinhas. A minh'alma é uma sombra fria e solitaria perdida dentro de mim. Por ser uma sombra, não sei como ella é. Inverno: Sou muito amiga da tua noivinha. — **Rosario.**

Para minha mãe

E's tu que, no silencio da noite, quando a minha alma cansada se põe a chor, vens de mansi-

selheiro do Amor: — Admiro-o sinceramente. Desculpe alguma vivacidade minha; até a vista. Rasputim — Não fui eu, não! Escreveu que responderia em qualquer idioma? Aguente agora a 'Elinika" Poupée! Poupée: — Você não podia achar resposta mais embaraçosa! Um successo! Quer dar-me um pouco da sua amizade? Simone: — Conte com minha humilde amizade. — **Diogenes.**

Noivas

Todos os dias, a toda hora, ouço dizer: case-se, case-se! Fiz-me sempre de surdo. Hoje ouvi!

Dizem os entendidos que preciso uma noiva.

Deve estar certo! Alerta pois, moças casadoiras ou viuvinhas! Aqui está um provavel marido.

A todos eternas saudades da — **C. de Rudsay.**

A Menrios

Até que emfim parece que acertei alguma coisa. Sempre que via as tuas collaborações nos nossos jornaes, tinha um presentimento de ser o mesmo da nossa "Cigarra". Sobre a E. Superior em que estás, creio ser a de Direito .Advinhei, ou não?

Si queres escrever-me primeiro, é favor dirigir ao meu pseu, posta restante e avisar-me antes pela "Cigarra". Saudades da — **Condessinha de Rudsay.**

nho acariciar-me com teus dedos de velludo. Eu queria ser eternamente um bebé, para te sentir mais minha e entregar-me, feliz, a ti... quasi a dormir, sem nunca perceber que o mundo existe. — **Rosario.**

Urgente (Hilda)

Pois bem. No primeiro sabbado após a publicação deste, esperar-te-ei onde, provavelmente, tomarás o bonde de volta para casa. Até lá — **Figueirôa.**

Para

Meiga Flavita: — Sabe perfeitamente porque não respondo. Con-

Não percam tempo: mandem perfil e mais detalhes! Gatinha: Sempre gostei das moças fazendeiras. Que tal, se "nois desse um geitinho?". Respondam a — **Kiss.**

Para alguns...

Lady Rose: — Recebeste a cartinha que te enviei por intermedio da redacção? Responde-me, sim? Camponez: - desta vez, creio que a carta não se perdeu, não é verdade? Diga-me: não encontrou a outra? Orlando: — Queres responder-me dizendo quem és? Sublime Amor: — Apesar de não crêr muito no teu pseu, candidato-me á tua amizade, acceitas?

Sant'Anna

(A você Bruno!)

I

O astro Rei silenciosamente declina no Poente, esparzindo os ultimos raios luminosos no azul violáceo do Céu.

A noite desce... a natureza dorme sob a vigilia da tarde, e eu penso em você, que está longe de mim... pensando em outra, talvez!

II

Um frio desalento se apodera, então, de minh'alma, que já se sente fraca e abatida, para proseguir na "Via-Crucis", que o des-

tino traçou cheia de amarguras e de soffrimentos...

E choro... A lagrima é o lenitivo para as grandes dôres.

III

Um ponto luminoso, faiscando ao longe, surprehende-me na janella, a chorar e a meditar nas amarguras que passei e passarei por ti, querido.

Esse pontinho luminoso é uma estrella, que vive feliz... Longe da terra e de seus enganos. Essa estrella é má, sorri da minha grande dôr, torturando-me a alma.

IV

Si penetrasses no meu intimo, linda estrella!... Chorarias um pranto doloroso como o meu, e enviarias, lá do alto, um punhado de luz, ao meu coração que tacteia em trévas.

Estrellinha querida! Vives unidinha a Deus, muito unida mesmo!

V

Pede-lhe que envie um pouco de paz á minh'alma!

Penetre, tambem,no intimo de quem amo; diga-lhe que eu o amei, que o amo e amarei até morrer de Amor! — **P. Q. Tita.**

Iromar

Sou uma caloura nesta revista. Queres corresponder-te commigo, por carta? Mlle. Demonio: — Gosto de você, tentação! Sou, tambem, um diabinho de saias. Quer ser minha alliada? Escreva-me, sim? Homero (Sant'Anna): — Desejando uma informação, gostaria de travar relações comtigo. Onde moras? Rosario: — Muito me agradaria a tua amizade. Offereço-te a minha, acceitas? Abraços da — **Condessinha D'Orioles.**

O dia em que eu...

... encontrar uma mulher educada, virtuosa (mas que seja sincera) amante de musica e cinema, tenho a convicção de fazel-a feliz...

Sou um rapaz que possue iguaes predicados; não danso e tampouco aprecio "baratinhas"... — **Virt.**

Gymnasio do Estado

(3.º anno B)

Observações: Idyllio Benjamin-Marina; palestra entre Clary e a dupla Orlando-Claudio; conversa na aula de Algebra entre Yvonne-Clary-Sylvia; Losso tirando copias dos pontos; Rubens "atrapalhado" no exercicio de francez; Lacreta esforçando-se muito; Benjamin fazendo "discursos". — **Speaker.**

Pirassununga

(Em confidencia)

Quem será capaz de fornecer-me as seguintes informações? Como vae a "H." depois que "perdeu" o "A. S."? E a "Z." que ficou sem o "J. P."? A "O." e a "A." já se conformaram em ficar sem o "A. R. M."? E, por fim, si a "Loira" ainda morre de amores pelo "Coruja"? Grato antecipadamente — **Nautilius.**

Nina Rosa

Ainda lê estas paginas bemquistas, amiguinha? Queria solicitar-lhe um immenso favor, pois tenho

toda certeza de que só a amiguinha poderá informar com precisão. Porém, numa cartinha, sim? Será tão complacente em acquiescer? Responda, Nina!

Aqui aguardará com impaciencia o humilde — **"Ignoto".**

Para o teu album

Ao contemplar, á minha cabeceira, — Aquella azul e pequenina vela, — Recordando da noite alviçareira — Dos teus quinze annos de existencia bella,

Eu tenho sonhos de illusão fagueira — Em que a chamma que se derrama della, — Como a estrella de nossa vida inteira, — Um céo pleno de amores nos revela.

E entre delicias, na visão ridente — Seguimos juntos, venturosamente, — Pela senda do ideal ambicionado:

Tu, docemente amparada em meu braço; — Eu, repousando em teu suave regaço, — Ditoso por te amar e ser amado! — **L.**

Ao Edgard Silva (Pinda)

(Salve, 26-9-1931)

... Na aza da imaginação venho felicital-o pelo abrir de mais um botão na roseira perfumada de sua existencia.

Sómente de sonhos e felicidades é digno o seu mimoso coração, onde a bondade floresceu. E felicidades e sonhos lhe deseja a — **Black and White.**

Pharmacolanda

Agradeço sua gentileza. Perdoando meu atrevimento, teve a fineza de transformal-o em palavras confortadoras.

Pharmacolanda dos lindos escriptos! Amará esse que tanto

a faz soffrer e que eu não conheço? Si me der ao menos um indicio, farei tudo quanto estiver ao alcance de meus fracos prestimos. E resta-me esperar 15 seculos. — **Triberane.**

Para C.

I

Voltas, emfim, minha querida, minha adorada C... Ao condemnado que deixa uma masmorra em que viveu por longos annos, subtrahido ao convivio dos seus semelhantes, não é mais grata a luz do dia, nem é mais bello o scintillar das estrellas do que, aos meus olhos, o fulgor do teu divino olhar. Voltas, emfim... Tornas para junto de...

II

... mim, — do meu coração, — mulher feita, na plenitude de tua belleza ideal, mais linda, mais mimosa que nunca... Eis que despertas, dos refolhos mais intimos de minh'alma, do mais recondito do meu coração, aquelle sentimento terno e indefinido, o affecto que eu suppunha extincto, mas que estava, apenas, em estado latente. Como um rio represado, contida a sua correnteza natural...

III

... ultrapassa o seu alveo, assim aquelle affecto antigo, recalcado para o intimo do meu coração sequioso de ternura, enche, transborda, avassala minh'alma... Oh! Quanto te quero... e como és bella! — **Berthy.**

Botucatú

O que tenho notado: — Os "flirts" da O. Teixeira; as saudades da H. Mello (console-se menina); a saia da Jitite; a seriedade da S. Motta (assim que eu gosto, mas cuidado que o dr. anda nervoso". Os "flirts" da Dalila A. no ultimo baile; a sympathia do Dudú; o novo terninho do Eolo; a paixão do A. P. R. pela S. Motta (deixe disso moço, ella não lhe dá importancia). A zanga da A.

Moraes ao ver seu nome no "Picão". — **Zé B. D. U.**

Capital

(Informação urgente)

A' querida "Cigarra" peço o obsequio de informar onde reside a srta. prof. Alcinda C. Ferrari, rua e numero. Ficarei muito agradecida. A amiguinha — **M. M.**

City Bank

(O que notei no ultimo baile)

O enthusiasmo de Zelinda; a camaradagem de Sophia; a ausencia de Clarisse; Joanninha desprezande alguem; Amelia só dansou com os santistas; Arlinda muito ratrahida; Aida com ciumes de alguem. Rubens sempre gentil; Raul com o pensamento muito distante; Ramos com cara de poucos amigos; Harris querendo bancar alguem; Constantino dansando divinamente. Da leitora grata — **Forget-Me-Not.**

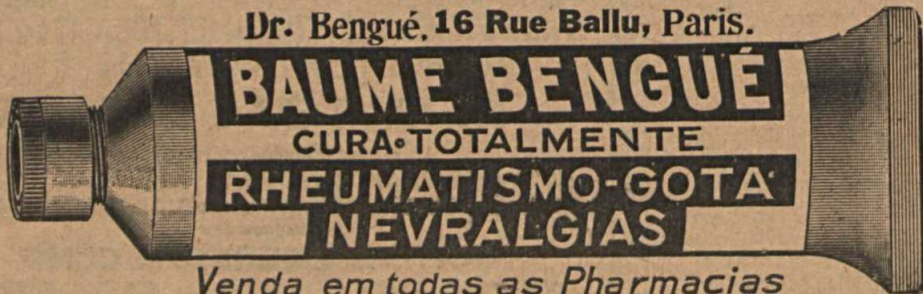
Para...

Elinor: — Recebi a tua cartinha. Parece-me que és boazinha... O futuro dirá. Coração de Ouro: — Minha psychóloga: li a tua carta. Veiu de tão longe. Como fiquei contente... Rosario: — Estou de posse da tua amavel cartinha que veiu cantar uma barcarola tão suave, no mar tempestuoso da minha vida... Eu estou na duvida sem saber se és menina ou anjo, se és do céu ou da terra... Elinor Coração de Ouro e Rosario: Pódem ir á redacção buscar respostas ás suas cartas, — eu fico esperando que não tardem em me escrever. — **Reverendo.**

Reverendo

Por um lapso de impressão, ficou truncada uma das expressões de meu escripto. Rectificando, transcrevo: Todavia posso utilisar-me de meus inocuos garranchos, que serão importunos, apenas á vista. Em vez de "Todavia posso utilisar-me de amarguras para receber meu serão importunos apenas á vista." — **Poupée.**

Para...

Duque Euramebo: — Foi uma surpreza o teu artigo, a mim dirigido. Pensei sómente que tinhas esquecido de mim. Apesar do conselho que déste, mais "triste" fiquei, porque não posso esquecer sendo esquecida. Agora bom "Duque", as tuas palavras consolaram immensamente a tua amiguinha. — **Coração Triste.**

A's Limeirenses

Limeira! Cidade encantada do Amor, terra de laranjaes sempre em flor!

Limeira! Immensas saudades tenho de ti! Muito te amo, porque, antes de ser Paulista, me orgulho de ser Limeirense e por viver longe de ti é que desejo corresponder-me por carta com uma conterranea, sendo intermediaria a nossa querida "A Cigarra" e, antecipando-me, penhoradissimo:.. agradeço. — **Sublime Amor.**

Bolo intromettido

I

200 grs. do olhar da Helena C. Machado; 5 grs. da alturinha da Myriam Libero; 3 grs. do convencimento do Noemia M. Nogueira; 200 grs. da meiguice da Ilza das Neves.

Bate-se bem, mas muito bem batido e junta-se 200 grs. do lindo sorriso do dr. Ary B. de Siqueira; 150 grs. da sympathia do Constantino Fraga.

II

4 grs. do olhar descoroçoado do Henrique Tompson; 100 grs. da sympathia do Joaquim Lima. Leva-se para coser no coração ardente da C. Café. Enviarei depois ao Nelson B. de Siqueira que, amavel como é, não deixará de dar a sua valiosa opinião e de responder á — **Perola do Oriente.**

Para a Talu' — Estrella do Norte

I

Na sciencia grave e profunda dos theologos, as divindades têm os seus eleitos inexplicaveis, ao juizo dos homens.

Foi esse, talvez, o criterio seguido pelos deuses para que te

houvessem doado voz tão maviosa, a par de um encantamento que faria inveja á propria Venus.

E pela tua voz, unicamente pela tua voz, estou

II

certo de que és encantadora, e de que tens no cabello a pallidez marmorea da lua e o cheiro fresco das florestas virgens.

E o timbre de tua voz me diz que és muito moça ainda e... que amas alguem... Serei eu esse alguem?...

E tenho a impressão doce de que te conheço, de que me conheces, porem,

III

de onde? Onde nos vimos, em que encruzilhada o Destino — esse maravilhoso pastor de almas — nos collocou em frente um do outro?!

E's linda, Talu'... Dirás, ao certo, que divago, que escrevo muito, ou que exaggero nos elogios á tua belleza; eu te direi que não, que suponho que te agradam os devaneios poeticos, porque entendo que a almas romanticas, como a tua, agrada o sentimentalismo, é porque, Talu', é porque... eu te amo! — **Guarda-Marinha.**

Angoulême, responde

I

Gisela Angoulême, Flory, Edegarda, Maryhelene, Bonequinha Loura, M. J. C. F., e Fernanda: — Recebi suas amaveis cartinhas, tendo respondido todas. Escolhi para minha noivinha a primeira, para Dama de Companhia a ultima, e ás demais offereço minha sincera amizade. Fernando: — Tua carta, mais masculina que feminina, revela que a vaidade, o scepticismo,

II

e o egoismo são os unicos tristes companheiros de tua vida. Para tua desgraça não sabes reconhecer e menos ainda venerar as qualidades dos outros. Sómente espiritos pobres e mediocres procuram ridicularizar, escarnecer de seus semelhantes.

As naturezas mesquinhas podem achar gosto nos revezes de outrem e incommodar-se com seus successos.

Podes esguelar-te á vontade: não voltarei. (Aquila non capit muscas) — **Angoulême.**

Observador "Barra Funda"

I

Não sei como explicar o motivo que me levou a retornar a estas paginas onde sempre fui tido como temido adversario dos que peregrinam pelo caminho de Tartufo. Volto, todavia, para lançar o repto a ti, que tomaste estas paginas como um celleiro de tolices, pois perguntaste se havia algum valente que quizesse degladiar-se com tua penna.

II

Por isso, lanço este repto pelo qual se desvendará as serias complicações que deixaste em torno das collaboradoras da Barra Funda. Nico: se continuase nas tuas observações, ver-me-ei constrangido a publicar o que se passa na Rua Victorino Carmillo.

Aguardando combate, está o sempre invicto — **Vargas e Pitigrilli.**

Observador

(B. F.)

Se não abandonares as collaborações injustas "observações" da B. B., pedirei o concurso dos meus sinceros adeptos que residem na Barra Funda, para virem ao combate contra quem tomou o caminho da moral pela viella estreita onde se abrigam os que, como tu', são chamados mendigos de espirito. Que sejas breve — **ABB. Faria.**

Repicando...

Quem foi que dirigiu um artigo a Fernanda, com o pseu de P. Q. Nita? Peço o favor de arranjar outro porque este me pertence... Teria muito prazer em manter correspondencia com collaboradoras de Villa Marianna. Quem quererá escrever uma cartinha para a verdadeira — **P. Q. Nita?**

A alguem

I

Amei-te, amo-te e amar-te-ei sempre, com todo o fervor de um coração apaixonado. Como eram acalentadoras as esperanças que ideavamos nas tardes em que passeavamos, juntinhos, felizes, sem pensarmos que aos nossos pés se abria um abysmo, abysmo da opulencia, que só seria transponivel com o reverso da sorte de um de nós. Castellos succediam-se

II

a castellos. Era uma illusão cruel e irrisoria. Do sonho á realidade foi por demais triste a nós. Até aos que amam é vedado o prazer de serem felizes. Como é cruel a sociedade! — **Jorba.**

Morena!!!

Se em amar comprehendesses que poderiamos encontrar a felicidade, muito te diria.

Mas, quero-te tanto que ei de mostrar-te como na verdade se ama: é sentindo a doçura da minha voz; gozando o prazer dos meus beijos quentes, sorvendo a felicidade na sinceridade do meu amor, deste amor que eternamente será uma promessa incomprehensivel na vida do — **Sublime Amor.**

Querida Cigarra

Como não conheço ninguem desta querida "Cigarra", e querendo collaborar, apresento-me: Claro, de olhos e cabellos castanhos, tenho 18 annos e sou estudante. — **Lando.**

Atheneu Brasil

I

Quanto me dão pela "esperteza" da Marina, com os alumnos do Anglo? (Deixe disso, menina não brique com fogo); pela paixonite da Yolanda? (Não desconfias que o Arthur é noivo?); pe-

la sinceridade do Athur?" pela "colera" da Lydia? pela desillusão do René? (Isto é da vida, menino) pelas exigencias do Italo? pelos olhares da Dinah? pelas peraltices do Hugo? pelo retrahimento da Asta?

II

pelos amores da Durcilla com o João? (quem cáe na rêde é peixe, não é?) pela habilidade do Naim e da Jandyra na patinação? (parecem kagados) pelos enfeites da Marcellina? (o carnaval está longe!) pela tristeza constante do Alvaro? (não tens geito de apaixonado!) e finalmente quanto me dão pelos "pegas" do sr. Ladislau? — **Lando.**

A Juan Alvarado

Attendendo ao teu chamado, aqui está a penna feminina prompta a lenir tua pena — mas não é nem loura nem morena. — E não sendo ingenua menina. Talvez seja mixto de flor e fructo. — Mas nunca uma flor de luto. — **Gloria Swanson.**

Spendius

Yes, yes, yes...

Se são estas as palavras pelas quaes anceia, já estão ditas. Você garante que seremos muito felizes.

Eu tambem garanto. Esta garantia muito me alegra.

Pelo que vejo, o Spendius pretende amar sómente por meio da "Cigarra".

Estou de pleno accordo.

Peço-lhe que me envie o seu perfil. Desde já lhe agradece a — **Gatinha.**

Dezoito

Prompto! Até que mfim achei um "Ratinho". Estou contente. Então, você toca piano, violino, etc.? Que bom!... Eu toco um pouquinho de violão, canto, porém não encanto.

Sou um pouquinho assim, bonitinha. Olha...

Já que não posso ouvil-o pessoalmente, peço que me mande o nome de uma das suas composições para poder avaliar... Gosto muito de musica. Da — **Gatinha.**

Para S. Manoel

A Irene falsificando a letra do Renso Castaldi na musica (isto é

muito feio). A bondade da L. C. Mello. O fóra do F. C. Mello. A paixão da Sylvia R. O orgulho das Limas. A belleza da M. Romano. A Lola G. procurando um noivo (será que encontra?) Por que será que L. M. C. não dansa mais? O B. Castaldi muito namorador. O Nello Farga muito triste por que a noiva está fóra. As Fargas foram procurar noivos em Jahu'. O Renzo fazendo fitas em S. Paulo (cuidado, hein?) — **Cravo Vermelho.**

Gymnasio do Estado

(3.º Anno A)

Caros collegas. Como é alegre revelar as cousas interessantes e como é nefasto fazer reviver as cousas funestas! C. Valente é apreciadora do "footing" depois das aulas (ah! fim de anno!). M. Ortencia, alguem reclama da sua camaradagem... A Guiomar F. diz que escapou d'um tiro do dr. F. V.; Cecy P., se você tivesse os olhos da Inah P... N. Sirano: quem mexe na vespeira sáe mordido: deixe o bigode do dr. S. L. em paz. Uma collega pergunta ao Altino M. se por acaso ama... — **Sandalo.**

Alerta, rapazes!

Procuramos dois rapazes distinctos e honestos que nos queiram para noivinhas. Eis os nossos perfis: Lydia tem 1,65, morena, cabellos e olhos castanhos; Nydia tem 1,60, clara, cabellos e olhos pretos. Ambas possuimos 19 primaveras e... julgamo-nos bonitas. Lydia prefere de 20 a 25 annos e Nydia de 25 a 35. A quem interessar pedimos enviar resposta por intermedio da "Cigarra" a — **Lydia e Nydia.**

Desirée

Cheguei de longa viagem e estou com uma doida saudade de você. Ainda continua morando na Liberdade, ou já voltou para Bragança? Queira escrever-me, para a caixa n. 1238, enviando-me seu endereço certo, porque desejo muito escrever á "minha Desirée". Tem terriveis novidades a lhe contar o — **Jób.**

Respondendo

Ignoto: — Caro amiguinho: infelizmente, estás enganado; eu não sou L. S. As minhas iniciaes são M. G. L.; mas, assim mesmo, poderemos ficar camaradas. Acceito tua amizade, offerecendo-te a minha. Tuas iniciaes, sim? P. Q. Tita: — Boa amiguinha: acceito tua amizade e offereço-te a minha. Desde já ás ordens. Garota: — Copiaste a minha apresentação, hein? — **Estrella d'Alva.**

A Zamba Mac Paunga

I

Tive o prazer de receber sua amavel resposta e agradeço-lhe tão prompta gentileza. Não me conhece. Equivale isto a dizer que eu tive a presumpção, a vaidade de julgar-me distincta aos seus olhos, que concebi a idéia de ser comprehendida não sei porque, e nem com que merecimento. Ainda mais: é uma reprehensão justiceira ao meu orgulho, o mesmo que dizer-me:

II

não cuides que te realças para ser vista entre tantas obscuridades, que passam desapercebidas debaixo dos meus olhos. Peço que acredites que, se eu reconhecer que nas suas palavras não ha falsidade, não terei duvida alguma em acceitar sua amizade, e bem assim em estimal-o tambem com todo o affecto da minha alma.

Com reconhecimento e affecto — **Snrta. Gaby.**

A's collaboradoras

Rapaz com 18 primaveras, moreno, cabellos crespos, altura média, olhos castanhos, frequentando os cinemas Odeon, Paratodos e Rosario, procura uma amiguinha que queira fazer companhia.

As interessadas queiram escrever para a redacção, enviando perfil. Possue uma baratinha chapa P. 23. — **Rafles do Amor.**

Aziul

Você já viu a alegria de uma creança quando o Papá lhe dá uma bonéca, um brinquedo qualquer? Fica o dia todo o dia todo contemplando seu novo brinquedo.

Pois foi o que aconteceu commigo, quando abri a "Cigarra" e vi o seu recado.

Fiquei alegre, contente, eu que sou tão triste... Li e reli as suas palavras tão ternas... — **Reverendo.**

A' D. Giam...

I

E' hoje, cara noivinha, que entre abraços e beijos vês transcorrer mais um anniversario. Praza aos céus que o dia de hoje te seja immensamente feliz, que seja a bonança vinda após á tempestade. Que o aroma que vem das flores que hoje receberes sejam para ti um balsamo suavisador, pois bem merece a tua alma de santa...

II

...e o teu coração de martyr.

Esses são os votos que formula aquelle que te elegeu para ser a sua companheira de alegrias e infortunios, aquella que deve compartilhar do seu viver na estrada incerta do destino, ora amargo e cruel, ora ameno e esperançoso.

Creia, cara noivinha, que os votos que ora faço são os votos de um coração amante e por-

tanto cheio de esperan-ças no porvir...

III

... Apesar dos obstacu-los surgidos que pare-cem irremoviveis, eu te-nho fé ardente que um dia possamos ambos af-redar do nosso caminho a inveja, a maledicencia de pessoas despeitadas.

Não te esqueças de que ha de te venerar até á morte. — **Cyrius.**

Respostas

(Ao pé da letra)

I

O Roberto cáe sempre da bicycleta porque não sabe andar. O Er... anda sempre sem chapéo porque pretende fazer fechar as fabricas do industrial Ramenzoni. ... Ity gosta da letra "D" porque com ella se escreve "Doce" (Quem que não gosta de doces?). O Antonio está sempre na rua Sen... Madureira...

II

... (onde é, mesmo, que fica?...) porque precisa "amadurecer" o tempo. O Helio é tão sympathico, porque cahiu nas suas graças. O Ariowal-do é tão bonitinho, porque... "Jacob" é tão fe-nho. O Sylvio é tão tris-te, porque levou um "fó-ra". E quem é você? E'... é... a "Estrella d'Alva". "Pardon"! — **Fofó Bo-lonha.**

Para H. Maia

(Pindamonhangaba)

Querida. Ha quanto tempo que não te vejo. Ainda resides em Pinda? Tudo fiz para esquecer-te. Em vão... Procuran-do consolo, encontrei uma companheira que me quiz e me amou, embora não correspondida. Ella viverá commigo eternamente. Sabes quem é ella...? E' a tragica saudade que me toma por esposo, para triplicar meus soffrimentos. — **Um pinhalense.**

A RAINHA CAPTIVA

Conto de Konrad Bercovici

O exercito de Alexandre, o Grande, se estendia ao longo do extenso valle que se encontrava além da cidade de Ecbatana. Trezentos e cincoenta mil homens se achavam acampados na planicie, discutindo, lutando, entregando-se a pequenas scenas de pugilato, ou trocando, entre si, as partes da presa que lhes coubera ao termo da batalha que acabavam de vencer contra o poderoso exercito persa. Joias magnificas, trajes principescos, marfins, obras de arte, e, sobretudo, escravos, muitos escravos, formavam os objectos daquellas transacções.

Um escravo do sexo masculino se trocava por uma adaga de punho cinzelado, emquanto que por uma escrava não se obtinha mais que algumas moedas de cobre. Os montanhezes da Macedonia, de largas vestimentas brancas e fluctuantes que usavam por sobre os seus guerreiros atavios de couro, e os habitantes das planicies da Tesalia, que não levavam sobre seus corpos outra vestimenta sinão pelles de carneiro, experimentavam, agora, os magnificos trajes confeccionados em tecidos preciosos, tomados como presa de guerra aos persas vencidos. E, com olhos admirados como se creanças fossem, contemplavam aquelles tecidos de seda flexivel e tenue, semelhando a teias de aranha, que lançavam cambiantes reflexos como asas de mariposas feridas pelos raios do sol.

Os macedonios haviam vencido a Dario, o rei dos reis, cujo exercito se dissipára ante elles, como neve derretida pelo sol. Haviam conquistado o que até então se considerava inconquistavel e as riquezas dos persas constituiam, agora, a sua presa; sua terra lhes pertencia por direito de conquista; suas mulheres haviam passado tambem a ser propriedade dos vencedores. O proprio Dario tinha cahido sob a espada impiedosa do inimigo, como a ovelha que se extravia e perece devorada pelos dentes aguçados dos lobos.

Varios dias passavam já sobre o termo da batalha e os gregos continuavam na terra conquistada, comendo á farta e bebendo até mais não poder. Os soldados mais vigorosos do exercito de Alexandre não podiam conduzir presa maior sobre os seus hombros e nem os cavalleiros sobre o dorso de seus cavallos; todos estavam mais ricos do que haviam sonhado, e, agora, aguardavam apenas licença para regressarem ás suas cidades ou para onde quizessem. Alexandre já não exigia mais desses homens que o haviam seguido á Asia para conquistar a Persia e derrotar a Dario. Estavam ricos ,porém cançados em virtude desses cinco annos em que não fizeram outra cousa se não batalhar.

As mulheres pertencentes á casa real de Dario, sua mãe, sua esposa e suas duas filhas, que eram tambem prisioneiras, estavam fazendo os preparativos para os funeraes de seu chefe, emquanto que, com permissão de Alexandre, o Conquistador, os soldados celebravam sua victoria...

Um immenso espaço tinha sido cercado com largos pedaços de madeira encimados por fortes cravos de ferro ponteagudos, e, fóra deste recinto, se erguia a tenda doirada de Dario, armada sobre um monte de tapetes orientaes Era dalli, onde as carpideiras choravam a morte de seu amo, que partiam os gritos de dôr, mesclados ao clangor dos instrumentos de bronze que annunciavam a approximação de Alexandre. Os soldados correram de todos os cantos do acampamento, atropelando-se, empurrando-se, cahindo e levantando-se, em meio da maior algazarra, para assistirem ás grandes festas que se iam iniciar. Todos demonstravam uma ansia incontida, um enthusiasmo enorme, para vêr e acclamar seu chefe.

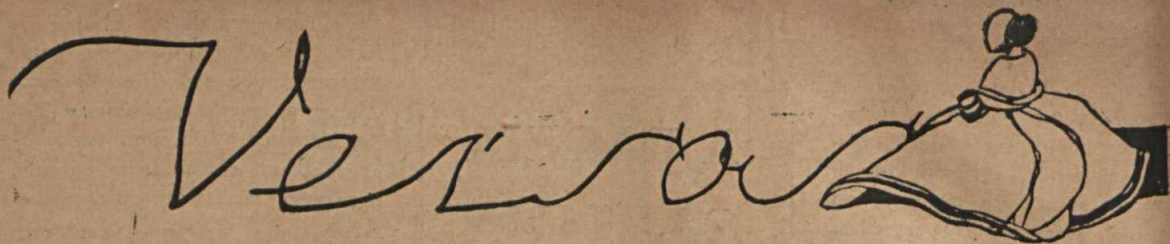
Formando extranho contraste com os brilhantes uniformes de seus generaes, com o berrante colorido de tecidos que ostentavam soldados e capitães, Alexandre appareceu vestindo pelo costume macedonio: uma tunica curta, de côr marron escuro, sobre a pelle núa; os pés encerrados em sandalias de couro; trazia a cabeça descoberta. Alexandre foi o ultimo, no seu exercito, a adoptar os trajes brilhantes dos asiaticos conquistados.

Alli, em presença do amo, aquelles homens, que haviam encarado a morte frente a frente, em cem combates, permaneceram silenciosos, e, durante algum tempo, nem sequer se atreveram a mover-se. Parecia que um colapso immenso descera sobre elles; entretanto ,muitos delles haviam conhecido Alexandre quando não era mais que uma criança!...

Seus generaes e capitães pareciam collossos ao seu lado, pois a maioria se lhe avantajava muito em estatura. O homem que acabava de conquistar o imperio mais poderoso da terra, era baixo e de fragil apparencia. Apenas contava vinte e cinco annos e parecia ainda mais joven.

Era aquelle o homem que durante cinco annos os havia conduzido de batalha em batalha e a cujas ordens obedeciam sem vacillar? Aquelles que o haviam visto á testa do exercito, que o haviam visto combater manejando uma espada ou uma lança de combate, mais pesada que a de qualquer delles, não podiam crêr no que lhes mostravam seus olhos no vel-o, agora, despojado de seus apetrechos de combate.

Alexandre avançou lentamente até seu throno. Parecia cançado e

(Continua no proximo num.)

Symphonia

Quando o luar descer á tua porta
e ao teu jardim,
quando tua illusão estiver morta,
e tudo agonisar dentro de mim;

Quando a esperança que nos dá conforto
humildemente desapparecer,
quando tudo aos meus pés estiver morto...

Num anseio incontido de te ver

Si eu puder (a esperança toda-morta),
escolher o meu tumulo sombrio,
irei agonisar á tua porta
numa noite de frio.

Quando as andorinhas
encherem de silencio este logar,
e forem com as esperanças minhas
voando
e se afastando
devagar...

E quando os roseiraes,
sob a luz das estrellas silenciosas
e immortaes,
desfolharem as derradeiras rosas
vermelhas, de velludo,

os meus olhos nevoentos, vendo tudo
agonisar e desapparecer,
hão de te procurar na noite fria,
desde a desolação que ha na agonia
pela ultima vez, para te ver!...

JOÃO SEABRA

Na minha vida

(A alguem, immensamente loira e immensamente linda)

Passaste...
esvoaçaste...
— loira, doirada ao vento...
pelo meu sedento olhar...
e foi tal a sensação
que fiquei nesse momento
em pensamento, a rezar,
de amor e unção...

passaste...
esvoaçaste...
— loira, doirada e linda...
como eu não vira ainda!
de labios côr de morango,
a sorrir enamorados;
olhos dolentes de tango,
assetinados...

passaste...
esvoaçaste...
— loira, doirada a encantar...
da pura côr do alabastro...
da côr da espuma do mar...
eras a luz sem um véu...
que deslumbra... eras um rastro
da luz do céu...

passaste...
esvoaçaste...
— loira, doirada, subtil...
pisaste meu coração!
quiz tambem pisar o teu...
mas por elle, veio, o mau,
pedir-me, logo, gentil...
— "não pises, não..."

passaste...
esvoaçaste...
— loira, doirada e triste...
fôste feliz, não me viste!
só por ver-te de fugida,
esvoaças, bailas e passas,
e eternamente perpassas...
na minha vida...

ARTHUR DE MACEDO

Agentes da "Cigarra" na
Europa:
E. BOURDET & CIA.
Rue Tronchet, 9
PARIS

Nossos agentes na Europa: E. BOURDET & CIA. — Rue Tronchet, 9 — Paris.

Unidos para sempre, até a morte os separar

É ESTE o caracter dos laços matrimoniaes no Brasil, onde uma alta moral religiosa tem protegido a sociedade contra as investidas vãs do divorcio, planta damninha que não póde medrar em terra christã como a nossa.

É em tal base de *união até á morte* que se fundam os lares brasileiros, cujo caracteristico é o espirito tutelar da esposa, guarda vigilante e incondicional da familia.

Mas para que a joven esposa possa arcar desde o inicio da vida conjugal com suas responsabilidades de zeladora do lar, é preciso que saiba defender a propria saude, contra os males periodicos a que está exposta todos os mezes. Para isto basta ter sempre na lembrança que para os *Incommodos de Senhoras* nada ha que se compare ao infallivel remedio

A SAUDE DA MULHER